

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.  
Permitida a cópia. A citação deve ser textual, com indicação de  
fonte conforme abaixo.

LEONARDOS, Othon Henry. *Othon Leonardos (depoimento, 1976)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 107 p.

**OTHON LEONARDOS**  
**(depoimento, 1976)**

## *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Aspásia Alcântara de Camargo; John Forman; José Pelúcio Ferreira; Márcia Bandeira de Mello Leite Ariela; Simon Schwartzman

levantamento de dados: Patrícia Campos de Sousa

pesquisa e elaboração do roteiro: Equipe

sumário: Equipe

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 13/10/1976 a 09/12/1976

duração: 5h 50min

fitas cassete: 06

páginas: 107

Entrevista realizada no contexto do projeto "História da ciência no Brasil", desenvolvido entre 1975 e 1978 e coordenado por Simon Schwartzman. O projeto resultou em 77 entrevistas com cientistas brasileiros de várias gerações, sobre sua vida profissional, a natureza da atividade científica, o ambiente científico e cultural no país e a importância e as dificuldades do trabalho científico no Brasil e no mundo. Informações sobre as entrevistas foram publicadas no catálogo "História da ciência no Brasil: acervo de depoimentos / CPDOC." Apresentação de Simon Schwartzman (Rio de Janeiro, Finep, 1984).

A escolha do entrevistado se justificou por sua vida profissional. Doutor em Física e Matemática, o entrevistado foi petrógrafo do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, naturalista do Museu Nacional e diretor da Mannesmann Mineração S.A.

temas: Antropologia, Bolsa de Estudo, Capistrano de Abreu, Companhia Vale do Rio Doce, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico E Tecnológico, Código de Minas, Ensino Superior, Escola Politécnica, Expedições Científicas, Formação Profissional, Francisco Campos, Geologia, Gustavo Afonso Capanema, História da Ciência, Indústria Metalúrgica, Instituições Científicas, Mercado de Trabalho, Metodologia de Pesquisa, Ministério da Educação E Saúde, Missão Abbink (1949), Museu Nacional, Paulo de Frontin, Período Imperial (1822-1889), Pesquisa Científica E Tecnológica, Política Científica E Tecnológica, Positivismo, Recursos Minerais, Reforma Educacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade do Distrito Federal

## *Sumário*

### Sumário da 1ª entrevista:

Fita 1: a convivência com Teixeira Soares, Paulo de Frontin e Capistrano de Abreu; o início da geologia no Brasil: a criação da Academia Real Militar, a contratação de G.L. von Eschwege, a coleção de Papt von Oheim, a contribuição de Guilherme Schür; a vinda de Louis Agassiz e de Charles Frederic Hartt para o país; as expedições de Hartt e Orville Derby; a Comissão Geográfica e Geológica do Império; as conseqüências da Lei de Desacumulação de Cargos de 1937; Henry Gorceix e a criação da Escola de Minas de Ouro Preto; a Escola Central: a formação militar de nossos engenheiros; a fundação da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e do primeiro curso de engenharia de minas; a influência francesa em sua geração; a atração dos alunos do curso do Rio de Janeiro pela Escola de Minas de Ouro Preto; as perseguições dos republicanos a Gorceix e seu afastamento da Escola em 1899; José Cândido da Costa Sena; a qualidade dos trabalhos geológicos realizados no país na época; a usina do Vale do Rio Doce; o ensino de metalurgia no Rio de Janeiro: Ferdinando Laboriau; as relações entre a Escola Politécnica e a Escola de Minas de Ouro Preto; a vinda de Eugênio Hussak para o Brasil; a morte de Laboriau, Amoroso Costa, Tobias Moscoso e outros professores da Politécnica no desastre do Santos Dumont em 1929; a contratação pelo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil; a expedição de levantamento do rio São Francisco realizada em 1921; o concurso para petrógrafo do Serviço Geológico; origem familiar e o interesse pela geologia; a influência positivista na Escola Politécnica do Rio de Janeiro; a visita às principais universidades norte-americanas como bolsista da Carnegie Edowment; as pesquisas sobre as jazidas de chumbo do Vale da Ribeira do Iguape.

Fita 2: os cursos de extensão universitária da Escola de Engenharia da Universidade do Brasil; a fundação da Rádio Sociedade em colaboração com Roquete Pinto e Henrique Morize; a visita de grandes cientistas ao país; os recursos minerais brasileiros; a contratação como auxiliar de ensino da cadeira de mineralogia da Escola Politécnica; a vocação para a geologia; o assistente Oscar Edwaldo Portocarrero; a Campanha de Formação de Geólogos (CAGE); o curso de geologia do Rio de Janeiro; a luta pela criação da carreira e da profissão de geólogo; os primeiros cursos nacionais de geologia.

Fita 3: o Ministério Capanema; a extinção da Universidade do Distrito Federal (UDF1; o antigo Serviço Geológico e a criação do Departamento Nacional da Produção Mineral; a reforma do Código de Minas; o engenheiro de minas e o geólogo.

### Sumário da 2ª entrevista:

Fita 1: a eleição para a direção do Museu Nacional; a coleção mineralógica de von Oheim; a vinda de Eschwege para o Brasil; a história do ensino de mineralogia e geologia no país: o curso da Academia Real Militar, a criação do curso de engenharia de minas da Escola Politécnica e sua extinção em 1890, o curso de geologia do Rio de Janeiro, a fundação da Escola Nacional de Geologia e sua incorporação ao Instituto de Geociências da UFRJ; as divergências entre as escolas plutonista e metonista; a contribuição científica de Guilherme Schür: a refutação da teoria da glaciação de Agassiz; a formação dos primeiros geólogos brasileiros; a Associação Brasileira de Educação (ABE): os membros fundadores, os cursos de extensão universitária, a luta pela criação da universidade e do Ministério da Educação; a fundação da UDF; a incorporação da Escola de Minas de Ouro Preto à Universidade do Brasil; a Reforma Francisco Campos; as conseqüências da Lei de Desacumulação de Cargos:

o esvaziamento da universidade; as linhas de pesquisa do Serviço Geológico; a criação do Departamento Nacional da Produção Mineral; a mineração no Império e no início da República; a fundação da USP e da Universidade do Brasil; o modelo da UDF; as reuniões sexta-feirinas do Instituto Biológico de São Paulo; a participação em congressos internacionais; a visita às principais universidades dos EUA; o interesse pela antropologia; o convite para integrar a Comissão de Estudos e Fiscalização de Minerais Estratégicos; Alvaro Alberto e a criação do CNPq; o mercado de trabalho para os jovens geólogos; a Missão Abbink-Bulhões.

Fita 2: a política do atual CNPq; a importância do planejamento das atividades científicas; a participação do entrevistado em órgãos e comissões governamentais.

## 1ª ENTREVISTA – 13/10/76

O.L. – Era uma geração de adultos e eu era o único garoto. Eu sempre vivi no meio de velhos. Não sei por quê. É sempre comum uma geração conviver com os mais velhos. Por exemplo, eu convivi com Teixeira Soares, que me chamava de neto, com Paulo de Frontin, com Capistrano de Abreu, com toda essa turma velha mesmo. Eu era muito pouco precoce, em certo sentido e muito maduro pelo meio em que eu vivia, o que era um contraste. Meus pais tinham muitas relações e eu tinha dois tios que tinham uma loja de porcelanas na rua do Ouvidor, onde hoje é aquele prédio de ótica.

S.S. – Lutz Ferrando...

O.L. – Eles tinham lá um grupo de cadeiras para o pessoal todo, porque a rua do Ouvidor era o Brasil todo. Todo sujeito do Brasil que passava no Rio ia para a Rua do Ouvidor. Um desses que estava sentado todo dia lá era o Rui Barbosa, de maneira que atrás do Rui vinha todo mundo. Então, eu assistia aquelas coisas todas, por exemplo, o Rui contando o discurso que ele ia fazer no dia seguinte em cima do Pinheiro Machado. Muitas vezes, para escrever pegava lá um papel da Casa Leonardos. Eu tenho uns autógrafos de alguns deles.

J.P. – Casa Leonardos, é essa casa...?

Mulher de OL. – Essa hoje é de um empregado. Tanto que o Thomas Leonardos não deixou ele botar Leonardos. Tirou o s, Leonardo.

S.S. – Então, o lado que nos interessa em primeiro lugar, mais de perto, é a parte que tem a ver com a Geologia como ciência, como área de estudo, como área de pesquisa no Brasil, que a gente sabe que está ligado à tradição da Politécnica.

O.L. – Então você gostaria que eu falasse rápido ou que desse uma explicação? Porque a gente entendendo é muito fácil pra mim, não entendendo ficam coisas só assim, sem sentido...

S.S. – Certo.

O.L. – Então, vamos começar do começo. O Brasil, todo o mundo sabe, foi colonizado por portugueses. Pelo menos a gente diz isso, né? O português estava mais ou menos na Idade da Pedra. Não é preconceito, porque o continente europeu separa-se do continente africano pelos Pirineus, geologicamente falando. Então, Portugal faz parte da África, claramente faz parte da África, e quem tem dúvida sobre isso vê que um dos maiores geólogos do fim do século XVIII e começo do século XIX era José Bonifácio de Andrada e Silva que estudou em Portugal, foi tudo em Portugal. O que ele diz do português como ciência, como tudo, é insuspeito porque ele era autoridade. De maneira que não é... Então, eu passei esses últimos vinte anos de minha vida escrevendo sobre a história das geociências no Brasil. Só publiquei dois volumes, mas tenho arquivos inteiros sobre isso. Lá você encontra de tudo, menos de Portugal. O que é que nós aceitamos como vindo de Portugal? Praticamente zero, não é Formann? Eu, achando que isso era um absurdo, quando fizemos um simpósio sobre Manto Superior na Academia de Ciências, convidei um português, o Cutelo Novo, que naquela ocasião era considerado um dos melhores e acabou sendo aí Prospector da Universidade de Coimbra. Pois bem, foi o único de todos os que vieram para o congresso que não escreveu uma linha para publicar. De forma que nós forçamos por tudo, por tudo...

F. – Escrevendo a gente se compromete, Dr. Othon...

O.L. – Não, eu digo, isso aqui é uma transcrição para entender. Então, a nossa cultura científica foi essencialmente estrangeira, do português.

S.S. – Agora, a Escola Politécnica, entretanto, tem uma tradição mais nossa, não é?

O.L. – Agora é o seguinte, o Brasil foi colônia, no sentido mais duro, até a chegada de D. João VI, não há menor dúvida. No tempo da Dona Maria, a Louca, era proibido fábrica, proibido tudo no Brasil, de maneira que não se podia ter escolas superiores, nada, nada, nem as coisas práticas, nem teares. Em compensação, Portugal recebeu muito estrangeiro. Primeiro, ele era um aliado da Inglaterra, aquele tratado de 1711,

de Methuen, foi decisivo para Portugal. O inglês absorveu o que pôde de Portugal, a última gota de sangue, parasitou o que foi possível, mas deu em troca a civilização e, sobretudo, aconselhou. Por exemplo, em Portugal, todo o exército, toda a parte cultural, tudo era estrangeiro, alemães, italianos, etc. O inglês tirando a mão, a mão sozinha não ficava na administração. Só na guerra peninsular que os ingleses foram extremamente hábeis, né? Basta lembrar que o Comandante das tropas portuguesas, Arthur Wellesley, venceu Napoleão. Napoleão começou a ser derrotado em Portugal pelo Sir Arthur Wellesley, que depois foi o...

J.P. – Wellington?

O.L. – Wellington, Duke of Wellington. Engraçado que, como se estudava a história muito mal, acham que são dois, Wellesley um e Wellington outro. Os ingleses aconselharam Portugal a contratar o Conde de Chambourlibick, que era um dos maiores generais da Europa, foi General da Prússia. Esse Duque de Chambourlibick criou um exército com tece pessoal estrangeiro, mas de primeira classe. Muitos deles vieram para o Brasil, vários engenheiros-militares. Então, na parte inicial do Brasil, todos os engenheiros importantes eram engenheiros-militares e grande número deles franceses, italianos, etc. E também alguns portugueses. Todos esses batalhões têm nomes aí desses primeiros comandantes. Por exemplo, o Magesi foi um dos que veio. Os alemães, então, criaram o exército brasileiro.

Quando D. João veio para o Brasil, ele criou a Academia Militar, que tinha um curso de Engenharia. Para a parte de Geologia, ele trouxe o Barão Luiz Wilhelm Von Eschwege, que foi contratado, a conselho de José Bonifácio, pelo Conde da Barca, com três outros, como Varnhagen. Eu estou com uma memória desgraçada. Eram quatro, Varnhagen foi quem construiu os fornos de Ipanema, em São Paulo. O Eschwege foi para Ouro Preto construir a mina de ouro, que hoje se chama Passagem, e construiu a fábrica Patriótica em Congonhas do Campo. Ele veio para o Brasil trazendo a coleção de minerais de... Era a coleção mais famosa, era a melhor coleção de minerais. Eram as duas melhores coleções de minerais que existiam no mundo. A do Museu de Paris foi cedida pelo Abade Aye que é considerado o criador da Mineralogia francesa. O Abraham Werner criou a Mineralogia alemã, quer dizer, foi o Werner que fez essa coleção de Von Oheim, que era professor da Escola de

Minas de Freiberg. Era uma coleção tão preciosa que Napoleão mandou uma ordem expressa para ser apreendida no Museu. Uma das primeiras coisas que um daqueles generais vai fazer é ir ao Museu d'Ajuda encontra-se com o Domingos Vandelli, que era diretor, e requisitar a coleção. De maneira que, quando a coleção já estava embarcada com o D. João VI... Quer dizer, Napoleão queria essa coleção para completar os trabalhos de Awaye, queria fazer uma ciência francesa e os alemães queriam que a ciência fosse alemã. Essa luta sempre existiu, desde os primórdios até hoje. Por exemplo, a nossa geração, que estudou em livros franceses, soube dessa história completamente desvirtuada. Tudo em primeiro lugar era francês, porque na minha geração aqui se espirrava até em francês. Era vergonha ler um livro em português, etc. e tal. Eu confesso que nunca li um romance em português a não ser..... Era só francês, o teatro, a música, etc. Essa coleção veio para o Museu Nacional, foi abandonada estragada e acabou a Heloísa Alberto Torres botando tudo em caixote para fazer aquela reforma de pintar o Museu. Então, nós não estamos nem na altura de apreciar um trabalho desses Então essa escola começou...

S.S. – Isso foi quando mais ou menos? 1950?

O.L. – 1880 e...

S.S. – Não, quando encaixotaram as pedras?

O.L. – O Museu era iniciado na Casa dos Pássaros, onde é hoje o Arquivo Nacional, lá na Praça da República. Depois ele foi... Muito modernamente i que foi para a Quinta da Boa Vista.

F. – Mas o encaixotamento que ele fala foi quando saiu do andar térreo da Escola de Engenharia.

O.L. – Não, isso aqui é uma posição pessoal. Então, a segunda coleção brasileira de tamanho valor era a da Escola de Engenharia, que era ótima. Era a coleção de D. Pedro II mais a coleção do..... Tem uma série deles. Isso é para mostrar que nós estamos aqui na Idade da Pedra. Então, os primeiros professores, todos de Geologia, saíram da Academia Militar e foram alunos de Awaye. O mais importante deles foi o



Guilherme Schür, filho do bibliotecário e secretário da Imperatriz Leopoldina, que foi um engenheiro famoso, foi que criou os telégrafos, fez uma expedição à Amazônia, etc. Foi professor durante muitos anos e teve alguns trabalhos notáveis. Por exemplo, ele contestou o trabalho de Agassiz. Agassiz era o maior glaciólogo do mundo. Era suíço. Louis Agassiz verificou que as geleiras dos Alpes estariam ligadas, no pretérito, com as geleiras do Círculo Polar. Com o fenômeno da Glaciação Quaternária, os gelos caminharam e foram até os Alpes. Então, em todo sopé dos Alpes, na Alemanha, se encontram aqueles blocos erráticos que é a prova de que houve uma glaciação e houve depois um degelo. Ele foi depois para os EEUU, contratado pelo Museu de Anatomia Com parada da Universidade de Harvard. D. Pedro II que adorava as ciências, embora não fosse cientista, era apenas um curioso, convidou o Agassiz para vir ao Brasil. O Agassiz chegou aqui, foi nas furnas da Tijuca e ficou impressionado com o mesmo fenômeno, descrito por ele próprio, que era encontrar blocos redondos e várias rochas de granito, daquele granito preto que ainda há, no meio de uma argila vermelha. O característico da deglaciação são os blocos erráticos e os blocos dentro do barro. Porque é o seguinte: se no mar as ondas batem na praia os blocos ficam longe. As areias ficam na praia, os blocos ficam longe. As areias ficam na praia e a lama fica no fundo do mar. Então há seleção. Nos rios há uma seleção menor, mas, em todo o caso, ainda se encontram os blocos pesados no rio encachoeirado. Na glaciação, o gelo derrete e deposita isso tudo, o grosso e o fino. Então, a presença de uma rocha fina e dos blocos, que os franceses chamam de *argile-bloco*, é característica da glaciação. Mas no Brasil é totalmente diferente, não obedece às leis européias, não obedece à filosofia européia, não obedece a nada. Aqui acontecia exatamente o oposto. Em clima tropical úmido, dá-se a decomposição muito intensa da rocha. A decomposição vai de fora para dentro, a rocha se quebra, o cascalho, etc... Então o bloco cúbico vai quebrando as arestas, depois há a incidência em três faces, depois o ângulo das arestas... Agora, o Barão de Capanema – o Guilherme Schür era o Barão de Capanema – observou isso e então desmentiu o Agassiz. Retrucou, fez uma conferência famosa sobre decomposição dos penedos do Brasil, na Escola de Engenharia, e contradisse por completo o Agassiz. Foi o choque no mundo inteiro porque ninguém aceitava. Como é que era possível que um brasileiro daquele, embora filho de austríacos, pudesse contestar o famoso Agassiz. O Agassiz resolveu, quando veio para o Brasil, trazer vários cientistas, dos quais um deles era um jovem de 25 anos, professor na

Universidade de Cornell, em Ithaca, Estados Unidos, Charles Frederic Hartt. Essa é que foi, verdadeiramente, a criação da Escola de Geologia do Brasil. O Capanema foi levado para... Ele fez os telégrafos no Brasil todo. Foi um trabalho notabilístico, mas abandonou a Geologia. O Hartt fez, por conta própria depois, várias excursões no Brasil. A primeira vez que veio foi em 1865 e veio depois, a segunda vez, na Expedição Tayer trazendo um companheiro muito jovem, que era Orville Adalbert Derby. Esse era americano, o Hartt era canadense, da nova Escócia. Então, a pedido do Tayer, ele fez um livro sobre a Geografia e a Geologia do Brasil, “Geografia Física e Geologia do Brasil”, em 1870. É um livro grosso assim. É um livro que está atualizado quase até hoje. É um livro realmente genial para um sujeito que esteve tão pouco tempo e tão sem recursos. Pois bem, esse Hartt propôs a criação da Comissão Geográfica e Geológica do Império. Essa grande comissão geográfica e geológica tinha seis pessoas, mas, dois ou três anos depois, o Governo achou que era muito dispendioso e acabou com essa Comissão. Foi aquele famoso Senador, Ministro do Império, da família Lins, Cansação do Sinimbú. Então, Hartt abandonou tudo, mas conseguiu depois que a coleção deles fosse para o Museu. Ele tinha mais ou menos assim uns 30 ou 40 trabalhos, relatos por escrito, para publicar e tinha parece que 20.000 amostras. Uma coisa dessa ordem.

F. – Museu Nacional?

O.L. – Museu Nacional. Essa coleção também foi toda posta fora pela Dona Heloisa Torres. Ela está viva. Quem quiser perguntar a ela pode perguntar. É incrível o terremoto que aquela mulherzinha causou no Museu Nacional. O pessoal não acredita.

S.S. – Isso foi em 1950, mais ou menos, quando ela mandou pintar o Museu, não foi isso?

O.L. – Foi no tempo do Getúlio.

S.S. – Por aí.

O.L. – Foram muitos terremotos, mas esse foi o pior. O Museu estava sobretudo abandonado. Havia positivistas que não acreditavam naquelas coisas todas, por exemplo, o Teixeira Mendes, mas foi uma casa que deu homens notáveis como o

Arthur Neiva, o Roquette Pinto, que também foi um sujeito fantástico, o Bruno lobo e os antigos, muito antigos, muito bons também, Batista Lacerda, etc. e tal. O Schür era filho de pai e mãe austríacos, mas em todo caso já era brasileiro, o Hartt era canadense e morreu com 35 anos de febre amarela. Aí é que começa a incidir a doença. O Derby ficou no Brasil, trabalhou 40 anos, naturalizou-se brasileiro; foi provavelmente o maior geólogo que o Brasil já teve em todos os tempos, você não acha Formann?

F. – Tem dois trabalhos do Derby melhores do que os trabalhos feitos...

O.L. – Ele trabalhou em todos os setores. Morreu em 1915 mais ou menos, né?

S.S. – Ele trabalhou onde?

O.L. – Ele trabalhou primeiro no Museu. De 1871, mais ou menos...

F. – Depois foi a Comissão Geológica.

O.L. – Pois é, o Ministro João Alfredo consultou o Derby que o aconselhou a criar a Comissão. Ele, primeiramente, era governador de São Paulo e então criou a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, que foi muito frutífera também. Ao mesmo tempo, ele tomava conta do Museu. Fez as duas coisas, porque era aquele bloco do “eu sozinho”, né? De noite era uma coisa, de dia era outra. Com uma economia tremenda conseguiu coisas notáveis, realmente notáveis, mas no Museu ele foi perseguido por um daqueles diretores. Inclusive, denunciaram que ele tinha cedido amostras do Museu para museus estrangeiros, porque você sabe, todo Museu troca as amostras. O princípio da ciência é trocar. Que adianta você classificar um bichinho se não serve de modelo para os outros? Então o sujeito tem o tipo, o genótipo, tudo isso, transfere os protótipos... Depois, no serviço geológico, ele criou várias seções. No tempo do governo do Bezerra, ele foi muito maltratado porque não quis começar a publicar aqueles... Não são os boletins. Como é que chama? Monografias. Não quis publicar a monografia de Clarke sobre os fósseis denuviamos no sul do Brasil, trabalho notabilíssimo, ele tinha mandado fazer as pranchas na Áustria, essa coisa toda. Ah! Bom, voltando à pergunta atrás, quando mudou o

Ministério, no tempo do Hartt, ele quis procurar o Ministro, mas o Ministro se recusou a recebê-lo. Você vê como o ambiente é hostil à ciência. E não é só culpa do português não, é a tradição.

S.S. – O tipo de coisa que ele buscava pesquisar quem decidia? Ele decidia por ele mesmo ou atendia a alguma solicitação? Por parte de Hartt e mais tarde por parte de Derby?

O.L. – Primeiro ele fez uma expedição. A razão foi estudar o glacial. Então, estudou glaciação no Rio de Janeiro e encontrou até o Amazonas.

S.S. – Isso era uma razão estritamente científica?

O.L. – Houve expedições anteriores, mas era muito pouco o contato. Todos eram alemães, franceses, ingleses, etc...

S.S. – Sim, certo...

O.L. – Alguns deles, por exemplo, o Conde de Castelnau, ele rodou todo o interior do Brasil. O Martius cortou daqui até o Amazonas, foi tremendo.

S.S. – O Derby continuou a mesma tradição de explorador?

O.L. – A mesma tradição.

F. – O objetivo era conhecer a Geologia de fazer o mapeamento geológico do Brasil.

J.P. – Não com fins econômicos.

O.L. – Mas sempre o econômico era considerado como...

F. Um subproduto.

O.L. – Um subproduto, mesmo porque o mineral só tem valor quando tem estrada. Qualquer mineral sem estrada o valor dele é zero, quer dizer, se o senhor investe qualquer

coisa, por pequeno que seja, no fim de 25 anos os juros comeram tudo. Então, a mina selvagem tinha que ser explorada dentro de um prazo de 25 anos. Por exemplo, eu me lembro de um grande engenheiro de minas francês, Pierre Henry, que veio aqui ao Brasil convidado pelo Ministro Betim Pais Leme para ver as jazidas de ferro de Minas Gerais. Em que ano foi isso? 30 e muitos. Eu corri com ele aquelas serras tocas de Minas Gerais. Quando acabou, a conclusão dele: “*Le valeur c’est zènc*”. Fez todos aqueles cálculos, mostrou que o frete era muito mais alto do que o valor do minério no porto. Então, *valeur zero*. Achava que era inútil. O relatório dele foi 100% negativo. Primeiro, porque francês sempre é pessimista. Só vale o francês. Depois, porque não havia possibilidade. As estradas no Brasil não funcionavam, porque era sempre da política... Conto sempre um caso que vivi: o Lineo Machado era um senador famoso, um narrador tremendo, ele botou que todos os empregados da Central fossem funcionários públicos. Então, tornou impossível funcionar. Eu me lembro quando o General Mendonça Lima era Diretor da Central, a Rede constatou uma quantidade tremenda de roubo na estação Pedro II. Pegaram uns sujeitos lá em flagrante, foram lá para cima e ele demitiu. Foi obrigado a recebê-los de novo e passar por isso. Quer dizer, não só o diretor da Central, como o General não tinha direito de demitir, de maneira que não podia funcionar. Eu me lembro dessa Trajano de Azevedo Antunes, ele começou a trabalhar em mineração, com cobre, manganês, etc... e exportar pela Central do Brasil. Tivemos uma mesa redonda, um congresso de geólogos promovidos pelo Centro Moraes Rego, em São Paulo. Eu me lembro que tinha uma discussão sobre exportação de minério pela Central, etc. Quem presidia a mesa era aquele que foi Ministro da Aviação, esqueci o nome dele. Eu era o coordenador dos debates. O Antunes uma hora lá disse assim: “Eu peço desculpas ao Ministro da Aviação por ter que usar palavras técnicas. A Central do Brasil não é uma instituição idônea. Chama-se idônea uma pessoa que faz um contrato, assina um contrato e cumpre o contrato. A Central do Brasil assina todos os contratos e não cumpre nenhum contrato”. O negócio foi dito e o Ministro teve que concordar que era verdade. O Brasil mudou tão rápido que a gente se esqueceu dessas coisas e ainda diz que é muito ruim, mas era muito pior e num tempo relativamente recente.

S.S. – Vamos voltar um pouco ao Derby. Houve continuidade do trabalho dele, ele formou gente que depois continuou trabalhando ou foi um trabalho que quando ele...?

- O.L. – Escuta, essa pergunta foi pertinente, mas eu vou responder com uma negativa. Ele praticamente não formou gente porque não havia gente capaz de se aproveitar.
- J.P. – Mas ele não lecionava na Universidade?
- O.L. – Não, meu filho, até ontem era proibido alguém que trabalhasse lecionar. Mas sem blague, eu não estou com brincadeira não. Era absolutamente proibido. Essa tradição ficou de tal ordem que, no tempo do nosso amigo Getúlio, ele fez aquela lei de desacumulação em 1937. Quando a lei pegou, quem trabalhasse num setor científico ou técnico podia trabalhar no mesmo setor numa instituição permanente. Então, o sujeito que fazia Astronomia no Observatório Nacional, podia lecionar Astronomia, porque se ele não fosse lecionar Astronomia, quem poderia lecionar? Não é possível, é absolutamente impossível. Então, quando houve a desacumulação, praticamente todos os professores bons da Escola de Engenharia e de todas as outras abandonaram essas instituições.
- S.S. – Isso aconteceu no Museu também, né? No Museu Nacional?
- O.L. – Em todos eles.
- F. – Dr. Othon, eles estão fazendo um estudo aí sobre Ouro Preto. Não era interessante o senhor lembrar aquela evolução de Escola Militar e Escola Politécnica, Escola de Minas de Ouro Preto, aquela história?
- O.L. – Tinha até falado com os senhores que era aniversário do centenário da Escola de Minas de Ouro Preto.
- S.S. – Pois é.
- O.L. – A idéia de criar uma Escola de Minas no Brasil era muito antiga, o sonho de uma porção deles, inclusive de José Bonifácio quando estava ainda em Portugal, quer dizer, antes mesmo da Independência. Tanto se insistia, que o D. Pedro II aceitou e resolveu criar uma Escola de Minas. Então, resolveu convidar, eu não sei indicado por quem, eu já me esqueci quem foi, um geólogo francês, Henry Gorceix, um

geólogo famoso, que estava trabalhando contratado pelo Governo da Grécia. Ele aceitou e, em 1876, veio fundar a Escola de Minas. Mas antes disso, voltando, como o Formann pediu, a Academia Militar, depois da Independência, passou a se chamar Escola Central. Nessa Escola Central formava-se... Primeiro, essa Academia Militar formava todos os engenheiros militares, inclusive os navais, depois é que se separou, deu a Academia Naval. A Escola Central continuou a formar os vários cursos, mas sendo todos militarizados. Então, até 1874, quando foi criada a Escola Politécnica pelo Visconde do Rio Branco, todos os engenheiros eram militares. Esse, o Barão de Capanema, era militar. Em 1874 foram criados vários cursos: o curso de bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas; o curso de bacharel em Ciências Físicas e Naturais; o curso de Engenheiro de Minas; o curso de Engenheiro Industrial; o curso de Engenheiro Civil. Então, o primeiro curso de Engenharia de Minas no Brasil foi criado, no Rio de Janeiro, pelo Visconde do Rio Branco, em 1874. Aqueles cursos, inicialmente, parece que tinham quatro anos só, por exemplo, Engenharia Civil era uma disciplina, uma cadeira, mas tinha poucos alunos. O primeiro engenheiro de Minas a trabalhar, formado no Brasil, chamava-se Timóteo da Costa. Tem uma rua com esse nome no Leblon, mas eu não sei se é Timóteo da Costa por causa desse professor Timóteo da Costa ou se é por causa do pintor Timóteo da Costa, provavelmente por causa do pintor. Eu fui aluno do Timóteo da Costa. Eu o conheci já muito velho e como sempre eu gostava de velhos – gostava de menina moça, mas homem velho. Dois anos depois, Paulo de Frontin, quem mais...

- S.S. – Uma pessoa como o Timóteo da Costa, como é que ele se formou, onde é que ele aprendeu isso?
- O.L. – Bom, a Escola tinha a cadeira de Química e Geologia desde 1810, né? Alguns deles foram alunos do Awaye na França, outros traduziram... Agora, ela tinha essa dificuldade daquele sistema de trazer muito pouco elemento de fora. No Exército trouxeram, quer dizer, o nosso Exército e o Exército português. Então, no exército português todos os valores eram realmente estrangeiros. Ainda na Independência, toda a Marinha Brasileira era inglesa: O Marquês de Maranhão, o Cochrane, esses outros todos nomes ingleses aí, Greenhalgh, Taylor. Taylor é aquele famoso tenente que foi de Niterói até Portugal. Modernamente é que todo mundo estrangeiro tem lepra, né? Eu faço aqueles meus exageros, para dar aula, para chocar, porque quando

choca causa mais impacto.

S.S. – Agora, quer dizer que havia uma influência principalmente francesa naquela época na Politécnica?

O.L. – Na minha geração, 90% dos nossos livros eram franceses.

S.S. – Havia professores também franceses ou não? Ou só os livros?

O.L. – Alguns franceses.

J.P. – E os professores brasileiros estudaram na Europa, naquela época?

O.L. – Raríssimos, raríssimos.

J.P. – Quer dizer que não havia este fluxo de brasileiros?

O.L. – Não havia nada não. Alguns fizeram viagens, como o Carlos Sampaio, mas muito poucos e não era para estudar. Tivemos aqui, como professor de Química, dois ou três alemães, como professor de Física, um francês Serandon, professor de Física Industrial e um que era filho de francês, Henrique Morisé, que foi diretor do Observatório Nacional e fundador da Academia Brasileira de Ciências. Foi meu professor, era ótimo. Mas o resto, vou te contar! Tinha um professor de Física Industrial que era filho de uma artista aí, Rose Beilliod que era muito inteligente, 100% cínico e outras coisas que eu não posso contar.

F. – Os primeiros engenheiros de Minas foram formados, então, por professores brasileiros.

O.L. – Agora, quando D. Pedro II criou a Escola de Minas de Ouro Preto, os alunos de Minas do Rio de Janeiro foram para Ouro Preto, porque lá davam bolsas e aqui não davam.

S.S. – Então, digamos, há um deslocamento para Minas Gerais nessa época?



O.L. – É, por isso, porque davam bolsas. Por exemplo, Francisco de Paula Oliveira, que foi o primeiro engenheiro de Minas formados em Ouro Preto, já tinha se formado aqui como engenheiro geógrafo e transferiu-se para Ouro Preto porque era de uma família pobre e lá tinha bolsa. Esse Francisco de Paula Oliveira foi um engenheiro de minas bastante conhecido, participou dessas comissões; o filho dele foi diretor do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, Eusébio Paulo de Oliveira; os netos dele foram professores da Escola de Geologia, do Departamento da Produção Mineral, quer dizer, foram três gerações de geólogos, alguns no Rio de Janeiro. Agora, o curso do Rio de Janeiro foi um fracasso por completo, porque terminou em 89 e nesse prazo todo formou... . Quantas pessoas? Eu não me recordo, mas foi um número pequeno, uns 10 ou 12, uma coisa dessa ordem. A Escola de Minas de Ouro Preto também formava assim duas, três pessoas por ano só.

F. – Foram professores daqui do Rio, nessa época, para Ouro Preto?

O.L. – O Rio de Janeiro era um centro nato, liberal, então todo mundo, todos os alunos, no fundo, eram verdadeiros mo leques, nunca ninguém ligou para escola. Está entendendo? Por exemplo, esse curso de Minas do Rio de Janeiro, de 74, fez um século há dois anos passados e ninguém tomou conhecimento. Agora, esse centenário da Escola de Minas de Ouro Preto é uma consagração; estão lá parece que todos os engenheiros de minas do mundo que estavam espalhados pela América, foram para Escola de Minas, transferidos para lá, essa coisa toda. Sempre eles criaram uma mística, então cada um deles se considera sempre um bom e de fato alguns são ótimos, como Calógeras, Pires do Rio, o Costa Senna, que foi o segundo diretor da Escola, o Djalma Guimarães, o Arrojado Lisboa, mas aqui no Rio o negócio cresce por milhares.

S.S. – Inclusive a escola se esvaziou com professores se transferindo para Ouro Preto também? Os professores daqui foram dar aula lá?

O.L. – Não. Não.

S.S. – Então, além de Gorceix, quem dava aula em Ouro Preto?

- O.L. – A Escola de Minas foi fundada em Ouro Preto porque Gorceix rodou toda a região mineira e verificou que, de todas as cidades, a mais vantajosa era Ouro Preto porque era um centro, era capital de Minas, tinha condições melhores para brigar.
- S.S. – Mas quem dava aula lá, além dele?
- O.L. – Cada um dava três ou quatro disciplinas. Tinha o professor Paul Ferrand que era muito bom. Os outros foram fracos. Depois foram vindo mais outros, mas em todo caso era um grupo pequeno. O Gorceix era uma figura fenomenal. Ele ia buscar o aluno em casa se não ia à aula. Ia mesmo. Dedicou-se de corpo e alma. Publicou uns trabalhos notáveis, criou os Anais da Escola de Minas de Ouro Preto, que foram notáveis.
- J.P. – Ele esteve em atividade até que ano, professor Gorceix?
- O.L. – Muito pouco, eu tenho provavelmente essa data... Foi de 76 a 89, quando houve a proclamação da República. Ele era muito amigo do Imperador e não podia admitir que se abandonasse o que se chamava de sábio, abandonasse completamente a tradição. Ele foi muito perseguido, ele era um tradicionalista perseguido pelos Republicanos, não só em Ouro Preto, mas no Brasil inteiro. Nas mudanças da República, houve uma perseguição tremenda a todos os valores que tinham apoiado o Império. Embora, na realidade, o Imperador fosse mais democrático do que qualquer outro desses republicanos. No Rio Grande do Sul, então, foi chocante também.
- J.P. – Agora, ele regressou à Europa?
- O.L. – Ele regressou muito sentido. Depois, quiseram redimir-se desse erro e o convidaram para organizar umas exposições agrícolas lá em... mas ele sentiu-se tão desambientado por lá que foi embora muito triste. A Branca Osório de Almeida, irmã do Miguel e do Álvaro Osório de Almeida, estava escrevendo a biografia do Gorceix, mas ficou muito chocante e ela não quis publicar, depois morreu. Agora tem uma pessoa escrevendo a biografia dela e quer publicar. Levou lá para Escola de Minas de Ouro Preto mas o pessoal está com dúvida se publica ou não publica. Eu não recordo

o nome da pessoa, acho que é de São Paulo ou coisa assim. Agora, a ação de Ouro Preto foi muito grande, com todos os vícios que ela tem, apenas ela desvirtuou neste sentido.

J.P. – Agora, com a saída do Gorceix em 1889, a Escola sofreu um colapso?

O.L. – Não, porque teve um substituto dele brasileiro muito bom, José Cândido da Costa Senna. Perguntei ao Djalma Guimarães por que que ele seguiu a carreira de Geologia, que foi um dos melhores homens que nós tivemos, ele disse: “foi o entusiasmo das aulas do Costa Senna, o conhecimento o Costa Senna”. Ele esteve tuberculoso, perdeu um pulmão inteiro, vivia à custa de arsênico. Quando eu ia lá, ele fazia umas excursões para me mostrar aquelas minas ali por perto, dava cinco passos e parava para contar uma anedota, para não mostrar que estava cansado. Um sujeito fantástico. Unha uns trabalhos importantes, visitou a exposição de Milão, Vitorino, Chile, aquelas coisas todas.

S.S. – Agora, o nível do trabalho que se fazia cientificamente era igual ao que se fazia na França na época?

O.L. – Não, o Gorceix é fora de série. Quer dizer, o Derby, o Hartt, o Gorceix são fora de série. Deviam ser o melhor padrão internacional.

S.S. – O melhor padrão internacional?

O.L. – O Derby era certamente o melhor padrão internacional.

J.P. – O Costa Senna já se aproximava desse nível?

O.L. – Não, mas em compensação tinha o entusiasmo. Não tinha vivência nenhuma.

A.C. – O Sr. disse que a Escola formava dois ou três alunos por ano. Era uma política deliberada? Não havia interesse? Por que um número tão pequeno?

O.L. – O sujeito nasce naturalista, botânico, etc... O geólogo é mais difícil, porque não basta

nascer geólogo. Ele não poder ser geólogo se não nascer geólogo, mas a instrução é muito difícil, porque se ele não pode trazer..... É Abraão que vai à montanha, né?

S.S. – Maomé à montanha.

O.L. – Maomé à montanha. Não se pode trazer a montanha para estudar. Por exemplo, eu estudei Geologia porque todo meu tostãozinho eu juntava o ano inteiro e ia fazer uma viagem. Pedia dinheiro emprestado a toda minha família e depois ia pagando aos poucos, senão não era possível.

S.S. – O Sr. podia nos contar um pouco mais como é que o Sr. estudou Geologia, porque é que o Sr. resolveu e...

O.L. – Deixa eu voltar ao que estava falando, senão não me recordo. Depois aconteceu o seguinte, houve um erro também filosófico na Escola de Minas. Para se trabalhar numa mina, é preciso que se conheça a jazida, ninguém investe dinheiro no que é inteiramente lotérico. Então o primeiro programa...

(Final da Fita 1 – A)

O.L. – Mas como era muito pequena, muito antieconômica, aquelas coisas todas – não antieconômica porque ela fazia o preço, porque nós tínhamos uma barreira alfandegária muito grande – houve uma fase em que um dos diretores-presidentes da Belgo Mineira, que se chamava Edson Charlet, luxemburguês – todos eles são luxemburgueses, todos muito bons – propôs fazer uma usina numa região que fosse mais favorável. Ficou escolhendo a área para botar a usina. Então, escolheu a primeira esplanada lá no Vale do Rio Doce, no rio Piracicaba, que coincidia com o lugar da pequena usina do João de Monlevade, João de Monlevade era um engenheiro formado na França, filho de um francês, que veio para o Brasil. Também era notável, foi o primeiro que estudou as jazidas de ferro de Minas Gerais com alguns dos seus descendentes, aquele Francisco Pais Leme de Monlevade que foi Presidente da Paulista. Projetaram aquilo tudo e passamos assim a não sair. Quando eu quis falar com ele, num desses congressos aí de metais, ele perguntou: “quem é que disse que não saiu usina?” Porque eu era assistente de Geologia e Metalurgia na

Escola de Engenharia e todo fim de ano eu levava a turma para visitar essas usinas, cada vez uma. Nós fomos visitar a Siderúrgica, todas as seções, o pessoal todo era muito amável, nos ofereciam almoço, aquelas coisas todas. Nós mineiros, como sempre, ficávamos ali e então fazíamos todas aquelas perguntas indiscretas. Sempre na minha vida usei isso e funcionou, porque não era de má-fé, realmente era vontade de entender o Brasil. E ele me disse: “Simplesmente porque não tem estrada de ferro”. A primeira pergunta é essa: “Você passa e não há”. Eu vim para o Rio correndo, fui procurar o Mendonça Lima que era muito amigo do meu pai, muito meu amigo também, que era engenheiro militar e contei a ele tudo o que acontecia. Então ele disse: “Vamos resolver esse problema”. Em dois tempos e programou o negócio todo, se fez aqueles cálculos todos para mostrar a viabilidade e Mendonça Lima programou a linha de Sabará. A linha ia até Santa Bárbara, até o entroncamento com..... Eu não me lembro agora, onde é Monlevade hoje. Então, logo que Mendonça Lima garantiu, eles levaram o projeto adiante, construíram e, assim que a linha foi inaugurada, estava funcionando a Usina que foi realmente escola, que é uma das maiores do mundo em carvão vegetal.

J.P. – É a maior de todas.

O.L. – Então, ela conseguia..... Dizem que é a maior, mas eu sempre fico em dúvida, no Brasil tudo é grande.

J.P. – É a maior mesmo, porque.....

O.L. – Ela começou destruindo a floresta. A floresta do Vale do Rio Doce é uma das florestas mais fortes do mundo, mais, de um modo geral, que a própria floresta amazônica. Na floresta amazônica, as árvores não têm o mesmo desenvolvimento que têm na floresta do Vale do Rio Doce. Isso foi dito pela maior autoridade florestal dos Estados Unidos quando viajou na Amazônia e depois no Vale do Rio Doce. Mas voltando, aqui no Rio de Janeiro, Metalurgia era ensinada por um professor, filho de franceses, chamado Ferdinando Laboriau. Foi o sujeito mais talentoso que eu conheci na minha vida. Morreu com 33 anos no desastre do avião Santos Dumont.

S.S. – Aquele famoso desastre?

O.L. – Ele era filho de um relojoeiro, Paul Laboriau, que tinha aquela relojoaria Laboriau, que representava o Patek Phillip no Brasil. A religião dele era consertar relógio. Esse rapaz era genial. Na ocasião que ele fez concurso, as cadeiras eram ligadas, de forma que ele fez concurso para três cadeiras: Botânica e Zoologia Industriais, Mineralogia e Geologia e Metalurgia.

J.P. – Esse Labouriau botânico.....?

O.L. – É filho dele.

J.P. – Considerado um grande...

O.L. – Muito bom, mas não é muito equilibrado, porque a mãe dele era meio desequilibrada. A mãe dele é Gouveia, é irmã daquele médico famoso, filha do Hilário de Gouveia, irmã daquele outro Jorge Gouveia, que também era um médico famoso professor da Faculdade de Medicina.

F. – Dr. Othon, porque é que não houve qualquer intercâmbio entre o Hartt, o Derby...

O.L. – Formann, você quer falar mais alto que eu estou ficando surdo.

F. – Não, eu estou dizendo por que é que não houve nenhum intercâmbio entre o Derby, Hartt, o pessoal daqui, com Ouro Preto?

O.L. – O Gorceix tinha muita amizade com o Derby.

F. – Como?

O.L. – O Derby tinha muita amizade com o Gorceix. Tinha um respeito e uma admiração muito grande.

F. – Mas os esforços não se somaram?

- O.L. – Não cabia ainda, está entendendo? Estavam todos incipientes. Eles não disseram nada um ao outro porque o Gorceix estava fazendo levantamento de ninas, mas trocavam amostras, as idéias todas, eles se escreviam muito.
- S.S. – Nesse acidente de aviação, onde morreu o Laboriau, morreu também o Amoroso Costa, não foi?
- O.L. – Engraçado, vai aproveitando que eu estou vivo, eu estou no fim, uma porção de coisas. Esse era o grupinho da Escola de Engenharia. Era um grupo de 10 que se juntaram para salvar a Escola de Engenharia. Era o Laboriau, o Rui Lima e Silva, o Amoroso Costa, o Lino São Pereira, o Álvaro da Silveira, acho que o Francisco Lessa. Então o Laboriau, as campanhas que ele tinha eram as seguintes: Siderurgia como indústria de base, que ela é que faz as outras todas; Educação e Transportes. Nós fomos fundadores da Associação Brasileira de Educação, o Heitor Lyra, que foi também um sujeito excepcional, foi a alma. O Laboriau quis fazer esse programa na Aviação. “Vamos aproveitar que Santos Dumont é brasileiro e dizer que através da Aviação é que se pode fazer transporte. Não era possível fazer transporte ferroviário. O Rodoviário estava muito incipiente. O transporte rodoviário eficiente foi depois do Getúlio, é de ontem. Estrada de Ferro não tinha. Você vê, agora para construir uma estrada de ferro, com recursos modernos e maquinaria, iniciando em Belo Horizonte, para Volta Redonda, nós não temos dinheiro no Brasil. É uma das grandes crises agora, porque essa estrada de ferro, que é indispensável como infra-estrutura, não é viável por causa dos preços. Imagina naquela época. Uma estrada de ferro, qualquer uma, demorava 50 anos para construir meia dúzia de linhas. Os Estados Unidos surgiu quando aquela estrada de ferro cruzava em vários paralelos, de leste a oeste, totalmente. Isto quando? Enquanto ficava o Brasil e a Argentina, fazendo uma guerrinha com o Paraguai. Não se pode caçoar da Guerra do Paraguai, por que os Estados Unidos agora, no Vietnam, fizeram a mesma coisa. O império contra os guaranis descalços. Então, nessa ocasião, quis atravessar os Apalaches. Cortaram aquela planície, era só botar o trilho, ir para frente e ir fundando as fazendas, aquelas coisas lá. A mesma coisa fez o Canadá, quando construiu uma estrada. Baseado nisso é que o Farquhar queria fazer, no Brasil, primeira a ligação norte-sul com a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Na Siderurgia, quando o Farquhar quis propor isso, Minas Gerais inteiro se revoltou contra essa estrada. Perguntou qual era a razão? Era

a seguinte: era inveja, o negócio é que se você tem dois cachorrinhos na rua, você faz festa num, o outro fica para morrer, né? Então, Minas nunca pôde admitir que pudessem fazer uma Usina Siderúrgica no Espírito Santo. Primeiro Farquhar propôs fazer uma estrada de ferro sem falar em Siderurgia. Então disseram: “Ah! tem que fazer a Siderurgia”. Ele diz “Tá, então vamos fazer a Siderurgia. Qual é o programa?” Já o próprio velho Monlevade, pai do João Molenvade e o Tenente Câmara diziam: “A saída da Siderurgia do Vale do Rio Doce tem que ser pelo Rio Doce”. É a única saída natural, física, do centro de Minas, porque a outra tem que subir a Mantiqueira descer no Paraíba, subir de novo a Serra do Mar, descer para aqui. Tanto na ida quanto na vinda, era montanha russa. Naquela época não tinha facilidade de ligação por isso. Então, houve um combate total e quem liderou esse combate maior chamava-se Clodomiro de Oliveira, diretor da Escola de Minas de Ouro Preto. Quer dizer, eu tenho preconceito contra a Escola de Minas de Ouro Preto, mas eu me recordo que uma ocasião fui à praia Vermelha, no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, estava lá com o Gonzaga de Campos eu tenho elementos bons formados por Ouro Preto – e quando eu saí disse assim: “Oh, Professor Clodomiro, eu estou sem carro hoje, mas eu vou para cidade. Vou tomar um táxi, o Sr. não quer vir comigo?” Disse ele: “Eu? Tomar táxi? Táxi não é elemento de vida, é elemento de morte. Eu, quando fui Secretário em Minas, não admiti que se construísse um Km de estrada de rodagem”. Esse que era o mentor do Presidente Arthur da Silva Bernardes e foi Bernardes que impediu que se criasse a Siderurgia pelo Farquhar. Tal vez até tenha sido melhor, porque depois veio com outras circunstâncias, veio com a guerra. O Brasil entrou na guerra com os niquezinhos americanos. Para o Brasil não entrar com os alemães, o Roosevelt teve que fazer um empréstimo ao Brasil de cem milhões de dólares. Não quer dizer muito não, não é?

J.P. – Uma siderúrgica hoje são dois bilhões de dólares.

S.S. – Quer dizer, nessa época, se eu estou entendendo bem, havia um grupo na Politécnica, aqui no Rio, que tinha todo um projeto, e havia uma oposição entre esse grupo e o grupo da Escola de Minas?

O.L. – Não!



S.S. – Não era isso?

O.L. – Não. O pessoal gritava contra a tacanhez, mas gritava contra Minas ou contra qualquer outro, contra o do Rio também, filho. Não era a escola. O que havia, uma rivalidade de escola, era do Rio com a do Wenceslau Brás, como é que é?

J.P. – Itajubá.

O.L. – Itajubá. Porque quando a escola... Como é que foi? Quando a Escola de Engenharia foi visitar Itajubá, ou Ita juba visitou aqui o Rio, o Frontin fez qualquer discurso que afetou lá o... Tinha lá um que era manda-chuva de Itajubá, diretor da Escola de Minas de Itajubá. Como era o nome dele?

J.P. – O Wenceslau Brás?

O.L. – Não era o Wenceslau não. Era um outro famoso lá. Então fizeram uma hostilidade. A escola não podia visitar urra a outra. Uma bobagem, completamente sem senti do, né? Mas com Ouro Preto não, tanto que eu levava a turma todos os anos a Ouro Preto. Agora eles têm muitos ciúmes.

S.S. – Eu queria que o Sr. dissesse algo mais sobre esse grupo de dez e o que que eles fizeram na Politécnica.

O.L. – Bom, o Derby primeiro teve uma atuação muito grande fazendo o levantamento geológico de São Paulo. Ele contratou o Eugênio Hussak. Esse Eugênio Hussak era um austríaco que veio para o Brasil em condições muito interessantes: um paulista que tinha fazenda no limite de São Paulo com Minas, com Poços de Caldas, João Antônio Machado, foi estudar, na Europa. Engenharia. Ele gostou muito da Geologia e foi aluno do Hussak, não na Áustria, iras na Alemanha, numa cidade que eu não me recordo o nome. Ele quis fazer doutoramento, colecionou urras amostras e foi estudar junto com o Hussak. Fez uma tese, a primeira tese brasileira escrita em alemão, muito boa a fotografia, o primeiro trabalho bom de fotografia no Brasil. Primeiro, último e único. Ele convidou o Hussak pra vir para o Brasil, para ficar na sua

fazenda. Quando ele veio para o Brasil, com uma carta, chega lá na fazenda o rapaz o abandonou, fez aquilo tudo, não sabia, não deixou nada. Ele ficou sem ter para onde ir e sem um tostão. Então, procurou o Derby e o Derby empregou. Primeiro o Derby levou lá para o Imperador e conseguiu que fossem das aulas lá para o príncipe. Como é esse príncipe que tem o trabalho sobre.....? Esse príncipe que era cientista aí? Pedro de Orleans e Bragança. Depois morreu louco, esse príncipe. Publicou uns trabalhos sobre geologia.

M.B. – Cuidado com os geólogos, heim?

O.L. – Esse príncipe era muito amigo do meu pai. Tem um outro príncipe aí, eu não me lembro o nome, que tinha um negócio, um defeito no braço, que toda conferência que eu fazia, ele assistia. É o pai do D. Pedro de Orleans e Bragança. Adoravam todos ciência, mas como divertimento, por que era elegante. É como nos tempos do Imperador. Todos os concursos no Colégio Pedro II, o Imperador ia assistir. Ele e toda a corte. Era muito benéfico, está ouvindo? Se se fizer um concurso aqui na Escola Nacional de Engenharia, não se consegue nem que um contínuo lá vá assistir. Mas então era prestígio. Esse ambiente que a Europa trouxe, nós perdemos sem pegar o resto.

S.S. – O Sr. conheceu o Otto de Alencar? Não? Era anterior?

O.L. – Não, esse não conheci. Esse foi um gênio, mas não deixou quase nada publicado. Agora, conheci o Amoroso Costa. Esse nosso grupinho costumava jantar..... Tinha uma reunião na Associação Brasileira de Educação, depois então combinávamos de jantar. Jantávamos no Clube dos Bandeirantes que era em cima do Cinema Odeon, lá na Cinelândia. O Laboriau tinha pedido para fazer essa propaganda toda de aviação. Ele era muito amigo do Assis Chateaubriand, colaborava muito em jornal e queria fazer uma homenagem ao Santos Dumont. O Santos Dumont vinha da Europa, então pedimos à Condor que nos emprestasse um avião para levar o pessoal até o navio, fazer uma rodada e voltar para o Rio de Janeiro. A Condor emprestou um aeroplano chamado Santos Dumont. Ele foi fora da barra, circundou e voltou. No meio da baía, fez uma curva muito fechada, perdeu a sintonização e caiu. Esse grupinho que ia para lá era eu; o Laboriau, que foi quem inventou o negócio todo; o Tobias Moscoso, que

foi diretor da Escola de Engenharia, que era um sujeito talentoso a valer, foi um dos principais do grupo dos dez; aquele médico pernambucano; um engenheiro militar também famoso aí do Serviço Geográfico Militar; um aluno do último ano de Engenharia, Coutinho, que era um sujeito excepcional e o Paulo Castro Maia, irmão desse Raimundo Castro Maia. O Paulo Castro Maia foi o melhor aluno da Escola de Engenharia por vários anos, equivale ao Mário Simonsen, está Ouvindo? Mas quando discutimos lá pela meia-noite, na véspera do vôo, que seria às sete horas da manhã, o Amoroso Costa disse que nunca tinha voado e que tinha vontade de voar. Eu disse: “Vai, Amoroso. Eu vivo voando, porque que você não vai?”. Eu vivia voando pelo seguinte: eu era peru em todo avião que sondava, porque ia fazer Geologia. Eu vivia no Campo dos Afonsos pedindo para me levar, a vida inteira. Depois com o brigadeiro Eduardo Gomes e o Casemiro Montenegro, que criaram o Serviço do Correio Aéreo, toda vez que tinha uma vaga no avião, eles me telefonavam. Eu nem perguntava para onde é que era, porque você não podia fazer Geologia sem ver de cima. Hoje tem fotografia aérea, tem tudo. Quer dizer, trabalhávamos nas condições mais adversas, em tudo. Primeiro que na Escola de Engenharia era tempo parcial, a única fase de tempo integral foi depois, em 37. Não tínhamos recurso nenhum de laboratório. O microscópio que eu trabalhei para estudar, para fazer concurso para Petrografia da Produção Mineral, é quase que pré-histórico, precisava até guardar aquilo num Museu. As lâminas tinham uma grossura.... Elas devem ter dois centésimos de mm e tinham mais ou menos cinco, mais ou menos meio mm a um mm. Tanto que todas aquelas cores você não vê. Eu descambo toda hora para fora do assunto. Então, eu dei o lugar para o Amoroso e ele foi voar. Chegou de manhã, fui para lá esperar o vôo de volta quando ouvi todo mundo no cais dizer que tinha caído um avião. Então eu perdi nesse acidente todos os meus amigos. Fiquei desorientado. Eu era o mais moço de todos, muito mais novo do que os outros.

S.S. – Estavam quantas pessoas no avião?

O.L. – Foi em 1929.

S.S. – Quantas pessoas estavam no avião? Umas cinco pessoas?

J.P. – Não, mais.

O.L. – Não, uma dúzia pelo menos.

S.S. – A consequência deve ter sido muito séria para escola também, não?

O.L. – Praticamente acabou com todo o pessoal básico. O Tobias Moscoso, que era o diretor, era um sujeito de um brilhantismo fantástico. Foi essa turma toda que criou os cursos de extensão universitária, que fez e propaganda para criar o Ministério da Educação, as Faculdades de Filosofia.

J.P. – A Escola estava vinculada a que organismo naquela época?

O.L. – Naquela época? Eram escolas isoladas, Escolas Politécnicas do Rio de Janeiro, mas depois criaram a Universidade do Rio de Janeiro, que depois passou à Universidade de Brasil. Mas eram escolas completamente isoladas, tinha Universidade só de apelido. Eu costumava fazer molecada, costumava pegar na escola todos os professores conhecidos e perguntava: “vai dar dez nomes de cada escola”. Não havia um que dissesse dez nomes de outra escola. Chamava-se isso de Universidade. Porque, no começo, a Sociedade Brasileira de Educação era agressiva, tinha umas conferências...

A.C. – Em que ano foi fundada a Sociedade Brasileira de Educação?

O.L. – Foi comemorado no ano passado 50 anos. Então, 25.

A.C. – O Sr. saiu da Politécnica em...

O.L. – 19. Fim de 19. Eu me formei com 20 anos. Era considerado muito burro, porque não conseguia acompanhar aquele pessoal. Besteira se formar cedo, né?

A.C. – O Sr. saiu da Politécnica e ficou vinculado à escola de alguma maneira? Ficou ligado ao curso?

- O.L. – Eu me formei em 19 e fui trabalhar no Serviço Geológico e Mineralógico. Eu fui, quando o Gonzaga de Campos teve um projeto de transpor o rio São Francisco para o rio... Aquele do Ceará, como é o nome?
- J.P. – Jaguaribe?
- O.L. – Jaguaribe. Então fomos estudar a possibilidade de jogar esse rio. Fomos fazer um levantamento desde Sobradinho lá os limites com o Ceará. Mas ficamos todos doentes, pegamos febre palustre, maligna, eu peguei duas de uma vez estive desenganoado. Minha mãe foi me buscar lá, eu estava um esqueleto, não me reconheceu. “Se tem que morrer, vamos morrer lá fora”. Botou-me num trem e só com a mudança de ar eu recuperei. Fui para aquele hotel de tuberculoso, como é o nome? Não estava inaugurado ainda, eu passei lá 12 dias, engordei 10 kg.
- S.S. – Um kg por dia.
- O.L. – Um kg por dia. Se não foi exatamente assim, foi parecido. Mas como a doença infecciosa acaba com o sujeito. Depois acabaram-se as doenças infecciosas e o Brasil então explodiu.
- J.P. – Professor, esse Serviço Mineralógico era ligado ao Ministério da Agricultura?
- O.L. – Agricultura.
- J.P. – Aí o Sr. foi fazer essa viagem ao Ceará.
- O.L. – Naquele tempo... Foi o embrião do Departamento de Águas e Energia. Foi criada a Seção de Forças Hidráulicas e depois criado o Departamento. A minha turminha era eu, o Antônio José de Sousa, que foi diretor geral de..., o Ademar Ferreira de Carvalho, que foi também diretor, e vários outros. Mas aquilo era uma miséria, até as árvores tremiam. Em Sobradinho, onde estão fazendo essa grande barragem hoje, não havia uma pessoa que chegasse aos 45 anos. A parte estreita desse rio tem 800m de largura. A 10m do barranco é deserto. Cai a chuva, depois vai embora. Eu me recordo de chegar às vezes num lugar lá, numa cabana qualquer e pedir comida. O

sujeito não tinha nada. “Quero uma galinha”. “Não tenho”. Bom, então quero um bocadinho d’água”. “também não tenho”. Mas não é, retórica não, isso é geral. Muitas vezes tinha que pegar uma poça de lama verde, chegava todo sujo, de cavalo, fazia o cavalo pegar assim a pata para fazer um bocadinho de.... para beber aquilo coado num lenço sujo, porque sede não é brincadeira não. Fome a gente passa uma semana sem comer, mas sede não passa não. Essa era a Geologia que nós fazíamos e a turma tinha um entusiasmo tremendo. Não era um não, éramos todos nós e isso até dias mais ou menos recentes. Por exemplo, em 1938 eu fiz em linha reta, de São Paulo a Belém do Pará. De São Paulo até o fim da linha da Estrada de Ferro de Goiás era de trem, depois de caminhão até onde podia ir, São José do Tocantins, depois construí uma canoa lá e descí o Tocantins, demorei seis meses. Nessa ocasião, 38, quer dizer está perto, o Governo de Goiás se comunicava com o norte de Goiás duas vezes por ano. Eu vi esse Brasil crescer. Agora, o que travou o Brasil de fato foram as doenças tropicais: Malária, febre amarela, disenteria, essas coisas todas.

M.B. – O geólogo ter que ser louco mesmo, né?

O.L. – Mas dá um entusiasmo. Não, que a gente fala com a terra, a gente vive que nem boi para palácio. Depois é uma ciência global que pega todas as outras em conjunto.

S.S. – Agora, o senhor e essas pessoas se formaram aqui no Brasil mesmo, não é? Ou o Sr. estudou fora do Brasil?

O.L. – Não, eu estudei aqui no Rio.

S.S. – E nunca saiu para estudar fora?

O.L. – Curso regular não. Eu rodei o mundo inteiro, a vida inteira. Depois, não passava aqui um sujeito que soubesse qualquer coisa que não fosse na Associação Brasileira de Educação, no Museu Nacional e no Serviço Geológico. Eu tinha contado com todos esses indivíduos.

J.P. – O Sr. trabalhou no Museu Nacional?

O.L. – Trabalhei.

F. – Depois o Sr. se recuperou e voltou para escola, não foi?

O.L. – Mas lá eu trabalhei muitos anos. O Leinz também esteve lá e o trabalho dele foi todo perdido.

F – Dr. Othon, quando o Sr. se recuperou da malária, o sr. voltou para escola?

O.L. – Quando eu recuperei da malária, o Gonzaga de Campo disse: “Fica lá um mês, depois se precisar fica mais outro mês. O que você quiser.” Eu fiquei lá 20 dias. “Eu já estou recuperado da malária e agora quero ver se volto para o Serviço Geológico, porque aquela coleção fica lá naquela esbodegação.” Eu quis consertar a coleção. Nesse tempo o Gonzaga de Campos estava muito mal, foi para Poços de Caldas. Estava na direção interina o Belmiro de Araújo Ferraz. Quando eu cheguei aqui e falei com ele que tinha abandonado o projeto, ele disse: “Não, você tem que voltar hoje lá para o São Francisco”. Eu disse: “Então, muito obrigado e fique aí com a sua...” Tinha eu que sair e o Djalma do outro lado. Então, nós requeremos concurso para vaga do Ferraz. Entramos no concurso nós dois. Eu entrei para Petrografia, porque não conseguia fazer Geologia, e o Djalma já estava em Petrografia, era petrógrafo interino. Ele tinha cada microscópio que era uma beleza, aquilo bonito, mas assim mesmo tivemos uma diferença de pontos de centésimos. Na época, eu disse: “Você é muito melhor do que eu”. Tenho um parente que ficou admirado porque não entrei para Geologia. Não fiz o concurso para Geologia no qual entrou o Martinho Alonso, mas eu adorava e adoro até hoje Geologia.

F. – Dr. Othon, como é que foi aquela história que o Sr. estava estudando para Petrografia, olhava uma lâmina no início, depois tentava identificar as coisas?

O.L. – Eu não tive lâminas. Tive no livro só. No concurso eu vi as primeiras lâminas. Nós decorávamos as lâminas. Tínhamos um professor alemão muito bom. Hoje o pessoal tem todas as facilidades possíveis. Forma-se quantidade, mas não temos mais qualidade. Estamos com 3000 geólogos. Saem esse ano 3000 geólogos formados por nossos cursos.

J.P. – Tem mais.

A.C. – Seu interesse pela Geologia apareceu durante o curso da Politécnica ou ...?

O.L. – Não sei, porque o meu interesse foi o seguinte: meu pai tinha uma coleção de minerais muito grande, mas muito grande mesmo. O meu pai era extremamente inteligente, mas não quis fazer curso superior. Ele vivia inventando coisas, acabou no comércio, mas sempre querendo coisa de cultura, nada que seja prosaico. A parte comercial era um fracasso completo. Fazia tudo antecipadamente. Fez um negócio grande na Avenida Rio Branco, mas num lado que... O Avenida Rio Branco só funcionava do lado da estação de bonde, do outro lado batia sol, ninguém ia, né?

Por exemplo, ele foi buscar cristal de rocha lá em Cristalina, Goiás, em 1896 ou 7, foi antes de eu nascer. Trazia tudo em burros. Os burros nunca chegaram aqui, ele morava em Guarujá, nunca chegaram e o cristal de rocha fez enriquecer centenas de pessoas. Então durante a guerra, aqueles alemães. Eu tinha a casa de meus avós lá em Niterói. Meu avô veio para o Brasil como Cônsul da Grécia e casou-se com uma inglesa, filha de um inglês que veio para o Brasil em 1840 montar os correios ingleses, e por outro lado ela era de descendência portuguesa, de uma família Corte Real, aquela família que descobriu o Canadá. Eu herdei todo o lado inglês e meus irmãos herdaram o lado grego. Eu tenho olhos claros e sou muito besta. O mais engraçado é que minha natureza e minha maneira de pensar são opostos. Vivo em conflito comigo mesmo, porque eu sou irreverente como um grego, mas a minha irreverência é porque eu acho que o sujeito pode corrigir os erros. Não acreditar em utopia, mas entre utopia e o *laissez-faire* há uma grande margem para...

S.S. – O Sr. falou logo no começo de nossa conversa sobre o Positivismo e eu fiquei com isso na cabeça.

O.L. – Escuta, meu filho, deixa eu dizer, em primeiro lugar, eu não tenho religião nenhuma, então não tenho preconceito.

J.P. – Porque o Ben-David perguntou, fez uma indagação...



S.S. – É muito curioso, porque esse Professor Ben-David, a primeira coisa que ele perguntou a nós quando chegou aqui no Brasil foi o seguinte: “Eu sei que o Brasil é o único país do mundo onde o Positivismo teve importância e que que é isso?” Nós não soubemos responder muito bem.

O.L. – A turma passou da época, caiu muito depressa.

S.S. – Mas na Politécnica foi muito importante, não?

O.L. – Eu ainda peguei uma geração em que o Positivismo era sagrado. Eu fiquei sempre na dúvida se eu é que estava errado. Eu achava tudo muito quadrado. Mas não, o meu primeiro professor de Matemática, num curso anexo à Escola, era um positivista daqueles *enragè*. Tudo era gosto do Benjamim Constant, na Escola de Engenharia também. Uma ocasião eu perguntei ao Amoroso Costa, se todos aqueles que fizeram a República, aqueles oficiais, eram todos positivistas. Mas não era um não, eram todos. Então perguntei ao Amoroso Costa qual foi, no seu modo de pensar, a atuação do Positivismo no Exército. “Foi o mais nefasto possível, só faltaram acabar com o Brasil por um estado de espírito e de realidade”. Quer dizer, o último positivista que eu tenho mais contato... Quando foi projetada a mudança da capital, teve aquela comissão de estudo da nova capital, antes do Juscelino.

J.P. – Não é o Horta Barbosa?

O.L. – Não, esse também, esse era do Conselho do Petróleo. Era dos mais fortes.

A.C. – Foi em 30 e poucos, não?

O.L. – É, 30 e poucos. Eu não me recordo o nome dele. É um general que foi nomeado pelo Getúlio para projetar a nova capital. Eu fui almoçar com ele no Jockey Club, porque o General Lorena era aposentado. Eu ri juro, da educação dele que era a seguinte: “Temos que montar a capital no divisor de águas de todos os rios”. Essa era a idéia antiga, de 1894, depois da comissão do Cruls. Então, vamos fazer o seguinte: “botamos um quartel de Infantaria, aqui um quartel de Cavalaria um quartel de

Engenharia lá”. Esse é que era o plano da cidade. Sem blague. Se eu lhe der a palavra de honra você não acredita no que estou falando. Foi o general, quer dizer, a idéia dele era essa. De maneira que o Juscelino, tudo que ele puder falar bem desse, é num grau assim, o Juscelino tinha uma intuição tremenda. Vocês estão bebendo, eu não posso beber.

F. – Eu não, eu estou mantendo o copo para ele não rachar.

O.L. – Mas todos os que eu tive contato eram muito bons. Eles eram todos completamente aéreos. Um dos últimos, que eu briguei também, era o Eugênio Drummond da Rosa que projetou a Cidade na Ilha. O capítulo dele era o mais utópico possível. Eu tinha estudado muito esse problema da Universidade.

J.P. – Ele foi do Conselho do petróleo?

O.L. – Esse foi o outro, foi o general Júlio Caetano. Em 1929, houve um convite ao Brasil daquela Fundação Internacional of Education, da Carnagie, então uns poucos fomos lá nos EEUU e visitamos todas as universidades na parte Leste. Umas 20 e tantas. Mas jantando com os reitores e discutindo os problemas todos, visitando todas as escolas e tudo isso, de maneira que eu tive uma idéia da Universidade muito real.

S.S. – Essa era uma missão com que objetivo?

O.L. – Como é?

S.S. – Qual era o objetivo dessa viagem? Era conhecer o sistema universitário americano?

O.L. – É.

S.S. – E com que intenção?

O.L. – De se aplicar aqui no Brasil.

S.S. – Mas isso era uma coisa que o governo brasileiro estava interessado?

O.L. – Não.

J.P. – Foi da Fundação?

O.L. – Foi da Fundação Carnagie.

S.S. – A Carnagie Foundation?

O.L. – Foi o Delgado de Carvalho, foi o Couto e Silva, da Medicina, fui eu da Engenharia...

S.S. – Pessoas selecionadas como? A Fundação convidou?

O.L. – Fez vários convites assim. Eu fui indicado pela Associação Brasileira de Educação onde eu era o Presidente da Comissão de Ensino Superior. Teve uma professora enviada pelo Governo de São Paulo. Essa foi presa lá em Nova York porque estava roubando. A outra era irmã do fundador desse Instituto de cobras aqui de cobras aqui de Niterói, como é que se chama?

M.B. – Vital Brasil.

O.L. – Vital Brasil. Ela enlouqueceu. Tinha uma psicóloga paulista, notabilíssima, que depois substitui o Lourenço Filho. Também foi uma das melhores educadoras de São Paulo. Mas no meio dessas, as que foram indicadas pelo Governo foram uma tristeza.

A.C. – Nada deu certo do lado do Governo?

O.L. – Nós aqui fizemos uma campanha muito grande pela Universidade, articulada com São Paulo.

S.S. – A missão de Teodoro Ramos na Europa foi nessa época mais ou menos?

O.L. – Foi nessa época. Foi decisiva. Éramos nós aqui no Rio e o Teodoro lá. E muito entrosados uns com os outros. Mas ele conseguiu passar na frente. E nós

estimulávamos, per que o paulista é muito orgulhoso, de maneira que foi um estímulo muito grande. O Teodoro Ramos era filho do..... que escreveu sobre o café. Eu era muito amigo do Teodoro Ramos. Ele foi lá na Europa e escolheu a dedo gente ótima, que foram decisivas. São Paulo deu um pulo.

J.P. – Isso em 34?

O.L – 34.

F. – Foi aquele que foi prefeito do Mesquita?

O.L. – Foi, também ajudou, como é?

F. – Mesquita, do Estado de São Paulo.

O.L. – Júlio de Mesquita, pai.

F. – Júlio de Mesquita. E o governador era o.....

O.L. – Armando de Salles Oliveira.

F. – Armando Salles.

O.L. – Armando Salles foi um dos sujeitos mais notáveis que eu conheci. Morreu cedo, era candidato a Presidente da República. Eu estive em contato com ele. Fui estudar o problema... . Eu sempre fazia ciência, mas com o objetivo de ser útil, não é utilitário nesse sentido de dar dinheiro não, é no sentido de criar um país. Eu fui estudar em 1932, 33, uma coisa assim, as jazidas de chumbo do Vale da Ribeira de Iguape. Fiquei entusiasmado com as possibilidades, porque o chumbo é um metal que se precipita pelo calcário e lá tem muito calcário, tem muitos filões pequeninhos, mas lá era o lugar mais difícil de se penetrar que existia, foi o único lugar no Brasil, e eu fui em tudo no Brasil, que de canoa viam-se as onças.

F. – Ainda é difícil até hoje.

- O.L. – Passa imitando tucano. Então voltei para aqui. O Ministro da Agricultura era o Juarez Távora, foi meu colega de turma, fui lá falar com ele: “Juarez, eu quero participar disso ao Governador, porque é um pecado aquilo estar abandonado. Tem que ser construída uma estrada ligando Apiaí a Iporanga, ligando o Vale com o Planalto”. Escreveu uma carta muito amável. Pedi uma audiência por tele grama daqui, qualquer dia, qualquer hora, de 15 minutos para explicitar o programa. Armando de Salles me fez sentar e não me largou durante horas. Eu tomo toda a parte de estatística mesmo. Mandou fazer no mês seguinte um levantamento. Saiu a estrada logo a seguir. Mudou o baú, no lugar daquele deserto, que era uma espécie de Mato Grosso, uma espécie de estrada das onças...
- S.S. – Foi uma coincidência que, ao mesmo tempo que o Sr. ia para os EEUU, o Teodoro Ramos começava a fazer essa viagem para Europa?
- O.L. – Não, o Brasil é um país pequenino. Então, todo o pessoal, era uma sociedade muito estratificada, tudo tinha conte to quando a turma que ia ao cinema de noite, às 10 horas da noite. A palavra ali não tem sentido, mas era um pessoalzinho que trabalhava muito de dia, então ia descansar. Você conhecia todos, a não ser quando tinha uma pessoa lá que a gente não conhecia: “Uai, esse deve ser de São Paulo”. A gente no cinema, talvez conhecesse 80%.
- J.P. – A aldeia.
- S.S. – A aldeia global.
- O.L. – Meu grupo começou todo de médicos, no cinema. Era o Genival Londres, professor de Medicina, Couto e Silva, o Valdomiro de Neri. Gente boa mesmo, esses eram bons, e eu achava que aquilo era normal. Hoje a gente vê na enciclopédia aqueles nomes todos, os expoentes, e eu não dava valor.
- A.C. – Em que consistiu a campanha, para...?
- O.L. – A campanha foi sobretudo...

(Final da Fita 1 – B.)

S.S. – Da Sociedade Brasileira de Educação?

O.L. – É, eu creio que, nessa primeira fase, o Presidente da Seção de Ensino Superior era o Laboriau. Então, nós combinamos fazer um folheto grande, com uma série de artigos, mostrando o valor da Universidade. Ainda recordo que eu coordenava a parte material. Cada um escrevia e pagava para publicar. Naquele nosso tempo, todo sujeito que fazia, que dava, pagava em vez de receber. Por exemplo, nesses Cursos de Extensão universitária da Escola de Engenharia, às vezes, tinham mais de 100 conferências por ano. Era toda a elite do Brasil. Todos vinham cá sabendo que tinham de pagar passagem, pagar a estadia. O nosso compromisso era só de anunciar bastante nos jornais, publicar com antecedência e levar um auditório grande. O auditório enchia sempre a essa hora. Perguntarão quem era esse auditório. Era a elite do Rio de Janeiro e alguns garçons daqueles cafés do Largo de São Francisco. Era impressionante como esses sujeitos iam vestidos de garçons e assistiam conferências o ano inteiro. Depois a Universidade quis que esse programa fosse aprovado pelo Conselho universitário com um ano de antecedência. Tivemos que acabar esses cursos de Extensão universitária. Agora, uma coisa que é fato é que tudo nesse sentido no Brasil era individualismo, não só na Educação, na Ciência, mas tudo no Brasil era individualismo. Perguntar por que, talvez seja por causa do trópico, porque no clima temperado o sujeito, depois de jantar, se reúne num clube. Está nevando, está chovendo, estão no clube, tomando lá um *scotch* e conversando. Aqui o sujeito vai para praia. Só se conseguiu um bocadinho de trabalho coletivo no futebol, foi a única coisa que funcionou. Então atualmente, onde cada um tem um controle individual, não há mais contato nenhum. Isso que nós estamos reunidos aqui hoje em torno de uma mesa, é uma das coisas mais raras que existe no Rio de Janeiro de hoje. Hoje nem mais ao cinema a gente vai, por causa da televisão.

J.P. – Isolamento crescente, né?

O.L. – A televisão é de um lado só, não responde. Agora, foi esse mesmo grupo que fundou a Rádio Sociedade, o Henrique Morize, o Roquette Pinto. Eu fui um dos dez que

fundou a Rádio Sociedade.

S.S. – Que depois virou a Rádio Ministério da Educação.

O.L. – Eu era lá varredor de chão, correção, criei a biblioteca. Quando faltava o locutor, de vez em quando, o pessoal telefonava: “Quem é essa moça que está como locutora hoje”. Me dava um complexo louco. Nós fazíamos tudo. O Roquette Pinto era um idealista.

S.S. – Ele também estudou na Politécnica?

O.L. – Não. Ele estudou na Faculdade de Medicina.

S.S. – Na Medicina.

O.L. – E o mais curioso é que esses maiores valores, como Roquette Pinto, Miguel Osório de Almeida, nunca passaram de docentes livres porque nunca havia vagas. E hoje tem cada analfabeto aí que está como diretor. Naquela época era o contrário, havia mui to poucas chances e, quando havia, os valores eram selecionados pela própria natureza. Eu me recordo que uma vez viajei para os EEUU com o Professor Possion, que era um francês professor na Universidade de Harvard, um dos sujeitos mais famosos do Colégio de França. Na viagem ele ficava querendo saber muita coisa sobre o Brasil e perguntou-me qual era a minha impressão sobre os EEUU. Eu tinha estado várias vezes. Eu disse que tinha um entusiasmo muito grande pelos EEUU, sobretudo pela Universidade, pelo que eu tinha visto Disse ele: “Não posso acreditar. Eu encontrei muito mais cultura no Brasil do que nos EEUU, onde eu sou professor numa das mais famosas universidades, que é Harvard”. Eu disse: “O que que está acontecendo aí? Estamos falando duas línguas?” Então fui verificar todas as pessoas com que ele teve contato. Era toda a elite do Brasil, era Miguel Osório, Álvaro Osório, Fernando Laboriou.

S. s. – Que talvez ele nunca teve chance de ter nos Estados Unidos esse contato.

O.L. – Pois é. Agora, o que acontecia naquela época era que vinham todos os expoentes

mundiais de ciência aqui no Brasil, naquele instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura, e mesmo com os ingleses. Por exemplo, veio aqui a assistente de Madame Curie. Acompanhei o Einstein aqui, esse pessoal todo de Prêmio Nobel, uma dúzia deles, eu tinha automóvel, eu era *chauffeur*.

A.C. – Mas por que esse interesse tão grande dos estrangeiros?

O.L. – Era propaganda dos franceses porque a cultura brasileira, o Brasil, era colônia intelectual da França. Era de fato. Apenas a França, como a Inglaterra hoje, falando do francês, é uma língua que ficou morta como o Latim. É uma pena, porque era uma cultura profunda e uma língua que é um assombro de beleza. Enquanto que o inglês, por ser uma língua muito fácil, muito sintética e porque o inglês foi muito individualista, sempre pragmático, dominou o mundo, dominou o comércio. Depois, os Estados Unidos é o paraíso natural da terra, qualquer povo colocado nos Estados Unidos, até americano. São inacreditáveis os recursos naturais e as possibilidades naturais. Enquanto que no Brasil, tudo é adverso. Então, foi preciso que chegasse o momento, quer dizer, eu fiz essa viagem em volta do mundo, no trópico, para entender o Brasil. Mas não foi de preconceito não, é que eu quis ver porque eu não entendia, porque eu via aquilo e não entendia. E fui vendo, aprendendo por mim mesmo que só existia civilização na região que não era tropical. Por exemplo, a Austrália, todo mundo falava na Austrália, comparava com a Austrália. Toda a parte norte da Austrália é praticamente um deserto. Eles dizem que não, mas é imensamente mais seco do que o nordeste do Brasil. Então, eles começam a habitar do trópico para baixo. Também Brasil, o sul do Brasil, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, também é uma maravilha. Só acontece que o Brasil está *upside down*, de pernas para o ar, quer dizer, se a largura na parte equatorial fosse igual a do Rio Grande do Sul, nós seríamos um dos grandes países, potências do mundo, já há muito tempo. Não tem a menor dúvida.

A.C. – O Sr. acredita na maldição dos trópicos?

O.L. – Não, não, não, não. Acontece que, como retórica, isso é muito bonito mas, até certo ponto, isso é um desafio do trópico, se o homem é capaz de vencer o trópico ou não. Como é que começou a civilização? Na Zona Temperada? Não, começou na Zona



até quase que equatorial, nas margens, nas costas dos desertos.

S.S. – Nas margens do Nilo.

O.L. – Mas o Nilo corta um deserto, quer dizer, aquelas dunas todas de areia encostam no Nilo. Eu caí na asneira de pegar um automóvel, queria entrar no deserto da Líbia para ver aquilo como é que era. Ah! Com meia hora de viagem, eu disse: “Volta, volta que eu vou morrer aqui de pavor”. Mas de medo mesmo. Você pensa que duna de areia é branca? Não é branca não, e cor de sujo. De maneira que não era possível, antes de ter o controle, o domínio do calor, habitar as zonas frias, as zonas temperadas. Então o que que houve? Houve uma seleção das raças mais fortes, foram os nórdicos. Todas as raças fracas não conseguiram sobreviver àqueles invernos prolongados. Então, o que a seleção climática fez foi criar os nórdicos que, de fato, são os povos mais civilizados do mundo. Depois, eles progrediram a zona temperada e a zona tropical ficou para trás. Ainda mais, essas zonas equatoriais, por exemplo, o norte da África foi o celeiro da Europa, no começo da Era Cristã. O que que é hoje? Deserto. As costas não se substituíram; cortaram florestas, exploraram as minas de ouro e acabaram. O próprio Estados Unidos que tomou o seu deserto, eles criaram desertos com a *overgrazing* e com uma produção muito intensiva. Sobretudo com a criação intensiva. Aqueles furacões de poeira. Oklahoma não.

J.P. – Kentucky.

O.L. – Kentucky. Mas as facilidades naturais dos Estados Unidos são incríveis. Primeiro, recursos minerais têm praticamente todos.

J.P. – Recursos energéticos?

O.L. – Recursos energéticos. Agora, acontece o seguinte: o Brasil tem muitos recursos minerais? Tem. Não há a menor dúvida. A tal ponto que o professor ..... só pelo mapa do Brasil, sem saber nada, acredita que aqui era Urânio. Ele tem absoluta certeza, convicção, porque eles....

S.S. – Acredita o que?

O.L. – Vai produzir, dar urânio para o Brasil.

S.S. – Urânio?

O.L. – É. Perguntar por que faz. O negócio de escutar as coisas.

J.P. – Segundo o Maurício Peixoto, o Formann já se comprometeu a começar as jazidas de urânio enriquecido (risos).

S.S. – Já enriquecido?

J.P. – Já.

F. – Empobrecido.

O.L. – Mas esse meu argumento é só para chegar ao seguinte: a importância de viajar. Tem certas coisas que a gente não aprende em livros. Eu tive um convite do Governo do Equador para estudar as minas de enxofre do Equador, porque eu estava estudando o problema do enxofre no Brasil. Então, eu rodei todo o Peru, todo o Equador até a Colômbia, pelos Andes. O que me impressionou foi o seguinte: o Chile e o Peru são todos cheios de jazidas por todos os lados, são as maiores jazidas de cobre do mundo. Chega no Equador, a fronteira política, acabam as minas, a fronteira dos minerais. Então, se você olhar assim, vê. Por que aqui não tem minérios? É porque toda ela é por causa das correntes úmidas, é toda coberta de mato, quer dizer, qualquer um que cruza a cordilheira, se encontra um minério cobre, está sentindo que é pesado, depois está tudo pintadinho de verde de malaquita. Agora aqui, encontrou-se, em 1700 e tanto, um bloco de cobre nativo pesando uma tonelada e tanto. Esse bloco está no Museu da Ajuda em Lisboa. Depois não se encontrou mais nada. Seria possível alguma... magnânima produzir este bloco de cobre?

F. – O Caraíba de que ano é, Dr. Othon? É em 1800 e tantos a descoberta de Caraíba?

O.L. – Eu acho que é 1890, essa data é bem antiga. É o seguinte, então qual é a razão? A

mesma razão que o clima botou os mosquitos, botou a febre amarela e a malária, o clima decompôs a rocha e os minérios estão visíveis.

F. – Dr. Othon tem outra coisa também, na Europa, a raça francesa, alemã, etc., tinha exploração de metal desde o tempo dos romanos. Portugal não tinha essas coisas. Portugal nem Espanha.

O.L. – Não, é que as minas de Portugal não se chamavam de portuguesas, se chamavam de Roma. Era do Império Romano, depois vira de Portugal.

F. – Pois é, o pessoal que foi para os Estados unidos conhecia chumbo, zinco, etc. O português só conhecia ouro. Chegou aqui achou e não quis mais nada.

J.P. – Mas aí é uma fase da História, do problema mercantilista.

O.L. – Não, mas ...

F. – Agora você vê, essas minas que o Dr. Othon fala foram trabalhadas para a prata, mas tem muito mais chumbo que prata. O português nunca mexeu com chumbo, só com prata.

O.L. – Sim, mas as minas famosas da Grécia, do auge, forneceram prata para aquela guerra de Tróia, tudo isso e o chumbo era reduzido, jogado fora.

F. – Chegamos à conclusão que o português tem uma cultura grega.

O.L. – Mas a dificuldade intrínseca da rocha decomposta, do manto de... é que ele chega a ter mais de cem metros aqui no Rio de Janeiro. O morro do Castelo...

F. – Não tem dúvida, isso é importante, mas também a mentalidade do pessoal que veio para cá, no meu entender, é importante, eles não estavam preocupados...

O.L. – É um círculo vicioso, não entendiam porque não tinha.

- F. – Exato, mas não tinha lá também em Portugal.
- O.L. – Sim, você pega na nossa história, o número de aventureiros que vieram para o Brasil colonial procurar metais. É um número muito grande. Mineiros venezianos, etc...
- F. – Querendo achar aqui o ouro. Pois é, ficaram chateados porque aqui não tinha Astecas e Incas para roubar o ouro. Só procuraram ouro, ninguém procurou outra coisa.
- O.L. – Mas escuta, lá na Cordilheira, os Maias, Apeteças, Toltecas, essas coisas todas, eles trabalharam o ouro porque eram uma raça culta. Você não tinha um índio que prestasse aqui na América do Sul. O que que era arco e flecha?
- F. – Continua, continua...
- O.L. – Você tinha, quando muito, os Tupis no Paraná e Santa Catarina usando cesteiros de cobre.
- A.C. – Os Incas não...
- J.P. – Não, os índios.
- A.C. – O senhor diz na América do Sul ou no Brasil?
- O.L. – Eu digo que em toda a Cordilheira tinha índios mais avançados, a começar dos Maias. Mas aqui você pode ter civilizações que construíram aquele cemitério de Marajó e do Tapajós, mas eles não agüentaram, foram embora. Tinha um elemento mau.
- A.C. – Os mosquitos.
- S.S. – Como dizem os economistas.
- O.L. – De maneira que é assim: o elemento mau expulsa o outro. Agora a minha experiência de ensino nessa ambiente universitário brasileiro, Museus, etc..., sempre o elemento

mau apagou o trabalho dos outros.

O.L. – Impressionante, todo mundo se congrega contra o bom.

F. – Isso é uma coisa que ele diz há uns vinte anos: os ruins se juntam, os bons se isolam.

O.L. – Todo bicho predatório se reúne. Eu quero fazer um intervalinho. Quão é agradável a uma pessoa velha transmitir a experiência, por pior que seja. A gente nova tem feito uma base diferente, muito mais sólida.

A.C. – Quanto mais sólida pior.

O.L. – Meu filho está fazendo Geologia. Ele começou de cima, da última paulada em toda parte de ciências.

J.P. – O senhor como geólogo, na sua época também, já começou de uma paulada diferente dos seus antecessores.

O.L. – Eu tive minha cultura geral desses contatos, mas da Geologia eu não tive. Eu nunca tive um professor de Metodologia, em nenhum setor da Geologia.

F. – Mas até agora o senhor não disse como era logo que o senhor entrou para a Escola de Engenharia.

O.L. – Eu, como aluno, gostava muito de Geologia, era o melhor da turma de Geologia, Então, o professor de Geologia me pegava para uns estágios. Eu arrumava as coleções, então passei a morar no laboratório de Geologia. A Escola fechava às seis e a gente ficava lá até meia-noite. Então, já como aluno, eu era auxiliar de ensino. Meu professor, que se chamava Everardo Adolpho Bacoiser de origem alemã, me pegava para fazer toda a aula escrita na pedra de véspera. Nas quatro pedras, eu desenhava com giz de cores, os quadros todos escritos e isso me tomava muitas horas. Estava tomando café com leite, naquele botequim do Largo, Café Jalo. Na aula de Mineralogia vi aquelas etiquetas que estavam todas erradas, então eu corrigia. Ele perguntava por que eu aprendi aquilo, eu respondia: “Por intuição, a gente nasce com

um sexto sentido”. “Bom, então você poderia me dizer que isso aqui é ionita do tempo primitivo”. Mas eu sentia que era sílica anidro.

F. – Aliás era uma característica dele como professor arranjar coisas que pareciam outras para a gente identificar. Para qualquer aluno.

O.L. – Que idade tinha o Otinho quando ele fazia aquele negócio de minerais?

Mulher de O.L. – Quatro anos.

O.L. – Para mostrar, quanto à intuição, que meu filho quando era pequeno, tinha que dava até para brincar, com quatro anos. Então eu dava uma centena de minerais diferentes. Ele chegava lá e distinguia um merlíio verde de uma purita verde, de um outro qualquer. Mas tudo, tudo, ele dizia. Os outros ficavam gozando. Depois o outro começou a fazer de inimigo disso, então acabei com isso. Depois quis ver se ele não fazia Geologia, fazia outra coisa, que a minha Geologia foi muito dura. Quando ele quis entrar para a escola superior, eu rodei tudo para mostrar o que ele queria ser. Por exemplo, eu era diretor da Mannesmann, levei lá para Mannesmann em Belo Horizonte, corri a Mannesmann inteirinha pra ver se ele queria fazer Metalurgia. O Presidente da Mannesmann, que é muito meu amigo, disse assim: “Você começa logo de cima”. Fiz de tudo, “estuda Medicina”, mas acabou entrando por ele próprio para Geologia, sem influência minha nenhuma.

S.S. – Pura coincidência!

O.L. – Não, mas não é isso não. Ele entende e é bom, não é?

F. – O Otinho é.

(Interrupção da Neta)

O.L. – É por isso que, quando o ambiente não é favorável, se perdem elementos que podem ser extremamente úteis no setor.

- S.S. – O senhor na universidade, quando estava como professor, encontrava bons alunos que pudessem continuar a ter interesse pela Geologia?
- O.L. – Encontrava para Engenharia. Para Geologia eles aceitavam, chegavam lá, mas como divertimento, como *hobby*, não como conhecimento, tanto que...
- J.P. – Não era uma profissão.
- O.L. – Eu estive como professor mais de quarenta anos e só consegui fazer um assistente realmente bom, Oscar Edwaldo Portocarrero, que é um matemático, sobretudo de cálculo vetorial, mas ele tem... tudo que eu quiser. Ele se tornou assistente, dava aula na Francisco Pena, mas estava se prejudicando porque era matemático, não era de Geologia. Como eu dizia, e ele ficava ruborizado, “Sai e vai fazer o seu curso de matemática”. Logo tentei fazer com o que eu tinha. Com assistente não conseguia fazer nada e tive que ficar cano professor até hoje. Não consigo que ele faça Geologia. Inteligente, um ótimo engenheiro. Não tem vocação. Sem vocação não se faz mesmo.
- F. Dr. Othon, quando se criaram aquelas Faculdade de Filosofia, que São Paulo começou, trouxe um italiano para fazer Mineralogia, etc..., e que na realidade foi a origem da Geologia, em São Paulo, moderna, digamos assim, por que não funcionou aqui?
- O.L. – Porque não vieram esses elementos, não tinha dinheiro.
- J.P. – Mesma coisa de Física?
- O.L. – Aquilo é trabalho individual do Teodoro Ramos, com apoio do Júlio de Mesquita, que tem o jornal, e pessoalmente do Armando de Salles Oliveira.
- J.P. – Eles fizeram Química ou Física?
- O.L. – Química. O Rheinboldt também fez toda uma escola.

J.P. – Wataghin.

O.L. – Wataghin então é meio assombroso, porque o Wataghin era mãe desses meninos todos.

J.P. – O Leite Lopes tem um artigo que é muito interessante.

O.L. – Não li não.

J.P. – É antigo.

S.S. – Além desse problema que o Dr. Pelúcio tinha falado, quer dizer, o fato da Geologia na realidade não ser uma profissão como a Engenharia, não tinha um departamento de Ciências Geológicas também.

O.L. – A Geologia só é uma profissão porque nós fizemos uma força.

J.P. – Bom, isso mais recente.

O.L. – Essa parte recente...

F. – Filosoficamente, mesmo no século passado, a Geologia não era uma profissão.

O.L. – E não é, no mundo, não era, não era...

F. – Eram aquelas escolas de montanhismo, aquelas coisas e tal.

O.L. – Havia engenheiro de minas, Geologia teve..., como a Botânica e a Zoologia.

J.P. – História Natural...

S.S. – Por exemplo, na USP, Geologia na Faculdade de Filosofia não é uma profissão?

J.P. – Não havia profissional...



F. – Quando começou não, era uma cadeira.

S.S. – Era uma cadeira de dentro.

F. – Da História Natural.

S.S. – Para formar professores.

O.L. – Confesso que sou inteiramente responsável para fazer Geologia no Brasil, como profissão e carreira. A vida inteira eu briguei na Escola de Engenharia pela Geologia, para voltar a fazer o curso de Engenharia de Minas. Foi um fracasso. Modernamente, fizeram um novo curso, como você tinha lá na Escola de Engenharia. Com a desaccumulação, fizeram um curso de Engenharia de Minas. Foi um fracasso completo. Depois me chamaram para torrar conta desse curso, sem recurso nenhum. Foi uma coisa tão ruim que eu preferi que acabasse o curso. Só formei um sujeito capaz, que era o neto do marechal Tasso Fragoso, que trabalhou na Comissão de Energia Nuclear, se chama Leite Fragoso Senra.

J.P. – Fragoso Senra.

O.L. – Menino inteligente.

A.C. – Fragoso?

J.P. – Senra.

F. – Depois, nós tentamos fazer Engenharia de Minas outra vez, quando teve a Reforma Universitária, e não deu em nada.

O.L. – Você admite que não conseguiu fazer um curso aqui novamente? Creio que o ambiente está maduro, mas já se passou muito tempo. Eu fiquei no Conselho de Minas e Metalurgia durante... Eram dois só que eram elementos técnicos: o Glycon...

J.P. – O Glycon não foi contemporâneo seu?

O.L. – É um pouco mais moço.

J.P. – É um pouco mais moço?

O.L. – É bem mais moço. Eu fui do Djalma Guimarães. O Glaycon é bem mais moço. Sujeito de muito talento. Ele administra, é mais economista do que geólogo. Como geólogo, ele não vê diretamente, ele vê através de outros. Se apresentar um trabalho ruim, ele diz e entende coisas assombrosas, mas se puser ele no campo, ele não vê. É curioso mesmo. Tentou-se de todo feitio, a maioria das pessoas com ideais e nós sempre gritando que era necessário Geologia, Geologia, teologia. Mas, quando o Clóvis Salgado foi Ministro da Educação, ele ficou escandalizado quando soube que não havia, que não se formavam geólogos no Brasil. Ele como engenheiro de minas, ele é engenheiro? Ele é médico...

S.S. – Obstetra.

O.L. – Obstetra. Então se lembrou de fazer um grupo para se estudar aquilo. Convocou dez nomes. Pediu um no Conselho de Minas e Metalurgia, indicaram o meu nome. Depois pediu sugestão do Glycon e constataram o meu nome para Presidente dessa Comissão. Foi em 56 ou 57?

F. – 56.

O.L. – 56. Então, nos reunimos. Era o José Hermínio de Moraes.

J.P. – José Hermínio é esse engenheiro de minas?

O.L. – Engenheiro de minas, colorote como o pai, mas ele nunca fez Engenharia. A mina dele era o seu sogro.

F. – Falando “uai”, ele é minerão mesmo.

J.P. – Abraçou uma profissão altamente rentável.

O.L. – O sogro dele sim é que era um português muito burro, mas muito simpático. Aonde é que nós estávamos?

F. – Estávamos na CAGE.

O.L. – Então fizemos esse grupo. O quê que vamos fazer? Fazer Geologia em que grau? Grau técnico, curso secundário ou curso superior? Dentro das Escolas de Engenharia na Faculdade de Filosofia? Primeiro começou dizendo que tem que ser feito em diversos graus. Devia ter um curso baixo, grau técnico, contramestre e depois um curso que poderia ser de graduação e outro de pós-graduação. Discutiu-se muito de que maneira. Eu sempre insisti, no começo, que devia fazer um curso equiparado ao de Engenharia, mas totalmente livre de Engenharia, que podia ficar provisoriamente em qualquer escola, mas também depois ser um curso individualizado numa escola individualizada. Depois de muito lutar, o pessoal concordou com isso. O mais engraçado é que o Irajá, que fez o melhor discurso lá no Rio Grande do Sul, não queria ter um curso de nível superior, queria um curso bem mais baixo.

J.P. – O Irajá é que foi diretor do Conselho?

O.L. – Foi, ele é ótimo. Aquele é outro completamente individual. Tinha um russo, Boris Braniskof, cuja mulher era professora de pintura da mulher do Clóvis Salgado, que era cantora.

S.S. – Lia Salgado.

O.L. – Lia Salgado. Foi à custa desse Boris Braniskof, que tinha contato com Lia Salgado que insinuou ao Clóvis para fazer curso de Geologia. Então criou um curso totalmente estratosférico. Engraçado como as coisas saem desse jeito. Mas o Clóvis é muito inteligente, um sujeito de primeira classe.

F. – Nessa altura, a Geologia como profissão já existia no resto do mundo. Ela se transformou em profissão no fim do século passado, início deste.

O.L. – Mas a maioria dos países ainda fazia Geologia como uma das...

J.P. – Um dos ramos da Ciência.

O.L. – É, das Ciências Naturais. Mas eu insisti por isso só. Então, para se criar carreira era muito difícil. O Diretor do Ensino Superior era o Euvaldo Lodi.

J.P. – Ficou lá séculos.

O.L. – Ficou lá vinte e tantos anos. Tinha defeitos tremendos, fazia antipatias, brigava com todo mundo, mas tinha muitas qualidades. Era aquele cachorro bulldog, que pega e não larga. Fazia uma discriminação muito grande. Quando ele via que as coisas eram boas, ele fazia tudo, o exemplo é aquela Universidade de Santa Maria, deu todo apoio, foi quem mais criou escolas, mas também quando o sujeito não prestava, ele mordida a calça, a camisa, a orelha, tudo isso. Ele nos deu apoio desde o começo muito bem. Nós ficamos espantados, porque não podia ser, um sujeito que era sempre do contra, como é que ia aceitar?

F. – Já era aquela comissão dos quatro, da CAGE?

O.L. – Ele gostava muito quando eu entrava em campo. Nos deu uma chance tremenda. Nós sempre lutamos e não conseguimos, se agora não se faz certo, está perdido. Fizemos então, programamos a carreira. Agora a dificuldade é criar a carreira e criar a profissão.

F. – Diga-se de passagem...

O.L. – A escola se desenvolveu, os cursos se formaram e os alunos brigavam, apertavam a gente, quer dizer, se nós criamos as carreiras secundárias, todo mundo vai preencher a carreira, tudo quanto é engenheiro que pegou uma pedrinha no caminho para fazer paralelepípedo, vai ser geólogo. De fato. Então, vamos esperar que surja de maneira mais adiantada e fazemos. O Lodi tinha muita força política porque dava as verbas todas de Educação, então tinha uma porção de senadores e deputados... Um

deles, por exemplo, é o Krieger que era relator do orçamento da Educação. O Tarso Dutra estava na Câmara. Estávamos fazendo os cursos superiores.

F. – Fazer um parentesinho que eu acho que é importante, o sr. falou que teve brigas e brigas, o sr. esqueceu de dizer que essas brigas todas foram contra Ouro Preto que não queria criar a profissão de geólogo.

O.L. – Eu vou chegar lá. Esses cursos se fizeram

F. – Ouro Preto, por isso eu estou fazendo menção.

O.L. – ... para mostrar que o fenômeno não é de Ouro Preto, é um fenômeno.

J.P. – Mas em São Paulo, já existia?

S.S. – Pois é, isso que ia perguntar.

O.L. – São Paulo tinha criado em lei, mas não estava funcionando ainda.

F. – Não como profissão.

S.S. – Mas o que que acontecia na Faculdade de Filosofia enquanto havia essa luta para criação do curso, da profissão, aqui no Rio? O que que acontecia em São Paulo, na área da Geologia, na Faculdade de Filosofia?

O.L. – Tinha um curso de História Natural muito bom que formava o licenciado em História Natural. Então, eles iam ensinar, sobretudo, nas escolas secundárias.

S.S. – Mas eles eram bons geólogos?

F. – Não, o curso era História Natural.

O.L. – Era História Natural.

S.S. – Em geral?

F. – Tinha algumas disciplinas em Geologia.

S.S. – A pessoa não podia se especializar em Geologia, por São Paulo?

O.L. – Depois é que se criou. Criamos esses cursos. Então, precisa-se de quantos cursos? Achava-se que não era possível criar mais do que quatro de uma vez, porque não havia elemento humano capaz, mesmo trazendo de fora. A gente não consegue gente boa assim de repente e era preferível ter menos cursos e melhores. Então os cursos eram: São Paulo tinha prioridade porque ia fazer como Estado, mas nós tínhamos receio de que o Estado não fizesse tem, porque eles não tinham experiência superior. Tinham dois professores que tinham ido embora: o Barão Otorino Di Fiore, que é de Geologia, e o Ettore Onoratto, que era de Mineralogia e especializado sobretudo em raios X. De maneira que, um especializado em Paleontologia e outro em Mineralogia, os dois juntos não formavam..., dois setores completamente inintrosáveis. Quer dizer, embora eles fossem muito bons, não constituíram uma carreira de Geologia como em Física se criou, que o Wataghin era um geral e o grupo era bem melhor. Em Geologia não era muito melhor, como em Química, etc. Mas, o segundo curso era no Rio Grande do Sul, porque tinha o melhor reitor do Brasil, o Eliseu..., que dava todo o apoio. Ele disse que se fizesse lá, apoiaria completamente. Sujeito excepcional. São desses sujeitos que se fez por si próprio. Ele começou na Faculdade de Medicina como ajudante de limpeza, lavando chão. Uma vez chegou um professor lá que o maltratou, então ele jurou que ia se formar em Medicina, que ainda ia ter uma cadeira dele. É um sujeito fantástico, sujeito que nasceu de classe. Depois foi Ministro da Educação, no tempo do Jango Goulart. Depois um curso no centro e outro no norte. No norte, prevaleceu o reitor do Amazonas, que fazia questão absoluta de ajudar a Geologia e tinha um grande prestígio. Eu já o conhecia há muito tempo, porque eu fiz parte do Conselho Superior de Ensino, em 1925. Eu tinha 25 anos, que topete não é? Com Afonso Celso, Reynaldo Pochart. Eu comecei muito cedo. Eu disse: “Aonde é que vai ser Sr. Ministro? O. Sr. que é de Minas e que é Ministro da Educação, o Sr. é que tem que dizer, porque se eu propuser em Minas e no Rio e propuser lá...” O ... de Moraes, que era de Minas, de Ouro Preto, pleiteou que fosse em Brasília. Ele não fazia parte da Comissão, mas no Conselho de Minas, onde ele tomava parte como

Diretor-Geral do Departamento de Recursos de Produtos Minerais, ele fez um grande apelo que todos pleiteassem em nome do Conselho de Minas, que fosse para Brasília. Eu disse: “Não pleiteio porque o Conselho não votou, é opinião sua só. Eu não tenho preconceito, qualquer lugar serve”. Sobre Brasília, eu conversei com o general Jurandir Matos. “Brasília não poder ser, porque a filosofia que nós fizemos é não botar curso superior em Brasília, é deixar nos outros estados. Brasília vai ser um outro caso”. Mas logo a seguir fizeram. Não quisemos fazer no Rio, porque não quis, mas foi erro, porque achava que não havia elemento humano. Aí ficava a faculdade de Engenharia, que a Escola Nacional de Filosofia não quiseram. A Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro começou ótima, como Faculdade de Ciência da Universidade do Distrito Federal, que foi criada...

J.P. – Quando Pedro Ernesto foi Prefeito, que foi afastado em 1937.

O.L. – O Anísio Teixeira era secretário de Educação, mas quem fez de fato a Universidade foi o Roberto Marinho de Azevedo, que era professor da Engenharia. Ele é ótimo. É irmão do Marinho de Azevedo, médico, que também era de primeira ordem. Então, estava havendo uma reunião de reitores, quase todos estavam e o Clóvis Salgado perguntou se não poderia ser em Minas. “Realmente pode, todos esses lugares cabem, mas por uma questão política, e o Sr. tem compromisso político com Minas, nós não queremos criar caso com o Sr., de maneira que o que o Sr. propuser nós aceitamos em princípio”. Se não fosse em Minas, admite-se a hipótese, aonde poderia ser? Ouro Preto ou Belo Horizonte? Eu pessoalmente preferiria Belo Horizonte, porque é mais fácil começar uma coisa nova que não tem tradição, onde não tem vícios. Pedro Calmon é que disse: “Eu preferiria Ouro Preto, porque é uma maneira de matar com uma cajadada dois coelhos”. Ele era reitor da Universidade do Brasil e Ouro Preto estava subordinada à Universidade do Brasil. Então não houve mais discussão, se o Calmon que é do Rio de Janeiro propôs Ouro Preto, se o Ministro que é de Minas Gerais, não queria decidir a questão.

S.S. – Mas Ouro Preto não estava se opondo a esse curso de Geologia?

O.L. – Os engenheiros de minas de todo o Brasil se opuseram radicalmente. Ouro Preto foi mais veemente, porque o curso já existia lá, em São Paulo foi a Escola de

Engenharia, porque o curso tinha ficado na Faculdade de Filosofia, já tinha ambiente, e no Rio Grande do Sul com a Escola de Engenharia também. Fizeram tudo que era possível fazer para não sair os cursos. Por exemplo, no caso de Ouro Preto, o incumbido de dar esse discurso no Senado, foi o senador Mainard que era formado em Ouro Preto. Mas eu combinei com Avelino de Oliveira, que era de Ouro Preto, deputado federal...

S.S. – Com quem?

O.L. – Avelino Inácio de Oliveira. Eu queria que saísse um curso bom, onde tivesse possibilidade. Não era nada pessoal contra Ouro Preto, tanto que, quando foi fundado, fizemos o máximo de esforço possível para conseguir um curso bom era Ouro Preto. A aprovação da carreira saiu porque um de nossos alunos era filho do Ranieri Mazzilli, que já tinha sido duas ou três vezes presidente da República, era um sujeito muito agradável e tinha sido membro do Conselho do Petróleo. Era muito amigo do Avelino. Adiantou todo mundo. Fomos lá falar com Ranieri Mazzilli que disse: “Te empresto aqui meu secretário que é o Paulo”. Então, fui falar com deputados e senadores em nome dele, Ranieri Mazzilli. Fui falar com todos que estavam se opondo, era o do Rio Grande do Sul, uma série deles. Com cada um que o Paulo me levou para conversar, nós conversamos sobre isso. Eles aceitaram em princípio, desde que o Mazzilli promettesse dar alguma coisa em troca. Então, foi comprado voto por voto. A campanha em todos os terrenos estava muito forte, então se criou a carreira e a profissão.

F. – Nessa época, o aluno que fazia Geologia tinha emprego garantido depois?

O.L. – A coisa não era bem assim.

S.S. – Eu tenho a lembrança disso em Ouro Preto.

O.L. – A idéia preliminar... Deixa que eu falo, Pelúcio. A filosofia é o seguinte: tinha um geólogo que nasce geólogo, então tem que dar uma chance a dois ou três de fazer Geologia. É muito mais natural encontrar um bom geólogo no meio do campo, que pega na terra e está levando um bichinho até lá, do que o sujeito da cidade que vive



só na escola. Então, era necessário, para que esses cursos andassem bem, que se desse bolsas. Então, se criariam bolsas que não fossem suficientemente grandes para ser profissão e nem bastante pequenas para não ser convidativas. Só não daríamos bolsas no Pio de Janeiro, por que era um convite a nós muito grande, que somos do Rio de Janeiro.

J.P. – Pelo que eu sei de alguns ramos científicos, no Rio de Janeiro e em São Paulo, um caso especial a Universidade de São Paulo a partir de 1934, entre 30 e 34, a falta da Universidade verdadeira foi suprida por entidades para – universitárias, mais governamentais, por exemplo, em Agronomia, o Instituto Agrônomo de Campinas foi mais importante que qualquer...

O.L. – Muito mais importante, sem dúvida.

J.P. – Universidade ou escola com ciências básicas ou ciência agrária. No Rio, a Faculdade fracassou.

O.L. – É, um bocadinho antes. A Faculdade de Filosofia que se leva para São Paulo não é a Faculdade de Filosofia, é a Faculdade de Ciências da Universidade do Distrito Federal. Esta começou tão bem ou melhor do que a de São Paulo. Se São Paulo...

(Final da Fita 2 – B)

O.L. – Você bota aqui, a primeira chuva leva tudo, não deixa nem amostra. Então, uma vez fui ao Jardim Botânico, não sei em que ano, com a turma toda de agrônomos que tinha lá. Fizemos umas excursões, porque o Ministério da Agricultura é dos agrônomos, então não podiam admitir que o pessoal da produção mineral venha aqui. Nesse tempo, eu trabalhava no Serviço da Produção Mineral e nós todos nos reuníamos aqui na Escola Nacional de Agronomia, de maneira que eu sabia do comportamento da Agronomia. Agora, a gente da Universidade do Distrito Federal tinha elementos ótimos e elementos péssimos. Primeiro, você não pode tomar o médio por bom, não tem sentido, mas a Faculdade de Ciências foi escolhida para mim por um sujeito talentoso para chuchu...

S.S. – Quem?

O.L. – De muita força. Anísio Teixeira, bom, excepcional, inclusive foi caluniado por todo pessoal metido nisso, foi chamado de comunista e ele não tinha nada de comunista, era democrata até a raiz dos cabelos. Eu sei disso tudo por que na Associação Brasileira de Educação tinha um grupo chamado de comunistas e o grupo dos católicos. Quem não era católico, era comunista. Por exemplo, a irmã do Álvaro Alberto, que era ótima, era do grupo dos que não batiam palmas para as... A Laura Jacobina Lacombe liderava os católicos.

A.C. – A irmã do Álvaro Alberto era do grupo?

O.L. – Comunista. Ela era comunista, mas inteligente, uma educadora formidável. Era uma época em que comunista tinha uma outra conotação, era no sentido de liberal.

A.C. – Qual foi o papel do Capanema, que o Sr. disse?

J.P. – Isso é que eu queria saber.

O.L. – O Capanema é notável num sentido, é um sujeito muito intuitivo, com pouca cultura. Tem muita intuição para a parte de arte, conseguiu fazer aquele edifício que, quando foi construído, a revista LITE publicou uma página dupla como sendo o edifício mais lindo do mundo.

A.C. – O Ministério de Educação?

O.L. – O Ministério de Educação causou um impacto tremendo. Ninguém aceitou aquilo no começo. Mas em matéria cultural, ele tinha muitos defeitos. Eu o conhecia bastante, jantei muitas vezes com ele na casa daquele Tasso.... Ele achava que, no Brasil, toda parte cultural tinha valor, a única raiz que não tinha valor era a portuguesa. Talvez seja por essa razão que estou escrevendo esse livro sobre outras raízes. Eu não tenho nada contra português, mas a parte cultural foi muito pequena.

F. – Para não dizer, inexistente.

- O.L. – Não é que seja refratário, em todo mundo é a mesma coisa. Quando o aventureiro português, daquela Escola de Sagres, que na época era a melhor coisa do mundo....
- J.P. – A que o Sr. atribui a extinção da Faculdade de Ciências?
- O.L. – Não tem a menor justificativa, acabou-se de repente. Eu posso falar porque eu era das duas. Era da do Distrito Federal, passei para Nacional, mais caiu assim de cabeça.
- F. – Mas o quê que Capanema fez?
- O.L. – Mandou acabar por decreto.
- J.P. – Mas não foi porque, em 1937, Pedro Ernesto foi destituído da Prefeitura e ele é que foi o grande incentivador da Universidade do Distrito Federal?
- O.L. – Ele não tinha nada, foi ciúme. Ele quis criar uma Universidade completa, ele a fundou e resolveu acabar com a outra, porque estava fazendo ciúme. Uma era tempo livre, escolhia os professores com contrato, eram contratados por um ou dois anos, dois anos parece, enquanto que a outra, o sujeito ia lá e... Era como o sujeito que botou a estrada de ferro e ficou só com a estação inicial, sem o fim da linha.
- S.S. – Isso foi em 1937?
- O.L. – Foi em 1937.
- S.S. – Quer dizer, isso coincide com a lei da desaccumulação?
- J.P. – Não.
- O.L. – Coincide, foi em 1937.
- S.S. – Este é o ano da desaccumulação também, que afastou o pessoal da Universidade.

- F. – Mas já existia Universidade do Brasil nessa época?
- O.L. – Naquela desacumulação, existia. Tanto que eu estou... A Universidade do Brasil criou a Faculdade Nacional. Era Escola Politécnica do Rio de Janeiro, depois Escola Nacional de Engenharia e terminou a Nacional muito recentemente.
- J.P. – Por exemplo, no caso de Geociência ao se integrar na Universidade. Quer dizer, ao longo do período Capanema, tirando a falha da extinção da Universidade do Distrito Federal, ao longo do período do Estado Novo, a Universidade prosperou, piorou ou melhorou?
- O.L. – A minha impressão, como impressão não comensurável, piorou pela democratização, quer dizer, educar gente educada é muito fácil, um sujeito, que tem talento, estudar Engenharia é extremamente fácil; agora, pegar um sujeito do povo e fazer um médico, engenheiro, geólogo dele, é realmente difícil. O Formann se lembra, uma ocasião lá um dos alunos de nossa escola de Geologia pediu bolsa para não pagar anuidade. A anuidade era de trinta contos. Eu fui vendo por aí dois contos e tanto por mês. Então, peguei os processos e comecei a examinar: fulano de tal, pai estivador, mãe manicure, tudo assim. Então, uma coisa que eu não tinha conseguido entender, que o ensino vinha caindo todos os anos, aluno e professor, mas sobre tudo o aluno que não aprendia. Primeiro ele dava uma explicação que era cinema, era rádio, era baile, essas coisas todas, mas depois estava começando isso e acabei vendo que não era. Eu me recordo do que me ocorreu em 19, meus pais deram uma festa muito grande para a classe, com baile, com orquestra, aquelas coisas todas. Não tinha um colega meu que soubesse dançar, quer dizer, todos estudavam. Então, eu também não sabia (risos).
- F. – Acho que é uma questão de prioridade, dança ainda era muito importante naquele tempo.
- O.L. – Eu sei que a democratização exigiu isso e a democratização é necessária. Eu não estou a favor do elitismo.

- F. – A base da indústria primária e secundária são os...
- O.L. – Por exemplo, a Austrália é um país elitista. Foi gente melhor da Inglaterra, fecharam as portas para todo o mundo. Chegaram lá dois ou três chineses e agora está cheio deles. Você não sentiu o nível do padrão como é feito no Brasil, você não sentiu?
- F. – Não, eles tem uma base, uma elite maravilha. Agora, o australiano médio é grosso à beça.
- O.L. – Você está de brincadeira.
- F. – Muita segura. Fizeram aquela *Opera House* com dificuldades, a maioria era contra gastar dinheiro sem ter porquê. Casa de espetáculo para ópera, que barbaridade!!
- O.L. – Fui assistir lá umas construções, as estradas, aquela coisa toda. Era outro padrão, a estrada toda de concreto armado, um concreto armado dessa altura, toda de ferro. Aqui você vê alguma com ferro? Uma estrada de rodagem aqui é feita para durar? Aqui eles fazem para...
- F. – Isto é outro problema.
- A.C. – A estrada dura dois anos.
- J.P. – No Departamento de Produção Mineral não funcionou, de certo modo, um centro, um laboratório de pesquisa?
- O.L. – É, houve.
- P. – Uma instituição universitária como centro de formação...?
- O.L. – Era a única onde se formava, porque essa turma que estudou em Ouro Preto se formou, de fato, no Serviço Geológico e Mineralógico, que eles não tinham mais o suficiente em Ouro Preto.

- F. – São duas coisas: O Serviço Geológico e Mineralógico e depois o Departamento da Produção Mineral.
- J.P. – O Departamento sucedeu o serviço.
- F. – Ouro Preto teve uma época de muito trabalho, muita publicação, depois é que foi diminuindo, diminuindo e acabou.
- J.P. – O Departamento foi inaugurado em que ano?
- O.L. – Em 33.
- J.P. – Agora, o Laboratório de Pesquisa do Departamento foi criado em 40?
- O.L. – Mesma coisa, 33, era um laboratório de análises geológicas.
- F. – Laboratório de Produção Mineral, me lembro bem.
- O.L. – Em Ouro Preto, quando se criou o Departamento da Produção Mineral, quem indicou o Fleury da Rocha, da Escola de Minas de Ouro Preto, ao Juarez Távora, fui eu. Ele não o conhecia.
- J.P. – O Código de Minas não favoreceu de algum modo o desenvolvimento da Ciência?
- O.L. – Muito. Eu sou o suspeito, porque fui eu que fiz o código, mas desenvolveu a mineração, que passou do zero para outra etapa.
- F. – Favoreceu a mineração, mas Pelúcio está perguntando se favoreceu o desenvolvimento da ciência?
- O.L. – Favoreceu indiretamente. Quer dizer, ninguém queria explorar mina porque não tinha capital. Aquilo criou um sistema, tanto que as minerações foram feitas naquela época. Criou um mercado para a Geologia.

- F. – Exato, justamente não foi criado um mercado específico para o engenheiro de minas, enquanto já existia especificamente o engenheiro de minas. Uma das razões da oposição contra a Geologia é que parte daquele mercado ia ser aberto aos geólogos. Então, os engenheiros de minas concordaram em que se criasse o curso de Geologia desde que não se modificasse o código de Minas, ou seja, não se abrisse ao geólogo nenhuma facilidade ou chance de ter um mercado cativo em termos de profissão.
- S.S. – O senhor participou da elaboração do código de Minas, aí já estava introduzida essa restrição aos geólogos?
- O.L. – O código de minas é em 34, os geólogos em 57.
- F. – Quer dizer, como profissional legalmente regulamentado.
- O.L. – Nós fazíamos questão que tivesse a carreira de geólogo. Minha primeira experiência de Escola de Engenharia, quando eu quis fazer de todo aluno um geólogo e não consegui, porque nestes quarenta anos eu só fiz o Portocarrero que citei e que fez Matemática, os outros ficavam, como assistentes, mas sentiam-se tão mal que saíam e os que ficaram são analfabetos até hoje.
- A.C. – Assim o senhor pode contar nos dedos o número de geólogos que apareceram nesses anos que trabalhou lá?
- O.L. – Definição: geólogo é o que trabalha com Geologia ou o que faz Geologia, que é um pouco diferente. Vou explicar para você a razão porque os geólogos têm que ficar independentes, é porque eu fiquei convencido de que o engenheiro de minas é um engenheiro, isto é, é o oposto do geólogo. Quem tem raciocínio geométrico e utiliza mais cálculo não pode fazer Geologia e vice-versa. Uma exceção é o sujeito fazer Geologia e um pouquinho de Engenharia, mas é exceção, no geral faz só Geologia. O caso do Glaycon, ótima figura, que é um sujeito excepcional, de talento e não afina com Geologia. Um outro exemplo é o...
- F. – Costa Nunes?

O.L. – Costa Nunes. O Costa Nunes tem uma companhia de... Quer dizer, trabalha sobre... Ele não tem noção do que seja teologia. É daqueles que se amarra na terra para fazer muralha e, de vez em quando, cai.

S.S. – Probabilidade.

O.L. – É engraçado, é um sujeito inteligente, o filho dele estuda Geologia.

OBSERVAÇÃO: A partir deste ponto, impossível transcrição com gravador cassete.

2ª ENTREVISTA – 09/12/76

S.S. – Queremos ter uma visão geral do desenvolvimento das diversas áreas científicas. A área de Geociências tem, talvez, uma peculiaridade, porque ela se desenvolveu muito mais junto às instituições de tipo aplicado, como o Serviço Geológico, do que propriamente as universidades. Isso cria uma característica, uma situação especial que diferencia as Geociências de outras áreas mais estritamente acadêmicas, como a Física, a Engenharia. Gostaríamos de começar a conversa de hoje por esse lado.

O.L. – Talvez pudéssemos começar pela parte da universidade.

S.S. – Das universidades, exato.

O.L. – E depois ver a parte da aplicação. Eu não sei se seria aplicação. Por exemplo, o Museu Nacional hoje pertence à universidade, mas era independente e só foi incorporado à universidade porque estava um regime de terremoto lá dentro.

S.S. – Isto foi em que ano?

O.L. – Foi quando Leitão da Cunha era Ministro. Não me recordo o ano.

S.S. – 45, por aí?

O.L. – Foi depois do Getúlio. O Getúlio caiu no fim da guerra, não é?



S.S. – 45. Deve ter sido 46, por aí. O senhor foi Diretor do Museu Nacional em certo momento?

O.L. – Eu fui eleito Diretor quando havia uma briga louca. Então eu me esquivei da briga. Fui convocado para a Diretoria do material bélico, por causa da guerra, de maneira que nunca cheguei a...

S.S. – A exercer?

O.L. – E, porque houve eleições na época em que a Da. Heloisa Torres era a ditadora do Museu – na época da ditadura, cada diretor era um ditadorzinho pequeno e ela enxertou na ata que um contínuo tinha votado. Como ela conseguiu fazer isso ninguém entendeu. Depois houve uma comissão de inquérito, mas foi um barulho louco, porque a turma se dividiu em duas. Aquilo já era péssimo, com a divisão então ficou anulado completamente. Eu tenho a impressão que até hoje o Museu não se reabilitou.

S.S. – O Museu era uma instituição mais aplicada ou mais básica?

O.L. – Era mais básica.

S.S. – E que tipo de relacionamento havia entre o Museu e a universidade antes dessa crise, digamos, nos anos trinta, ou mesmo nessa época?

O.L. – Tinham muitos diretores do Museu ou chefes de divisão de Geologia e Mineralogia que eram professores também da Escola Militar. Justamente, como está se comemorando este mês um século da formatura do primeiro engenheiro de minas do Rio de Janeiro, eu estive escrevendo a noite passada, estava até corrigindo agora, uma notinha sobre essa efeméride, e, se vocês tiverem tempo, eu poderia ler, dá uns seis ou sete minutos.

S.S. – Perfeito.

O.L. – O que eu não tenho é cópia para deixar com vocês. Podia copiá-la depois, vou passar a limpo, porque assim dá uma idéia muito resumida dos 166 anos de ensino da Geologia e da Mineralogia no Rio, quer dizer, é uma das mais antigas do Brasil, é curioso. Então, posso ler?

S.S. – Pode.

O.L. – Eu vou ler na Sociedade Brasileira de Geologia na semana que vem ou se não estiver aqui no Rio, vou pedir para o professor Andrade Ramos que leia. “Sensata é a observação de Otávio Tarquino de Souza de que a fundação da Academia Científica do Rio de Janeiro, em 1771, é o indício seguro de que havia chegado ao Brasil colonial os ecos da filosofia da ilustração. Não era a nossa Academia um decalque da Academia de Ciências de Lisboa, pois esta só foi criada uma dúzia de anos mais tarde, pela iniciativa de Domingos Vandelli. Era, sim, um anseio espontâneo e nativo de cultura. Todavia, como a expressão científica soasse mal no ambiente amorfo da colônia, a Academia Científica transformou-se, em 1786, em Sociedade Literária do Rio de Janeiro. Continua, entretanto, a interessar-se pelas questões científicas, como a energia geotérmica; o fogo central; o eclipse total da lua de 03/02/1787 no Rio; a extração do álcool da raiz do sapé, etc...”

Vicente Coelho de Seabra Silva Teles, natural de Congonhas do Campo, que foi eleito substituto de Mineralogia na universidade de Coimbra, edita o seu “Elementos de Química”. Essa publicação, de 1787, dá notícia das pedras preciosas brasileiras e de suas minas. “Transferindo estrategicamente, em 1807, a corte de Lisboa para o Rio de Janeiro, o Príncipe Regente arrasta consigo uma aragem benfazeja. Entre os tesouros que carrega para o Brasil está a Coleção Mineralógica de Papt Von Oheim, professor na velha academia de Freyberg. Essa coleção, classificada e descrita em livro por Abraham Gottlob Werner, o fundador da Geociência na Alemanha, era tão notável que estava incluída na lista das preciosidades que Napoleão incumbe o general Junot de confiscar. A coleção é guardada no Rio, na Casa do Trem, na Ponta do Calabouço. Para conservá-la, Ministro da Guerra. D. Rodrigo de Souza Coutinho, transfere, em 1810, de Lisboa para o Rio, o Sargento-mor, Barão Guilherme Luiz Von Eschwege, que passa a dirigir o Gabinete Mineralógico sob as ordens do Tenente-General Napion, mas é enviado, em 1811, pelo conde de Linhares, a fazer

uma viagem mineralógica a Capitania de Minas Gerais e acaba ficando por lá durante 11 anos.

Na Academia Real Militar, criada pela Carta Regia de 04 de dezembro de 1810, ensinam Mineralogia, sucessivamente, Frei José da Costa Azevedo, João da Silveira Caldeira, Frei Custódio Alves Serrão, Frederico Leopoldo César Burlamaqui e Guilherme Schüch, barão de Capanema, figuras todas muito ilustres e que colaboraram com o Museu Imperial. Com exceção do Brigadeiro Burlamaqui, os demais graduaram-se na Europa. Alguns deles foram alunos do Abade Hamy, em Paris. Quando a Academia é desdobrada, em 1858, Capanema passa à nova Escola Central, e tem sob sua responsabilidade os cursos de Engenharia Civil e de Ciências Naturais. Pela reforma de 1860, o curso de Engenharia Civil é feito em cinco anos. No curso básico, havia a cadeira de Mineralogia e Geologia e no curso suplementar, a de Montanhística e Metalurgia. Na reforma de 1863, o curso é estendido para seis anos. A cadeira de Mineralogia fica na quinta série e a de Montanhística é suprimida. Com a radical reestruturação de 1874, do preclaro estadista Visconde do Rio Branco, os cursos militares isolam-se na Escola Militar e os civis na Escola Politécnica, só então inteiramente desmilitarizados.

Para que o Brasil pudesse acompanhar a revolução científica, tecnológica e industrial criam-se na Politécnica seis cursos:

- 1º) de Ciências Físicas e Naturais;
- 2º) de Ciências Físicas e Matemáticas;
- 3º) de Engenheiros e Geógrafos;
- 4º) de Engenheiros Civis;
- 5º) de Engenheiros de Minas;
- 6º) de Artes e Manufaturas.

No curso Geral comum lecionavam-se noções gerais de Mineralogia; nos cursos de Engenharia de Minas, as cadeiras de Mineralogia, Geologia e de Exploração de Minas e Máquinas Aplicadas nas Minas. A Escola possuía 26 catedráticos, 10 substitutos, oito professores de Desenho e dois professores contratados na França.

Em dezembro de 1876, há um século portanto, graduava-se na Escola Politécnica o primeiro engenheiro de Minas diplomado no Brasil, Manuel Timótheo da Costa, que seria professor catedrático de Exploração de Minas.

Entre outros engenheiros de Minas formados na Politécnica, lembraremos: Oliveira Murtinho (1878); Paulo de Frontin (1879); A. J. Pânsphino; João Manhães Barreto (1882); Teixeira Mendes; Correia da Costa e Stalislau Bousquet. Francisco de Paula Oliveira gradua-se na mesma Escola como engenheiro geógrafo, em 1875, e, aproveitando as bolsas de estudo oferecidas pela Escola de Minas de Ouro Preto, fundada em 1876, para ali se transfere e conclui o curso em 1878.

Ao ser comemorado, em 1924, o cinquentenário da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o diretor Paulo de Frontin, relembra que a nossa Escola é o ramo troncal da Academia Militar, fundada a 04 de dezembro de 1810, por D. João VI, a qual é, por sua vez, oriunda da criação, pelo Monge de ..., da Escola Politécnica de Paris, em 1795.

A proporção entre o número de engenheiro de Minas e de engenheiro civis formados na Politécnica é de um para 20 e até de um para 50.

Com o advento da República, a Politécnica é vítima da reforma retroativa de 22 de novembro de 1890, do Ministro de Instrução, Tenente-Coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, que reduz os seis cursos para dois; o de Engenharia Civil, para onde aflui a quase totalidade dos alunos, e o de Engenharia Industrial. O curso de Minas é extinto.

Em 1958, o Ministro Clovis Salgado cria o curso de Geologia do Rio de Janeiro subordinado, como os de São Paulo, Porto Alegre, Cairo Preto e Recife, à Campanha de Formação de Geólogos. O curso ganha a categoria de Escola Nacional de Geologia e, pela reforma Muniz de Aragão, é incorporado ao Instituto de Geociência da Universidade Federal do Rio de Janeiro. De 1961 a 1976, formaram-se nessa Universidade mais de 370 geólogos, mas o que o Rio de Janeiro tem a orgulhar-se é que o ensino de Mineralogia e Geologia está comemorando 166 anos”.

Quer dizer que foi no Rio de Janeiro que se desenvolveu a primeira linha de ensino de Mineralogia e Geologia. Até 1858 era na Escola Militar e até 1874 na Escola Central, mas a própria Escola Central era militarizada. Então, te dos os engenheiros civis, inclusive os que faziam Geologia e Mineração, eram formados pelas Escolas Militares, não havendo formação de engenheiros civis. Só com a re forma do visconde do Rio Branco, em 1874, é que vieram cursos civis autônomos.

S.S. – Esta era uma formação de profissionais?

O.L. – Profissionais.

S.S. – Não havia formação de pesquisadores?

O.L. – Não. Com o curso de 1874 é que se deu o título de bacharel em Ciências Físicas e Naturais.

S.S. – Isso implicava em que conteúdo de informação para eles?

O.L. – Em vez de serem cinco anos eram quatro e equivalentes, às faculdades de Filosofia.

S.S. – Filosofia?

O.L. – É. Formavam físicos, astrônomos, etc.

S.S. – Certo.

O.L. – Muitos geólogos.

S.S. – Eu conheço poucos dados de conteúdo, mas sei que havia um debate no século XIX, entre várias correntes de Geologia. Havia uma corrente Plutonista e uma...

O.L. – Bom, isso era mundial.

S.S. – Mundial?

O.L. – A corrente alemã era liderada pelo Abraham Gottlob Werner, que foi o fundador da Mineralogia e da Geologia alemães. Agora, o Werner, como todo alemão, era muito rígido. Ele verificou que, na Alemanha, no Vale do Reno, as camadas de Basalto estavam interestratificadas com os Arenitos e concluiu que se o Arenito é sedimentar, o Basalto, que está no meio, também é sedimentar, não percebendo que o Basalto havia penetrado. Enquanto que na Inglaterra, como o Basalto cortava as rochas sedimentares, formando os diques, foi fácil aos geólogos ingleses afirmarem que o Basalto era uma rocha ígnea. A escola Plutonista em oposição à escola Metonista.

S.S. – Metonista.

O.L. – Durante um século essas duas escolas se defrontaram.

S.S. – Esse debate no Brasil tinha alguma repercussão? Tinha gente trabalhando nesse campo?

O.L. – Chegou, porque o Eschwege foi o principal na Geologia de 1810 até 1821.

S.S. – E era da escola alemã?

O.L. – Era da escola alemã.

S.S. – Certo.

O.L. – Porque, na época da Regência de D. Pedro I, esteve aqui um outro geólogo famosíssimo. Chamava-se Martius.

S.S. – Von Martius.

O.L. – Mas ele era tão famoso como botânico, que a Botânica obnubilou por completo a Geologia e a Mineralogia.

S.S. – A própria formação do José Bonifácio era alemã também?

- O.L. – É mais completa. Ele começou a estudar no Rio de Janeiro com um padre famoso, que esqueço o nome de repente. Para completar seus estudos foi para Lisboa, fez o curso de Coimbra e percorreu a Europa durante dez anos. Primeiro foi a Paris, estudou no Museu de História Natural de Paris chamado ..., depois para Freyberg na Alemanha; Suécia e Itália. Ele percorreu os vários países, participando das várias escolas.
- S.S. – Exato.
- O.L. – Teve uma largueza muito maior, porque não tinha estudado só na Alemanha. Quando Intendente Geral das Minas e Metalurgia do Reino de Portugal, trouxe da Alemanha os quatro famosos engenheiros de minas que eram o Eschwege, o ..... Me dá uma inibição completa o negócio de falar.
- S.S. – Vê se esquece isso.
- O.L. – Varnhagem e mais dois outros, que trabalharam com ele em Geologia e Metalurgia. O José Bonifácio sempre ficou muito tempo em picuinhas com os dois lados. Eschwege quando esteve aqui no Brasil foi o diabo, quis ficar no Rio para bajular a Corte. Depois foi mandado por Linhares a Minas para fazer um panorama mineralógico; funda a mine ração da Mina da Passagem e uma ferraria em Congonhas do Campo, mas sempre brigando com os brasileiros. O Intendente Câmara, que se formou na Europa junto com José Bonifácio e que o acompanhou naquela excursão de dez anos, fundou a siderúrgica perto de Conceição, como se chamava? Quis construir grandes alto fornos nas nascentes do Rio Doce, mas não teve recursos suficientes e o Eschwege fez as maiores picuinhas possíveis contra o Intendente Câmara. O Eschwege não quis lecionar, preferiu ficar na mineração e, quando vinha ao Rio, era só para bajular a princesa Leopoldina. Quando D. João VI voltou para Portugal, ele quis acompanhá-lo. Era um sujeito realmente importante como geólogo, engenheiro de minas e geógrafo, mas parece que o caráter era muito a desejar.
- S.S. – No período mais recente, o quê aconteceu com a Geologia?

O.L. – Eu gostaria que perguntasse bem.

S.S. – No quadro da transformação que houve aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, pensando em todo o grupo que nós já conversamos, no Amoroso Costa, na Universidade, etc. ...

O.L. – Essa fase moderna.

S.S. – Que tentou fazer toda uma modificação no ensino, na Politécnica, etc.

O.L. – Mas no passado houve. O grande nome de Geologia do século passado foi o Barão de Capanema, o Guilherme Schüch. Ele era filho do... Me falta o primeiro nome do pai dele que veio como bibliotecário e conservador da Coleção Mineralógica da Princesa Leopoldina. Depois foi para Ouro Preto montar uma fábrica de ferro, que realmente foi montada pelo Eschwege e que foi a glória, como tudo que o Eschwege fez. Ele se apaixonou tanto pelo Brasil que deixou um donativo para se mandar engenheiros brasileiros se aperfeiçoarem no estrangeiro e mandou o filho, que era formado na Escola Central, completar o curso de Minas em Viena. Capanema foi diretor do Telégrafo e realmente notável como geólogo. O seu trabalho mais famoso foi a contradição da Teoria de Glaciação de Agassiz. Agassiz fez um sucesso mundial porque descobriu que as rochas na base dos Alpes são de origem glacial e que tinha havido uma fase, na época quaternária, em que o gelo invadiu desde a Escandinávia até a Suíça, pegando toda a Alemanha. Depois foi para os Estados Unidos e concluiu que também na América do Norte tudo foi coberto pelo gelo, quer dizer, foi quem revelou a grande Glaciação Quaternária. Fez tanto sucesso que o imperador D. Pedro II, após ler os seus trabalhos, convida-o para vir ao Brasil. Nessa época ele estava como diretor do Museu de Zoologia Comparada de Harvard. Veio ao Brasil e concluiu que tudo aqui também tinha sofrido a glaciação. Sua conclusão baseava-se no seguinte: na Tijuca, nas Furnas chamadas de Agassiz, ele identificou blocos enormes de granito ao lado de blocos pretos de uma rocha chamada Granito Preto da Tijuca – embora não tenha nada de granito – e que só podia estar ali trazido pelo gelo, não percebendo que, numa encosta, os blocos se formaram pouco mais acima, escorregaram para o fundo do vale e que estão no meio da argila porque na



decomposição tropical, muito intensa, há os blocos residuais. Quer dizer, a rocha se fendia formando os blocos quadrados, não redondos, que iam se decompondo nos ângulos, mais fortemente nas arestas, e depois formavam aqueles bolos ou blocos. Isto é muito fácil de se observar nesta estrada para Petrópolis, onde eles cortam com as máquinas aqueles morros de argila e de saibro e que ficam sobrando aqueles bolos redondinhos. De fato, sem uma observação maior, é um pouco difícil, mas o Capanema verificou que era decomposição e fez uma conferência notabilíssima, chamada: “Decomposição dos Penedos do Brasil”, onde contradiz, por completo, a teoria de Agassiz. O professor canadense, Frederic Hartt, que veio para o Brasil na comissão de Agassiz, também compartilhou da opinião de Agassiz, mas cedo verificou que ele estava errado e endossou a hipótese do Barão da Capanema. Mas, nessa época, também havia outros engenheiros militares que foram grandes geólogos, como Coutinho, que descobriu as camadas carboníferas da Amazônia e foi um dos fundadores do Clube de Engenharia.

S.S. – Quer dizer, são pessoas sempre com qualidades individuais. Não há uma escola, não há uma tradição de trabalho?

O.L. – Aliás, até a minha geração, todo mundo sofre de individualismo. A rigor, essa fase não individualista começa com as Faculdades de Filosofia, onde já há grupos especializados em cada setor: Astronomia, Geologia, Geografia, História, tudo isso. Esses próprios que eu falei agora, o Laboriau, o Amoroso Costa, etc. Eram profundamente individualistas.

S.S. – Em seu currículo consta que o Sr. participou da fundação da Associação Brasileira de Educação e que teve papel importante na criação de universidades.

O.L. – Tive, muito importante, pelo seguinte: só se falava em instrução e não em educação. Como a instrução veio com regimes militares era uma coisa rígida. Primeiro era o seguinte: formava-se o médico, o bacharel e o engenheiro, completamente estanques, entre eles não havia nada. Ora, a vida é contínua, então não se permitia... O sujeito era engenheiro ferroviário montado sobre os trilhos.

S.S. – E a Associação?

O.L. – Em primeiro lugar, não havia universidades. Mesmo quando foi criada a Universidade do Rio de Janeiro, as escolas não se juntaram, ficaram completamente separadas umas das outras. Eu fazia sempre uma brincadeira: pegava um professor de determinada escola e pedia que dissesse dez nomes de professores das outras escolas. Não havia ninguém que dissesse, praticamente ninguém. Até hoje as escolas continuam isoladas na ilha como se fossem um arquipélago. Também, a mentalidade de quem planejou a universidade, que foi o engenheiro Horta Barbosa. Ele não quis fazer os Institutos como eu propus e jogou as escolas muito longe e, até hoje, não tem transporte de uma para outra.

S.S. – Qual foi o papel da Associação nessa época? O que a Associação fazia?

O.L. – Ela fazia reuniões todas as semanas do Conselho Diretor e das Seções de Ensino Superior, Ensino Secundário e Ensino Profissional. Cada setor estudava os assuntos e debatia em comum. Um dos assuntos principais durante muitos anos e sobre a qual a Associação publicou até um trabalho grande com entrevistas de vários professores notáveis foi a necessidade da criação de universidades; outro foi a necessidade de criar o Ministério de Educação e ajudou a criar os cursos de extensão universitária. Por exemplo, na Escola Politécnica, que era mais central, no Largo de São Francisco, eu fiquei encarregado desses cursos e chegamos a fazer de cem a duzentas conferências por ano. De tarde, no Largo de São Francisco, os carros paravam ali, a maioria do pessoal ia de bonde ou de ônibus, não havia este atordoamento de hoje. Era impressionante a frequência, sempre o auditório ficava completamente cheio. Era curioso que até garçons dos cafés iam assistir permanentemente às conferências, com vontade de ter ilustração e que eu cito neste trabalhinho aí sobre Academias Científicas de 1771.

S.S. – 1771?

O.L. – 71.

S.S. – Quem mais estava na Associação naquela época? O sr. lembra de alguns nomes?

- O.L. – Bem, o fundador da Associação Brasileira de Educação foi Heitor Lira da Silva, que tinha sido Secretário de Educação. A primeira foi criada no Brasil, no Rio Grande do Norte, no governo de ... Foi um grande educador também, Bezerra de Menezes, que foi deputado a vida inteira. Ele era o sujeito mais benquisto da Câmara, não me recordo o primeiro nome dele, José ... Então o Lira, que era formado na Escola de Engenharia, reuniu seus colegas de turma, da qual faziam parte o Amoroso Costa; o Bacoiser; o Lino Sá Ferreira; posteriormente Ferdinand Laboriau; os irmãos Osório, sobretudo o Álvaro Osório e a Branca Osório de Almeida Fialho; uma irmã do Almirante Álvaro Alberto; que é uma educadora também famosa, Amandina Álvaro Alberto, casada com o Siqueira Mendonça; o Júlio Porto Carrero, que introduziu a psicanálise no Brasil. Deixa ver, tem uma porção de outros, a Laura Jacobina Lacombe, o Carlos Gregório de Carvalho.
- S.S. – Da Escola de Manguinhos, havia gente também? Não havia participação de alguém?
- O.L. – Não. Na Associação Brasileira de Educação, não. Tinham na Academia de Ciências, sobretudo um homem de uma família francesa, notabilíssimo, o Henrique Beaurepaire de Aragão. Ele tinha uma influência muito grande sobre todos, era um verdadeiro líder.
- S.S. – Estas idéias que o sr. está nos contando da Associação Brasileira de Educação, na época, eram coisas polemicas, eram coisas novas, diferentes?
- O.L. – Eram. Havia sempre polêmicas.
- S.S. – Havia oposição?
- O.L. – Havia oposição e muito interessante. A oposição...
- S.S. – Como era o debate?
- O.L. – Eram realmente abertos. Tudo era aberto. Nós convidávamos essa gente que formava um grupo muito conservador, que era chamado de católico em oposição ao grupo liberal, que era chamado de comunista, embora não fosse. Não acredito que nenhum

fosse comunista. Por exemplo, o Anísio Teixeira, que era um dos mais indicados como comunista, ele era formado na universidade de Columbia e o que ele era é profundamente democrático. Este foi, de fato, um dos maiores educadores do Brasil. Este grupo era formado por pessoas de São Paulo e do Rio. Em São Paulo tinha o Berto São Lourenço Filho e o Fernando de Azevedo. Aqui o Anísio Teixeira era o grupo principal que mexia com educação. Nós nos articulávamos muito com São Paulo, tanto que toda essa campanha para a criação das Faculdades de Filosofia; da universidade; do Ministério de Educação, foram feitas em conjunto. As Faculdades de Filosofia de São Paulo e do Rio brigaram juntas para ver quem saía primeiro e nós dávamos todo apoio, espicaçávamos. São Paulo espicaçado pelo Rio a sair primeiro. São Paulo foi criada no governo do Armando de Salles Oliveira, que era um estadista também de primeiríssima classe e foi entregue a sua organização a um professor de Matemática.

S.S. – Theodoro Ramos.

O.L. – Theodoro Ramos, que contratou uma série de professores na França e na Itália, daí que deslanchou uma faculdade de primeira classe.

S.S. – No Rio não aconteceu isso?

O.L. – Aconteceu com professores estrangeiros também, mas acontece que a Universidade de São Paulo é uma universidade autônoma, estadual, enquanto que no Rio é presa à burocracia infinita, que continua até hoje. Para mostrar o emperramento dessa burocracia eu posso citar o exemplo dos cursos de Geologia. Quando o Ministro Clovis Salgado, em 57, criou esses cursos, primeiro ele criou uma Comissão para programar os cursos de Geologia, para saber em que níveis deviam existir, se em vários níveis, em um só, de que maneira. De modo geral no mundo, a Geologia, como a Botânica e a Zoologia, eram opções nas Faculdades de Ciências, davam o título de bacharel em Geologia, bacharel em Zoologia, bacharel em Botânica ou bacharel em Ciências de modo geral, mas como chegamos muito atrasados, eu insistia para que desse curso autônomo com um título profissional de maneira que dê emprego. O sujeito não ficar como filósofo, só teoria, os astrônomos etc., aí que não tem carreira O Ministro concordou, então foi proposta, nesse tempo, a criação dos

primeiros quatro cursos de Geologia, liga dos diretamente à Campanha de Formação de Geólogos, acha nada CAGE e depois, no ano seguinte, mais dois, o do Rio e o da Bahia. Nós insistíamos em ficar fora da Universidade na fase de organização, porque era impossível dar uma feição nova no regime burocrático que permanecia. Por exemplo, nós insistimos com o Ministro e ele aceitou perfeitamente bem, não só ele como diretor do Ensino Superior, o Jurandir Lody, que era considerado conservador, mas de fato era um sujeito bastante aberto, só que tem que ele nunca tinha saído de Minas e do Rio e nunca tinha visitado uma Universidade estrangeira. A Geologia é feita no campo, de maneira que sem o ensino prático não era possível dar Geologia. Ia formar, então, doutor. Para criar o curso, quer dizer, a CAGE comprou os quatro primeiros ônibus fabricados pela Mercedes Bens, esses monoblocos, os primeiros de toda a série. Então, criou-se o curso e começou o trabalho de campo desde o primeiro ano. Hoje em São Paulo temos trinta viaturas. A do Rio, depois que foi incorporada pela reforma Muniz de Aragão à Universidade, não tem ônibus, de maneira que o curso do Rio de Janeiro, que era o melhor do Brasil, hoje é um dos piores.

S.S. – O sr. atribui isso à burocracia que emperra?

O.L. – A burocracia. É inacreditável o que a burocracia pode fazer, quer dizer, não distinguir o bom do ruim.

S. s. – Voltando à Associação, o sr. tinha falado que havia um grupo católico que se opunha...

O.L. – Mas isso era porque a corrente conservadora...

Apenas a Laura Jacobina Lacombe, o grupo dela, era muito católico, aliás é até hoje, mas era um catolicismo absolutamente normal, não era nada exagerado. E de comunista também não tinha nada, apenas era liberal, mas sempre no Brasil, em todos os tempos, os liberais ficaram entre a cruz e a caldeirinha, culpados dos dois lados. Continua até hoje.

N.X. – O sr. falou que os irmãos Osório participaram também da Associação. Eles não eram ligados a Manguinhos?

O.L. – O Miguel Osório era ligado a Manguinhos, mas o Miguel era o que mexia menos na Associação Brasileira de Educação, porque sempre ele observou que: “Vocês fizeram a Associação Brasileira de Educação no tipo francês, mas a mentalidade brasileira não agüenta esse nível. Daqui a poucos anos, vocês largam. Isso aqui vai cair na mão da mediocridade”. E, de fato, anos depois quase que desapareceu a Associação Brasileira de Educação. De vez em quando tem um ou outro que puxa para diante. Agora nesse momento, tem o Benjamim Aldaguia, sujeito de primeira classe, que está puxando.

S.S. – A Associação continua existindo?

O.L. – Mas a Associação Brasileira de Educação tinha um prestígio tremendo!

S.S. – Ah! Continua funcionando a Associação?

O.L. – Continua. Hoje funciona na Fundação.

S.S. – É? Eu não sabia disto.

M.B. – Como é que foi dentro da Associação a criação da Universidade do Distrito Federal?

O.L. – Ela não era dentro dela, quer dizer, ela fazia o bloco da onda. Ela mandava as notícias para os jornais, fazia conferências e reuniões que eram abertas.

M.B. – Esse movimento geral foi por parte de algum dos membros da Associação, quer dizer, foi idéia de um membro da Associação?

O.L. – Era praticamente idéia de todos e aproveitando o ambiente. Por exemplo, no caso da Universidade do Distrito Federal, eu acho que foi o Anísio Teixeira o principal, não foi? Eu acho que foi. Depois veio como Feitor, o Afonso Penna Júnior e como diretor da Escola de Ciências, O Roberto Marinho de Azevedo, que era professor da Escola de Engenharia. Esse grupo da Politécnica... de atuação. Talvez o líder deles todos, o mais atuante, foi Ferdinand Laboriau, que morreu naquele desastre do Santos

Dumont com o Tobias Moscoso. O Tobias Moscoso era outro que também era muito atuante, era diretor da Escola de Engenharia.

N.X. – E ele participou também da Associação?

O.L. – Participou.

N.X. – O Tobias Moscoso?

O.L. – É.

N.X. – O sr. disse que o ambiente proporciona a criação da Universidade do Distrito Federal. Que ambiente é este? Como efervescia na época?

O.L. – Por exemplo, não sei se se chamava Seção ou Divisão do Ensino Superior na Associação Brasileira de Educação, nós nos reuníamos para discutir todos os problemas. Esse Departamento convidava todos que pudessem dar um palpite. Então fazia-se uma onda no mesmo sentido. A ABE ela criava um ambiente catalisador, claramente catalisador, porque não era de A ou de B.

M.B. – Estes dois grupos participaram da criação da Universidade?

O.L. – Participaram.

S.S. – A nossa pergunta...

O.L. – A gente discordava nas discussões, mas éramos muito amigos. Éramos de fato. Duas mulheres que brigavam, que eram a ... e a Laura Lacombe. Todas duas eram excelentes, excelentes mesmo.

S.S. – A nossa dúvida é um pouco assim: porque isso ocorre nessa época e não ocorre antes, nem depois? O que que havia naquela época que permitia isso?

N.X. – Inclusive a Associação já vem desde 20 lutando, todo mundo se organizando, por que

que floresce, naquele momento, São Paulo e Rio?

O.L. – O negócio quando chega a...

S.S. – Pois é, às vezes as coisas não tem explicação.

O.L. – Não. Deve-se procurar. Primeiro, a comunicação mais fácil do Rio para São Paulo, com os trens mais rápidos, melhores. Eu me recordo quando dirigi os cursos de extensão universitária da Universidade, aqui na Escola Politécnica, na Universidade do Brasil, eu trouxe os melhores elementos de São Paulo, de todas as Escolas. Todos eles vinham com prazer, era uma necessidade, porque o Rio era o centro do Brasil de fato e São Paulo tomando-se uma potência. Os melhores professores de São Paulo vieram com um prazer imenso e ainda mais, nós não pagávamos permanência, nem coisa nenhuma, só prometíamos fazer bastante anúncio para o auditório ficar cheio. E começou a burocracia. A Universidade exigiu que o programa fosse aprovado com antecedência pelo Conselho Universitário. Então, não foi possível fazer. Eu parei, acabou a extensão universitária. Eu não podia exigir que esse pessoal obedecesse a uma regra rígida e tal, tal, se não se pagava coisa nenhuma, não tinha um tostão, de recurso para se fazer isso. Agora, funcionou que era uma maravilha e a Universidade do Distrito Federal, naquela época, funcionou também que era uma maravilha sem recursos.

N.X. – Eu ia perguntar isso ao sr. como é que foi o funcionamento da Universidade?

O.L. – Os diretores de escola tiveram a liberdade de convidar..., depois o Ministro Capanema, não era o Capanema da Escola Central, quis fazer a Faculdade Nacional de Filosofia e fechou a outra. Caiu assim.

M.B. – Fechou simplesmente?

N.X. – Decretou?

O.L. – Eu sei que acabou. Da UDF, passei para a Nacional.



N.X. – Mas essa passagem dos professores foi automática?

O.L. – Não.

N.X. – Como foi isso tudo?

O.L. – Não. Foram sendo nomeados. Eu me recordo que um dia o Leitão da Cunha me telefonou: “se você não vier tomar posse aqui hoje, vou lhe puxar pelas orelhas”. “Mas posse de que?” “Professor de Geologia da Faculdade de Filosofia”.

S.S. – Por essa época também havia uma Universidade Técnica no Brasil?

O.L. – Uma Escola de Engenharia que ficou um período muito curto, não chegou a funcionar. Era para transformar a Escola de Engenharia em Universidade Técnica, mas não...

S.S. – Que unia, inclusive, com a Escola de Minas de Ouro Preto? Não Havia uma coisa assim?

O.L. – Depois há uma fase seguinte que a Escola de Minas de Ouro Preto ficou subordinada à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

S.S. – Universidade do Brasil.

O.L. – Universidade do Brasil.

N.X. – Nessa época, à Universidade Técnica estaria ligada a Universidade de Minas, a Escola de Minas?

O.L. – Não, a Universidade Técnica foi bem antes. A Universidade de Ouro Preto, a Escola de Minas, foi o seguinte: ela foi sempre federal e estava, originariamente, ligada ao Ministério de Agricultura, o setor de Geologia estava no Ministério de Agricultura. E assim teve muitas dificuldades lá em Ouro Preto, porque ela se fundou pouco antes da capital ter mudado de Ouro Preto para Belo Horizonte, se mudou em 1896. O

ministro Capanema achou que, para aumentar, podia colocar na Universidade do Brasil. A Universidade do Brasil foi criação dele, então deu o nome a todas de Escolas Nacionais. Quis, também, que ficasse Escola Nacional de Minas e Metalurgia, então subordinou ao Rio de Janeiro, como hoje São Paulo, a Universidade Estadual de São Paulo, tem uma porção de campus em vários lugares, escolas estaduais e escolas federais, como o Rio Grande do Sul também tem a Escola Federal de Santa Maria da Boca do Monte. Agora, de modo geral, havia pouca filosofia nesses trabalhos ministeriais. O Capanema, que era profundamente inteligente, quis fazer uma sistemática, mas um bocadinho, digamos, não sei propriamente, teórica. Se tivesse uma teoria, não é? Mas não.

S.S. – Quem é a grande cabeça dessas reformas, era o Capanema ou era o Francisco Campos, nessa época?

O.L. – A cabeça era o Campos.

S.S. – Era o Campos inclusive nessa área educacional também?

O.L. – É. Agora, o Campos tinha talento demais e faltava o resto. Ele fazia. Eu interpelei várias vezes o Chico Campos da reforma que ele tinha feito e ele próprio tinha desmanchado. Ele dizia com todo o cinismo, que não tinha importância. Por que que ele, em relação ao ensino religioso, dizia... Como é que ele, sendo completamente ateu, aceitou o ensino religioso, mas não tem a menor importância, coisas assim. Agora, talento de machucar, de machucar mesmo. A reforma aqui do Rio de Janeiro, do Chico Campos, chamava de Chico taxas, porque ele criou as taxas, uma coisa até muito interessante. Ele achava que o ensino superior não podia ser gratuito porque era um ônus muito grande para o país, que era um ensino para elite. De maneira que não podia se fazer ensino secundário pago e o ensino superior gratuito. Isso criou uma onda dos estudantes que fizeram uma porção de barulho. Recordo que eu defendi o princípio do Chico Campos no Parlamento e fui enterrado na Avenida Rio Branco com todas as honras, porque eu era assistente. Fui o único assistente que teve a honra de ser enterrado. O mais engraçado é que eu vinha num táxi, passei assim e vi aquela brincadeira toda, nunca supus que fosse comigo.

S.S. – Isso foi em que ano? 37 ou antes?

O.L. – Foi antes de 37, deve ter sido em 36. Em 37 houve a desaccumulação. Esta é de fato o grande choque, o golpe no ensino. Foi de fato. Está muito perto ainda para se poder...

S.S. – A desaccumulação?

O.L. – A desaccumulação. Quer dizer, o professor, quando entra para uma escola, começa a se especializar, se dedica de corpo e alma, ainda que ganhando uma miséria, porque é uma opção de intelectual. Então ele viaja, com os recursos compra livros, troca idéias, se corresponde e transmite aquela alma aos estudantes. Agora, como eles não podiam viver só de uma gratificação, que era o ensino parcial, cada um deles tinha uma ocupação que podia ser particular e podia ser numa instituição do governo. Os médicos, de modo geral, preferiam a clínica particular, então o título de professor da Faculdade de Medicina era um grande título profissional. É livre-docente da Escola, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com estágio na Universidade disto, daquilo outro. Aquilo era um car tãõ de visita para o médico, mas não para as outras faculdades. Então o que acontecia é que o professor de Astronomia tinha que forçosamente, trabalhar no Observatório Astronômico, do contrário onde ele poderia estudar Astronomia, fazer pesquisa? A mesma coisa o professor de Hidráulica, trabalhava na repartição de águas ou então no Departamento Nacional de Rios, Portos e Canais e assim por diante.

S.S. – Aí significava que na Universidade mesmo não havia lugar para pesquisa? A Universidade era só aula?

O.L. – Não tinha o menor recurso. Não tinha o menor recurso. A não ser a exceção da Química, onde houve uma fase em que a Escola de Engenharia fazia... então foram criados dois laboratório importantes de Química com professores estrangeiros.

N.X. – Quais são esses laboratórios, professor? Um é da produção mineral?

O.L. – Não esse é da Escola de Engenharia. Criou-se esse laboratório mais tarde, em 1908, também era chefiado por um professor inglês, Theofilus Lee.

S.S. – A pesquisa na área de Geologia se fazia, realmente, não na Universidade, mas fora, nos Serviços de Geologia, etc.?

CL. – Fazia-se, sobretudo, no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil.

S.S. – A partir de vinte e poucos?

O.L. – Também. E um pouco no Museu.

S.S. – O Museu, com a desacumulação, perde?

O.L. – O pessoal sai, fica na Escola ou fica no Museu. De modo geral, o pessoal ficava no Museu.

(Final da Fita 1 – A)

S.S. – Na desacumulação o sr. optou por ficar no Serviço?

O.L. – Pelo Departamento da Produção Mineral.

S.S. – Na Produção Mineral. E deixou a Universidade?

O.L. – Deixei.

S.S. – Nessa época estava ligado ao Museu, também?

O.L. – Não.

S.S. – Não? O Museu foi depois?

O.L. – Eu fui para o Museu primeiro como assistente gratuito, no tempo do Roquete Pinto que fez um apelo para nós o ajudarmos.

S.S. – Nesse tempo o sr. ganhava menos no Serviço de Mineralogia do que na Universidade?

O.L. – Não me recordo, mas tenho a idéia que era.

S.S. – É, né?

O.L. – Porque na Escola eu estava acumulando dois...

S.S. – Qual era a lógica da... . Por que o sr. fez essa opção? Foi a pesquisa?

O.L. – Eu estou convencido, para ser franco, que foi a ditadura não querer intelectual. Intelectual sempre foi contra qualquer governo absolutista. Na Escola Politécnica foram presos os... Na Medicina, o Maurício de Medeiros que era um profissional notabilíssimo, irmão do Medeiros de Abreu. No Pedro II, o Oiticica. Está vendo? Falado assim, qualquer coisa assim. A turma que tinha ideal liberal era afastada. Em toda história do Brasil é isso.

S.S. – Quer dizer, o sr. adia que a Lei de Desacumulação era, em certo sentido, uma espécie de esvaziar a Universidade?

O.L. – Eu tenho a impressão que foi o... foi isto, né. Dentro da história de Napoleão, está vendo o homenzinho? Tudo calculado.

S.S. – Agora...

O.L. – E teve grande apoio da imprensa, porque era escândalo.

Porque o professor, antigamente, tinha um *status* muito alto. Ser professor de uma Universidade... Para começar, quando havia um concurso na universidade, o Imperador ia assistir, sistematicamente.

S.S. – Claro.

O.L. – Até no Colégio Pedro II, também, tinha um nível muito alto. Aquelas aulas famosas do Capanema e dos outros, toda a família Imperial ia assistir. Conferências do Agassiz.

S.S. – Hum, hum.

O.L. – Hoje não tem. A Universidade hoje não tem a maior cotação.

S.S. – O sr. poderia descrever para nós, um pouco, como e o que se fazia no Serviço Geológico. Que tipo de atividade ele desempenhava? Como é que era o trabalho lá dentro?

O.L. – Bom, na primeira fase do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, a idéia seria compor o mapa geológico *co* Brasil até podar entender a base e, dentro desse quadro, estudar os setores de interesse econômico mais em evidência, como por exemplo, o carvão. Quer dizer, o mundo inteiro se desenvolvia industrialmente e todos sabiam que a Revolução Industrial foi baseada no carvão. Então, os países que tinham grandes reservas de carvão, como a Alemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos, superaram, passaram a frente de todos os outros, longe, longe, ninguém podia acompanhar naturalmente. No Brasil a dificuldade era tremenda, porque só se conhecia carvão no sul do país e de qualidade muito inferior, realmente extremamente inferior. Daí a idéia de se estudar bem para ver se assim se encontravam camadas melhores, de carvão melhor, em volume e que permitissem trabalho a céu aberto, etc. Porque, por exemplo, nos Estados Unidos, grande parte das minas de carvão são trabalhadas em céu aberto. A pesquisa de petróleo também começou no Serviço Geológico e Mineralógico procurando rochas betuminosas, vendo se havia condições de...

Em relação ao problema do carvão, o Lauro Muller, quando ministro no começo do século, contratou um famoso geólogo americano, Israel White, que foi diretor do Serviço Geológico Estadual da Eastern Virgínia (Virgínia Ocidental) e que, na comissão de brasileiros, Francisco Paula de Oliveira e outros, pesquisaram toda a bacia sul do Brasil, tiraram conclusões muito seguras sobre a possibilidade de carvão e negaram, por completo, a possibilidade de petróleo no sul do Brasil. Foi quem fez,

foi autor da teoria de que o petróleo se acumula nas anticlinais, quer dizer, se o petróleo deriva de rochas orgânicas, do Sistema sedimentar sobretudo, ... ela se acumula na anticlinal, porque a água expulsa o petróleo das camadas mais baixas para as camadas de cima. Então, numa estrutura anticlinal fechada, em cima temos o gás, em segundo lugar, petróleo e depois, em baixo, a água salgada. Não havia, absolutamente, condições tectônicas no sul do Brasil para ter petróleo. Depois de White, o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil sistematicamente estudou as possibilidades de ter carvão no norte do Brasil, sobretudo na Bacia Amazônica. Era uma mania do Gonzaga de Campos, que foi substituto do Bergstrom na diretoria do Serviço Geológico e do Eusébio de Oliveira no setor de petróleo. Quando o Juarez Távora foi ministro da Agricultura, em 1933, ele quis ampliar o Serviço Geológico que já estava ficando muito obsoleto porque tinha muito pouco elemento. Inclusive, os engenheiros de minas formados em Ouro Preto não faziam Geologia, todos eles foram para a Engenharia Civil. Então, ele criou o Departamento da Produção Mineral, separando o setor econômico do setor puramente científico. Copiando o esquema americano, ele deixou o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil como o *Geological Survey* e criou o Serviço de Fomento da Produção Mineral, que equivaleria ao Bureau...

O Serviço Geológico continuou incumbido de fazer o mapeamento geológico e todos os tipos da Geologia e Petrologia.

Começou a publicar uma série de... e publicava, anualmente, um grande número de boletins, pegava os setores. Pegou tudo que havia sobre níquel no Brasil e extrapolou as possibilidades de níquel no Brasil em Goiás, etc. etc. e tal, que mereciam ser mais estudados ou trabalhados. Eu peguei o setor de chumbo e prata. Também fiz uns boletins grossos sobre isso. Cada um pegou um setor assim. Esse Serviço de Fomento da Produção Mineral é que preparava os decretos de pesquisa e lavra de minas, que eram: assinados pelo Presidente da República, então, passou a controlar e fiscalizar toda... imensamente. Até então, quer dizer, no tempo do Império, as minas eram concessão do Governo Federal. O Governo Imperial dava a concessão para as pesquisas e depois para a lavra. Com a República foi incorporado o subsolo a propriedade do solo, então a mineração acabou por completo. É curioso que a República, em muitos setores, foi um atraso por completo. Primeiro dado: o que

prevaleceu na República foi uma mentalidade dos positivistas, que eram muito teóricos e muito quadrados naquela sistematização de Augustos Comte, e em todos os setores ela parou tudo, então a mineração parou também. Com a reforma do Juarez, tomou novo impulso e agora, modernamente, com esse desenvolvimento que o governo está forçando, porque não havia crédito nenhum para a mineração, quer dizer, a mineração é um risco dos piores, um dos piores possíveis. Eu me recordo que havia uma fase que o Banco do Brasil proibia, por regulamento, emprestar dinheiro ao jogo e à mineração. Pelo fato de ser jogo e ser aleatório é que exige mais financiamento do governo.

S.S. – Quer dizer que é um financiamento menos seguro?

O.L. – É. É o menos seguro, mas é o que mais necessita porque é bem comum. Na plantação de batatas, o sujeito para de plantar e vai plantar em outro lugar, mas a mineração existe onde a natureza colocou e ninguém consegue mudá-la.

S.S. – A qualidade, digamos, técnica desses trabalhos de mapeamento era adequada?

O.L. – Na época era.

S.S. – Na época era?

O.L. – É. Apenas hoje, com recursos, passou do... tudo feito aéreo, não é?

S.S. – É.

O.L. – No nosso tempo era a cavalo.

S.S. – Mas as escola não davam a formação adequada para as pessoas? Elas aprendiam ali mesmo no serviço ou o serviço era o lugar onde a pessoa...?

O.L. – Cada um aprendia por si.

S.S. – Por si, né?



O.L. – Comprando um guia. Não havia facilidade de se mandar para o estrangeiro, muito poucas, muito raras. Essas bolsas são todas modernas. No mundo inteiro são modernas.

S.S. – E quando vinha um técnico de fora, como o sr. mencionou?

O.L. – Sempre vinha fazer conferência. Que é uma conferência só? Por pouco, uns cinco ou seis anos. Ajudava muito, mas era pouco, não é? Depois esses cientistas que vinham, alguns notáveis, encontravam o meio muito despreparado. Por exemplo, o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura mandou seus expoentes aqui para o Brasil, o Britânico também, prêmios Nobel.

S.S. – O sr. mencionou esse americano Hartt, quem era?

O.L. – Hum?

S.S. – Que mostrou a impossibilidade de ter petróleo no sul.

O.L. – Este foi Israel White.

S.S. – White. Agora, durante o trabalho havia brasileiros que trabalhavam junto com ele?

O.L. – Trabalhavam.

S.S. – Que absorveram conhecimentos?

O.L. – Uns quatro ou cinco.

S.S. – Hum, hum.

O.L. – E aproveitaram mesmo, aproveitaram imensamente. Agora, não se pode censurar muito esse passado, porque o governo, o Brasil é um país paupérrimo, de fato, e...

S.S. – Certo.

O.L. – Havia quantas tentativas e não havia ambiente. Por exemplo, quando Martius esteve aqui, ele insistiu pela criação de uma Universidade do Brasil. Agora vai perguntar: “com que roupa?”.

N.X. – Essa diferença cultura, entre os pesquisadores brasileiros em Geologia e os estrangeiros, os europeus, já vem desde o século passado?

O.L. – Vem.

N.X. – E nunca houve alguém aqui no Brasil que se aproximasse, em qualidade, do pessoal?

O.L. – Não. Individualmente nós temos gente de primeira ordem, mas individualistas, que estudaram sozinhas ou estudaram na Europa por si, porque tinham recursos da família. O caso do Capanema, que o pai mandou, mas era realmente raro. Enquanto que nos Estados Unidos, por exemplo, eles tiveram as universidades. As universidades são muito precoces no Estados Unidos. Eu não me recordo quem foi o presidente que criou uma lei que dava os grandes da fundação das escolas estaduais. Cada escola tinha um donativo grande em terreno, que servia de base econômica para a Universidade. Aqui, só São Paulo é que fez uma Universidade estadual muito rica e depois fez aquele Fundo de Pesquisa Científica, né?

N.X. – FAPESP – Fundação de Amparo...

S.S. – De Amparo à Pesquisa.

N.X. – De Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

O.L. – É. E um tanto por cento da receita, não é?

S.S. – É, uns dois por cento.

O.L. – De maneira que deu. Hoje em dia está no estado de São Paulo uma das universidades

mais ricas do mundo. A gente quando compara com o Rio de Janeiro, parece os Estados Unidos com o Brasil. Estão ganhando salários realmente altos, mais altos que em qualquer parte do mundo, e com quantidade de trabalho...

N.X. – Mas eles sempre reclamam.

O.L. – Mas não é só na capital de São Paulo. Hem?

N.X. – Eles sempre reclamam.

O.L. – É o tal negócio, todo mundo quer ganhar mais ainda, porque estão fazendo um ensino intensivo de primeira classe.

N.X. – Eles ficam reclamando que o Governo Federal não dá atenção a eles, que o Governo Federal só dá atenção ao Rio, que só tem a Universidade do Rio de Janeiro, e...

O.L. – Mas isso da saia da mamãe sempre existe, né? O Rio de Janeiro com todos os outros, mas também era um bocadinho ilusório, porque sempre se distribuía pessoal do interior e tinha quem defendesse, que o Rio não tinha. O Rio era terra de ninguém. Por exemplo, quando foram criados os cursos de Geologia, os primeiros quatro, o curso que devia ficar no centro foi colocado em Ouro Preto e não no Rio de Janeiro, está ire entendendo? No Rio de Janeiro foi criado no ano seguinte, porque a turma daqui começou a gritar, sobretudo o presidente do Clube de Engenharia, o presidente do Conselho de Pesquisas, etc. Então foi criado, mas foi criado sem verba. Retiraram um bocadinho daqui, um bocadinho daquela outra e nós funcionávamos onde existia vaga, está entendendo? Funcionava uma parte na praia Vermelha, uma parte no Museu Nacional, outra na Escola de Engenharia, outra na Faculdade de Filosofia, foi assim. Mas tinha muita gente que vinha aqui fazer conferência, já não iam tanto para São Paulo. O pessoal em São Paulo ia fazer negócio, não é?

S.S. – É curioso isso, porque São Paulo, apesar de ser um centro de negócios, teve uma Universidade mais acadêmica, digamos, menos prática, pelo menos, menos imediatista do que no Rio, não é?

O.L. – Aí é o seguinte; é que esse país pragmático, no qual se inclui São Paulo, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, etc. eles fizeram, sobretudo a pesquisa, a indústria toda, no sentido de produzir, mas a turma paulista de 400 anos, eles ficaram isolados, foram esses que fizeram a Universidade. Foi o Armando de Salles Oliveira, esse pessoal todo que são de famílias antigas paulistas. Enquanto que a turma que queria ganhar dinheiro não ia para a universidade. Claramente, eu...

S.S. – É outra gente, né?

O.L. – Hoje eu estou ganhando bem, mas naquela época não ganhava.

N.X. – Quando da fundação da Universidade de São Paulo, os pesquisadores, os professores que vieram para São Paulo tinham um bom salário?

O.L. – O professor estrangeiro ou vem com salário elevado, ou não vem. Tem essa alternativa.

N.X. – Certo.

O.L. – E o Armando de Saltes Oliveira, quando era governador, não sei se chamava presidente naquela época, deu carta branca ao Theodoro Raros, que escolheu gente de primeira, e ele pessoalmente, Armando Salles, deu todo apoio individual. Foi um estadista realmente excepcional, foi pena que morreu muito cedo. Era candidato a presidente da República, teria sido um sujeito espetacular, não tenho a menor dúvida.

N.X. – Ele era candidato em que ano?

O.L. – Como é? Era aquele da Paraíba pelo Norte e ele por São Paulo. Como é o da Paraíba? Eu não me lembro.

N.X. – 29. João Pessoa?

O.L. – Não, não. Foi depois ministro da Viação. É da Academia de Letras. Está hoje com noventa anos e ainda está firme.

S.S. – José Américo?

O.L. – José Américo.

N.X. – José Américo.

O.L. – Agora, a Universidade Federal do Rio de Janeiro é gigante, né? Mas o rendimento dela é um dos piores que pode existir.

N.X. – O sr. acha que é o caso de criar uma Universidade por decreto? Vamos criar uma Universidade sem ter verbas, sem ter local certo...

O.L. – Mas quase todas no Brasil foram feitas assim.

N.X. – Como foi feita a universidade do Brasil? Como isso contribuiu, negativa ou positivamente?

O.L. – Tudo na vida tem uma barreira em potencial que tem que ser vencida, desde que se vença com qualquer feitio, bem ou mal. Depois, se ela tem condições de vingar, ela vinga. A necessidade é forçar, porque sem forçar o mundo fica sempre crítico, fica tudo condicionado em Paris, em Londres, em Berlim e o resto do mundo seria deserto, do ponto de vista socialmente falando, economicamente falando. Por exemplo, me recordo que, quando foram criadas as universidades espalhadas no Brasil, eu, pessoalmente, achava que era um absurdo, que devia se concentrar para ter professorado melhor. Hoje estou convencido que ela foi um benefício, porque levou a cultura para o interior e não tirou o pessoal do interior, eles forçaram, por uma questão de honra, a criar e funciona. Quando eu visitei há pouco tempo a Faculdade de Medicina em Teresópolis, tive uma impressão ótima, fizeram sem um tostão, sem nada, por aquele grupo de lá mesmo. Apenas deu um ensino objetivo, forte. Ela cobra mensalidades muito elevadas e tem alunos muito bons. Estão lá muito bem. Essas universidades como a escola de...

S.S. – Ribeirão Preto?

- O.L. – De Rio Claro, São Paulo, de Ribeirão Preto, São Carlos, Santa Maria, são de primeiríssima classe.
- N.X. – Mas o que eu queria me referir era o caso específico da Universidade do Brasil, Já existia a Universidade do Distrito Federal criada pelo grupo de professores, pelo Anísio Teixeira, de repente ela corta, não é? E aí é criada...
- O.L. – Mas aí é o seguinte, tem que ver que o Governo Federal não dá confiança, por princípio, a nada que é estadual, a nada que é municipal, isso é fatal. Qualquer funcionário federal se considera que está numa órbita acima do outro, ele não dá a menor confiança. Mas isso continuará sempre, se não é universal, que é possível que seja. Sempre existiu e existirá, não resta a menor dúvida. Claramente, eu acho que foi um crime não se aproveitar a Universidade do Distrito Federal.
- M.B. – O Sr. diria, quer dizer, comparativamente com o trabalho que era desenvolvido na Politécnica ou com o trabalho que era desenvolvido no Museu Nacional, a Universidade do Distrito Federal teria condição de fazer um trabalho acadêmico sério, a longo prazo?
- O.L. – Muito melhor, extremamente melhor a sem recursos.
- M.B. – Sem recursos? Por que então?
- O.L. – Em primeiro lugar o estímulo, a gente foi buscar o melhor. Em segundo, porque havia de fato a necessidade de fazer qualquer coisa melhor fora da Universidade burocrática. Todos sabiam que aquilo podia vingar e ninguém podia esperar que dessem um golpe assim de morte do Governo Federal.
- M.B. – Durou quanto tempo a Universidade?
- O.L. – Pouco, não posso me recordar.
- M.B. – Chegou a formar turmas?

O.L. – Chegou. Eu acho que pelo menos uma turma. Mas é que havia aquele espírito de Universidade que não há mais. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o pessoal quer ter diploma, quer ir o menos à aula possível, saber o menos possível e ter o diploma. Isto não é mentalidade universitária. Ninguém tem honra de pertencer à Universidade. Isso no interior é ao contrário, o pessoal tem prazer de estudar. É que essas escolas de Engenharia estão muito aí fora, não é? Eu fiz palestras em uma porção dessas faculdades, o auditório era uma coisa impressionante de interessado.

S.S. – Esse fato de pessoas que se encontram informalmente, como no caso da Associação Brasileira de Educação, parece muito importante, né? Cria um clima, uma nova mentalidade.

O.L. – Cria um clima, não é?

M.B. – Eu teria um caso. O sr. participou muito daquelas reuniões sexta-feridas do Instituto Biológico?

O.L. – O Instituto Biológico de São Paulo ou do Rio?

M.B. – De São Paulo.

O.L. – Hum, hum.

M.B. – Como é que elas eram? Parece que eram interessantes.

O.L. – Ótimas, fascinantes. Eram fascinantes.

S.S. – O Sr. poderia contar como era isso?

O.L. – Eu fazia conferência lá sobre Geologia, São Paulo.

M.B. – Dá para o sr. contar um pouco como era?

O.L. – Bom, eram reuniões onde cada um comunicava um assunto qualquer e de uma maneira que interessasse a todos. Então, ao invés de haver uma exibição, o sujeito mostrar que ele era um sábio, ele transmitia o que tinha estudado e todos debatiam o assunto.

S.S. – Quem eram? Quem participava? Que tipo de gente? Eram professores da Universidade, do Instituto?

O.L. – Era o pessoal do Instituto, que era gente muito escolhida. Primeiro era o ..., deixa ver se eu me recordo o nome dele, Henrique...

M.B. – Rocha Lima?

O.L. – Rocha Lima. Depois esse da Bahia...

M.B. – Arthur Neiva?

O.L. – Arthur Neiva. Todos os dois foram notáveis.

M.B. – E mais outras pessoas?

O.L. – Mais havia, realmente. Todo grupo bom de São Paulo ia lá assistir.

N.X. – Eram, por exemplo, professores, pessoas de diversas áreas?

O.L. – É, diversas áreas. Predominava a Biologia, de fato, mas os outros eram convidados a assistir ou fazer palestras também.

N.X. – Sei.

S.S. – Isso era feito numa residência, em local próprio?

O.L. – No próprio local, numa sala. Não tinha nada de especial, apenas tinha era espírito.



N.X. – Tinha gente de Física, gente de Química e do Rio também, como por exemplo o sr. ia de Geologia?

O.L. – É. Aproveitavam quando alguém estava de passagem por lá.

N.X. – Aí convidam para participar. Havia o caso, por exemplo, deles aproveitarem somente a passagem ou tinha muita ligação entre Rio e São Paulo nessas reuniões?

O.L. – Havia mais comunicação humana.

N.X. – É em termos humanos que eu estou falando, de pesquisadores mesmo.

O.L. – Eu me recordo, quando era assistente da Escola de Engenharia, que eu me comunicava com a turma toda, do Brasil todo. Eu não acredito que hoje alguém faça isso, não.

S.S. – Hoje é muito curioso, principalmente entre Rio e São Paulo, não se sabe um do outro, né?

O.L. – Acho que procuram se desconhecer.

N.X. – Em Geologia ocorre muito isso?

O.L. – Em todas as áreas.

N.X. – Em todas as áreas?

M.B. – Por exemplo, professor, no tempo do sr. no Museu Nacional havia um contato entre as diversas áreas, Botânica, Zoologia, etc.?

O.L. – Não.

M.B. – Não? Em função de que?

O.L. – Espírito de porco, claramente. Cada um desfazia uns dos outros.

M.B. – Mas não havia umas conferências no Museu Nacional, em determina época?

O.L. – Realmente havia, mas era muito fora de irão, porque foi na reforma do Museu.

M.B. – Nunca chegou a funcionar?

O.L. – Funcionou, sobretudo conferências para professores secundarias. Essa funcionava com aquela gente. Era muito excêntrico o Museu, né?

M.B. – É?

O.L. – Hoje toda a gente tem automóvel, mas até pouco tempo não havia. Esse negócio de automóvel com financiamento é coisa muito recente. Havia rua, mas não automóvel, hoje há automóvel e não tem rua.

M.B. – Nunca se organizou lá nada que chegasse perto do que eram reuniões do Instituto Biológico, não?

O.L. – Não.

M.B. – Nem internamente?

O.L. – Tudo no Brasil era obra individual. De maneira que o Neiva foi dos dois, mas não tinha ambiente no Museu. Essas instituições antigas, tradicionais, herdaram muitos vícios que não conseguiam eliminar.

M.B. – De que tipo?

O.L. – Eu até estava lendo ontem, peguei assim, encontrei um papelzinho do professor Melo Leitão reclamando do diretor do Museu, que era Roberto Paes Leme, que nem os anais do Museu, nem o boletim publicavam, jamais, uma biografia de qualquer professor (a não ser nestes anos, dois ou três), nem dos diretores, nem nada. Não

davam a entender a ninguém que aquelas pessoas passaram pelo Museu durante toda sua vida e tudo assim e tudo continua tal e qual. Quer dizer, havia, claramente, o propósito de cada um desmanchar o outro. Se lermos José Bonifácio, aquelas críticas que ele fazia a Portugal, é exatamente a mesma coisa. Quando o Brasil criou essa palavra de espírito de porco estava significando uma realidade brasileira. Infelizmente é. Não pelos índios, que não existe isso.

N.X. – Bem peculiar ao brasileiro. Agora, o sr. falou aí do documento do professor Melo Leitão, como é que o sr. teve acesso a ele?

O.L. – Esse documento?

S.S. – A pergunta é que o sr. deve manejar uma quantidade de documento incrível.

O.L. – Eu posso procurar se você quiser ver. Eu não sei onde guardei ontem.

N.X. – O sr. tem muitos documentos, assim, preciosos?

O.L. – Não. Não.

N.X. – Não? Não é possível professor.

O.L. – Em todo caso eu tenho aí muito, um arquivo grande, realmente grande. Eu estou ficando de miolo mole, já não memorizo tudo. Mas documento mesmo, não. Em primeiro lugar esses documentos ficam nas instituições, este do Melo Leitão parou nas minhas mãos não sei como. Ficou...

M.B. – Professor, em relação...

O.L. – Teve uma ocasião que eu fiz barulho no mesmo sentido.

M.B. – Em relação a esse problema de intercâmbio, nós estávamos vendo que o sr. participou de uma série de congressos, não só na área de Geologia, mas também Física, Química, Antropologia, etc. Como é que era? Como o sr. participava deles?

Como é que era a participação do Brasil nestes congressos? Que tipo de coisa que se...

O.L. – De modo geral, nesses congressos há uma delegação oficial, de modo que, numa delegação oficial, vai quem participa da panelinha, né? Pode ser gente ótima e pode ser gente péssima. Por exemplo, eu estava contando, acho que foi da outra vez, que a Carnagie e o Instituto Internacional de Educação, convidou um grupo de brasileiros para visitar as universidades americanas, isto foi em 1929 Como dirigia esse setor de Ensino Superior da Associação Brasileira de Educação, eu fui. Era chefiada por Carlos Delgado de Carvalho, que foi quem conseguiu esse oferecimento da Carnagie. Do Ensino Superior fui eu e o professor Couto e Silva, que foi da Faculdade de Medicina, que depois teve uma trombose, está já aposentado há muito tempo, um sujeito de grande talento. Foi a Laura Jacobina Lacombe, do Ensino Secundário, uma professora de São Paulo, chamada Noemi Silveira, que era de Psicologia, era assistente do Lourenço Filho e foram duas indicadas pelo governo de São Paulo. Uma foi parar na cadeia e a outra no hospício. Quer dizer, gente ótima e gente péssima. As indicadas pelo Governo eram péssimas. Isso é inevitável. A vida inteira, para viajar, eu torrava meus tostõezinhos, pedia dinheiro emprestado a todo mundo, viajava e depois ia pagando aos poucos, porque Geologia sem viajar é impossível.

N.X. – Esses congressos eram de nível internacional? Por exemplo, esse de 1929, vários outros que nós vimos que o sr. participou e o que num congresso de Antropologia o sr. foi representando...

O.L. – Não. Fui por conta própria.

N.X. – Por conta própria? Como?

O.L. – Eu sempre gostei de cultura geral, não é? Em Ciência Natural, tanto faz Ciências Humanas, quanto Ciências Físicas e Matemática. Você vê, a Geologia é ligada profundamente à Zoologia, por sua vez à Antropologia, inclusive tem o fóssil humano, né? Eu aqui no Rio sempre me habituei a assistir todas as conferências. Por exemplo, do Roquete Pinto sobre Antropologia, nunca perdi uma, do André Lefrie em São Paulo, sempre me deu muita curiosidade. Quando vinham esses estrangeiros

todos ilustres, não sei porque, eu sempre acompanhava, sempre, sempre. Por exemplo, o Paul Rivet, diretor do Museu do Homem, foi um dos mais notáveis antropólogos da França, foi levado para visitar os sambaquis. Trocava idéias com eles, ficava entusiasmado com essas coisas todas... naturais que estão estratificados e os montes de ostras em cima de pedras, etc. como material arqueológico, que só podia ser construído pelos homens, mas a maioria das pessoas, que não tem alma de geólogo, não distinguia. O próprio Bacoiser quis provar que esses sambaquis todos aí do Distrito Federal eram sambaquis naturais, onde um sujeito estava no rio de canoa, a canoa furou, afundou e ele ficou lá embaixo. Quer dizer, não tem a menor noção de uma coisa feita pelo homem e de uma coisa feita pela natureza.

S.S. – Quem é essa pessoa que falou isso?

O.L. – Everardo Bacoiser. É o exemplo de que o negócio não é fácil. Agora, então, por exemplo fui com o... para comprovar o que eu tinha escrito. Sempre tive muito medo do que escrevia.

N.X. – O sr. escreveu... Nós não chegamos a conhecer esse artigo.

O.L. – Então, um nome assim “Conchinhas Naturais e Sambaquis”.

S.S. – Voltando para uma época mais recente, o...

O.L. – Mas isto tudo eu fazia mais da atividade aqui mesmo, nada de especial, era um divertimento.

S.S. – Eu estou pensando na época em que o sr. mencionou a irmã do Álvaro Alberto. Mais tarde, o Álvaro Alberto é a pessoa que cria o Conselho Nacional de Pesquisas que aparentemente estava muito preocupado com a área de política atômica, etc. Nessa época também devia ter uma séria preocupação com a área de Geologia, em geral, que devia ter tomado impulso. A minha pergunta é um pouco o papel do Conselho na época do Álvaro Alberto em relação à Geologia no país, se aumentou a parte de pesquisas, se houve um impulso em relação a isso, como é que o sr. vê isso?

O.L. – Eu vou voltar a história um bocadinho mais atrás para poder... Quando eu estava no Museu Nacional, uma vez me apareceu lá um rapaz dizendo que era oficial do Exército, ire deu um nome, que eu não prestei atenção e queria tomar aulas de Geologia. Eu disse: “Ora, com prazer, estou sempre aqui, pode vir aqui quando quiser”. Ele foi lá uma porção de vezes e tudo que eu podia ensinar a ele eu ensinei.

Um pouco mais tarde, minha mulher recebe um telefonema aqui em casa, era do Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República pedindo para eu passar lá no Palácio do Catete. Era no tempo do Presidente Dutra. Quando eu recebi o recado, fiquei convencido que era trote, porque tinha uns amigos que faziam, mas acabei indo lá no Palácio do Catete. Então, fui indicado pelo, nessa ocasião, Cel. Ulhoa Cintra, que era o enteado do Presidente Dutra, era o filho de Da. Santina. ... minerais atômicos no Brasil. O chefe do..., isso tinha que fazer no Conselho de Segurança Nacional e o Secretário Geral era o General ..., o nome dele é dessa praça aqui embaixo, não me recordo agora. Foi o nome dessa rua, depois mudou, ficou naquela praça. Morreu muito cedo e me nomeou para essa comissão. O nome dado: Comissão de Estudos de Minerais Estratégicos, porque não queríamos botar o nome energia atômica, porque estava muito na ordem do dia e podia criar problemas. Pediu para indicar os nomes, eu indiquei o General Belarmino de Matos, que era meu companheiro no Conselho de Metalurgia, engenheiro militar, brilhantíssimo, pai desse Haroldo Coréia de Matos, que é presidente da EMBRATEL; o Costa Ribeiro que era professor de Física da Faculdade de Filosofia; o Marcelo Damy de Sousa Santos, que era chefe do Instituto de Física lá de São Paulo, que era o melhor em Física Atômica, aluno do Gleb Wataghin e pegamos um da Marinha, pedimos à Marinha que indicasse o nome e ficou essa Comissão. Quando Álvaro Alberto veio dos Estados Unidos, com mania tenta de criar o Programa de Energia Atômica, nós estávamos lá no Conselho de Segurança com a proposta dele de criar uma Comissão de Energia Atômica. Falamos com o Secretário Geral do Conselho de Segurança para convidar o Almirante Álvaro Alberto, então o Gal. Belarmino convidou sabendo que se convidando Álvaro Alberto – Álvaro Alberto era mais graduado, que o Belarmino ainda não era General e Álvaro Alberto já era Almirante – a presidência da Comissão tinha que ser automaticamente passada para o Almirante, mas o Álvaro Alberto não quis, quis fazer o negócio a moda dele. Então criou, mas criou de maneira muito pessoal, extremamente individual, sujeito brilhantíssimo e pai da criação do

Conselho de Pesquisas, mas foi uma obra profundamente individualista. Não posso falar muito, essas coisas são muito recentes para se falar. Eu era muito amigo dele, inclusive quem me botou na Academia de Ciências foi ele. Ele sempre me recordava, mas era aquele individualismo característico do Brasil. Não digo que seja um mal maior, porque o individualismo, às vezes cria, às vezes faz ..., é criador, mas é falta de ambiente cultural e democrático, não é?

M.B. – Professor, essa Comissão estudaria uma política em relação a minerais estratégicos? O sr. acredita que teria sido diferente?

O.L. – Eu posso conversar, mas registrar não posso.

S.S. – Então, vamos parar e continuarmos conversando.

O.L. – Era só para atender.

N.X. – Uma pauta, né?

S.S. – Eu acho que um aspecto que a gente podia, talvez, reto mar é o seguinte: de qualquer maneira a Geologia se transformou num assunto assim de necessidade, é, enfim, de necessidade econômica, não é? Desde o começo com *surveys* geológicos, mais tarde com a política de minerais estratégicos, etc. e isso, aparentemente...

O.L. – os estadistas, todos, sempre botaram isso em evidência.

S.S. – Hum, hum.

O.L. – Por exemplo, já no tempo do Império, não no tempo da República, o João Pandiá Calógeras, que publicou aquele “As Minas do Brasil”, em três volumes, insiste muito sobre a necessidade econômica do desenvolvimento da mineração. Depois temos aí Cincinato Braga, Pires do Rio, mas os políticos, de modo geral, não eram estadistas, eram advoga dos muito inteligentes, muito vivos, mas faltava essa parte de substrato econômico, porque a carreira de economista é muito recente e esses diretores da Produção Mineral, como o ... e o Gonzaga de Campos procuravam influenciar, mas

tinham ... porque, em geral o cientista é muito tímido. Eu mesmo descambei para a Geologia, porque achei que na Geologia ..., me transformo em geólogo e vou continuando minha carreira de engenheiro, essas coisas todas. A mineração tinha menos... interesse e julguei que a mineração baseava-se na Geologia, quando os engenheiros de Minas não estão fazendo Geologia, estão querendo fazer mineração sem passar pela fase da Geologia. Daí sempre a minha idéia de provocar a criação desses cursos de Geologia que foram muito tardios. Curioso é que foi um médico, com senso de estadista, o Clóvis Salgado, que os inventou.

S.S. – E hoje o que existe no Brasil é um resultado do trabalho do Clóvis Salgado?

O.L. – Hoje tem quinze escolas de Geologia que produziram, nesses anos de 60 a 76, dezesseis anos, três mil e tantos geólogos e todos eles ganham mais de Cr\$ 10.000,00 para início de carreira. Na ocasião que ele criou, se perguntava quantos geólogos o Brasil precisava, não se conseguia botar vinte ou trinta que dissesse que precisava.

S.S. – Quem é que está empregando esses geólogos, hoje em dia?

O.L. – Os maiores são: Petrobrás e a Companhia de Recursos e Pesquisas Minerais. Existem todas as companhias particulares, porque o geólogo é pioneiro, ele abre, ele faz a pesquisa antes. Hoje, todas essas grandes companhias de mineração do mundo têm geólogos no Brasil pesquisando para ver se encontram qualquer coisa, onde eles vão investir. Antigamente os geólogos vinham de fora.

M.B. – O sr. trabalhou em algumas dessas companhias?

O.L. – Trabalhei. Justamente o que fazem essas companhias é o oposto do que faz o Governo, cada uma com um... defeito diferente. A companhia particular faz bem feito aquelas coisas todas, faz, pega um relatório e bota na gaveta. O Governo faz uma pesquisa má, publica e é útil. Por exemplo, a companhia particular que pega trabalhos preciosos e engaveta é um crime contra a humanidade porque obriga a segunda a gastar inutilmente para a mesma coisa. Não se consegue que uma companhia dessas divulgue, não se consegue, é contra a religião.



S.S. – Quando o sr. trabalha numa companhia privada, o sr. fica preso a uma espécie de...?

O.L. – É uma questão de ética.

S.S. – Ética.

O.L. – O que eu faço lá não posso contar.

S.S. – É deles, o serviço que eles compraram.

O.L. – A não ser uma coisa assim, pode-se dizer, de conselho de segurança, essas coisas a gente tem que...

S.S. – Certo.

O.L. – Tem que se abrir, não é?

S.S. – Mas é um trabalho profissional para uma companhia, o resultado é deles.

O.L. – Mas muito poucos fazem dos dois lados. Eu por acaso fiz sempre dos dois lados.

S.S. – Isso não criava problemas de consciência, por exemplo?

O.L. – Não, porque eu era exageradamente consciencioso dos dois lados.

M.B. – O sr. participou daquela Missão Abbink-Bulhões também, não?

O.L. – Também.

M.B. – Como é que foi aquilo?

O.L. – Aquilo foi muito interessante. O Brasil não tinha planejamento nenhum e qual era o ministro? Era o Correia da Costa, né? Acho que foi o Correia da Costa que articulou essa vinda do Abbink e colocou em pé de igualdade com o grupo do Bulhões. Essa

Comissão, que era bastante grande, estudou todos os setores das coisas que os americanos necessitavam do Brasil e o Brasil dos Estados Unidos e que podiam colaborar uns com os outros, mas aí verificamos que não havia muito entendimento no sentido de que os americanos sempre consideraram o Brasil uma colônia e não achavam, não podiam admitir que o Brasil quisesse, por exemplo, enviar o mineral estratégico, a não ser pelo preço de competição comercial. Eu me recordo bem que falamos com o próprio Abbink que insistia que o Brasil tinha reservas imensas de manganês e nos Estados Unidos o manganês era o mineral estratégico mais importante para a guerra americana, que o manganês é indispensável na transformação do ferro guza em aço, porque ele evita a oxidação do aço, e que o Brasil estava com as minas mais ou menos paradas. Então, lembrei o caso de que a United State Still teve aqui um depósito que era mina cativa no morro da Mina em Minas Gerais, perto de Lafayette, de manganês e teve aqui um depósito enorme de minério de manganês no porto do Rio de Janeiro, estocado durante quinze anos, sem exportar, porque o americano comprava mais barato da Rússia. Então dizia: “O russo não está vendendo o manganês para os EUA, o russo está comprando o dólar americano. Ele tinha jazidas notáveis, ele está querendo comprar divisas e os senhores estão entrando no joguinho deles”. Mas não houve meio de convencê-lo a comprar algum manganês e isto continua até hoje. Agora mesmo quando a Alemanha cedeu ao Brasil esse *know-how* sobre energia atômica, os americanos estão gritando até hoje. Quem gosta do Brasil é a gente mesmo. Agora, a gente não pode prescindir dessa colaboração política dos dois países, sobretudo dos Estados Unidos que é um dos maiores, mais fortes, e da colaboração das transnacionais, senão o Brasil não sai desse buraco. Sem filé mignon essas coisas todas, depois a gente compra deles. Como todas as indústrias, você lembra, agora tem a última da FIAT, também uma indústria gigantesca que vai fazer concorrência às outras. O problema do Brasil é jogar uma contra as outras. Por exemplo, as companhias de automóveis americanas não quiseram vir ao Brasil. Eu fiz parte de um grupo, lá nos Estados Unidos, antes da guerra, que lutamos loucamente para conseguir que uma companhia viesse fazer carros aqui, pioneiros no Brasil e não consegui, depois que vieram as alemães – Volkswagen.

(Final da Fita 1 – B)

- O.L. – Mas o que se notava nessas discussões todas era a falta de conhecimento científico e técnico dos brasileiros, pelo pouco acesso ao estrangeiro. Isto não existe hoje, de maneira que hoje é mais difícil de compreender. Eram raríssimos os professores que recebiam convites para poder ir ao estrangeiro. Tinha o Miguel Osório, mas era a exceção entre as exceções. Hoje qualquer gato pingado consegue uma bolsa da CAPES, do Conselho de Pesquisa, etc. ou do estrangeiro mesmo, para ir para o estrangeiro. O Conselho de Pesquisa acabou de publicar agora um volume grosso sobre os químicos do Brasil. É um volume dessa grossura. A quantidade de jovens químicos que têm o doutorado lá fora é uma coisa imensa, inacreditável. Na minha geração, tinha dois ou três doutores em Química. O Brasil mudou de escala por completo, mas essa organização científica toda não existia e agora nessa transformação final do Conselho de Pesquisa é que está havendo uma organização, esse Conselho novo de Ciências e tecnologia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Havia o Conselho de Pesquisas antigo que dava bolsas e foi extremamente eficaz, dava bem e mal, mas dava aos bons, em geral. Então foi o primeiro passo, agora não, está se articulando todo um programa de pesquisa, mas é uma coisa que ainda está muito no começo, não é?
- S.S. – Uma coisa que surge como tema muitas vezes, nessa área sobre a ciência e a tecnologia, é precisamente a questão do planejamento da pesquisa científica. Principalmente da área de São Paulo vem sempre a crítica de que na realidade não se pode planejar, na realidade a pretensão do Conselho de ter uma política de planejamento da ciência é uma coisa burocrática que impede o desenvolvimento real da coisa, das áreas.
- O.L. – Há uma fase em toda vida humana em que tudo é improvisação, é individualismo. Há uma segunda fase em que a planificação tem que ser feita em todos os setores. Por que se projeta a ciência de guerra e não se projeta a Ciência civil?
- S.S. – A Ciência...?
- O.L. – De guerra, né?
- S.S. – De guerra. A melhor resposta seria que a de guerra é mais uma tecnologia do que

uma ciência.

O.L. – Não, é a própria ciência. No caso da energia atômica, a energia atômica se desenvolveu premida pela guerra. Quer dizer, foi o Fermi, baseado no Einstein, que mostrou que a energia atômica era viável. Ele fez uma conferência quando passou aqui no Rio, poucos anos antes da bomba atômica.

S.S. – Fermi?

O.L. – É, Enrico Fermi, italiano. Quando ele fez essa conferência Academia de Ciências do Rio de Janeiro, ninguém, ninguém sem exceção, acreditou que a energia atômica fosse para nossos filhos ou para nossos netos. Os Estados Unidos obrigaram-no a fazer a bomba atômica, pois souberam que os alemães estavam desenvolvendo. O Einstein foi ao Truman e fizeram aquele projeto Manhattan que deu origem a bomba atômica. Foi tudo praticamente sem tecnologia, passou sem aquela fase intermediária. Antigamente se descobria um troço qualquer, esperava que aquilo caísse no domínio dos cientistas, depois, quase que cinquenta anos depois, é que se aproveitava. Agora é logo. O caso do laser, por exemplo, da descoberta do laser a aplicação do laser são poucos anos. De maneira que o mundo todo mudou, mudou de velocidade, de aceleração. Estamos assistindo essas mudanças todos os dias, a tal ponto que a gente não pode prever o que vai acontecer em estruturação, em qualquer coisa. O fato é que, atualmente, com a mecanização, a automação, a transistorização, a computarização, o homem tem recursos de fazer essas coisas todas rapidamente e transmitir aos cientistas o que ele demorava a vida inteira para procurar nesses anuários, nessas coisas todas, uma notinha de informação de biblioteca para poder conseguir outra. No meu tempo era alguém que ia para a Europa, que ia procurar lá numa biblioteca um troço para poder copiar à mão. Depois apareceu a foto... como é?

S.S. – Fotocópia.

O.L. – É. Hoje com o xerox. O xerox fez uma coisa fantástica. Hoje com tudo computarizado, o sujeito pega aquilo num estantinho e obtém a informação que quer. Forçosamente, esse tipo dá muito mais conta do que deu nossa geração, apenas nós fomos mais individualistas, mais fortes, com uma atuação política maior, eles

ficam..., mais aí tem que ser criados os estadistas dentro disso. Então, uma direção de uma instituição científica tem que ser sempre de um estadista, ele pode ser cientista e pode não ser cientista. A instituição de ensino pode ser gerada no computador, tem que haver criação. Eu tenho a impressão que esse trabalho, sobretudo o que o Pelúcio está fazendo lá no Conselho de Pesquisa, vai ter resultados fantásticos. Eu não acreditei no começo, não. Custei muito a me convencer. Hoje me rendo a evidência que eles tem razão de planejamento, sabe? Era muito cedo, mas não pode perder um minuto. É para dar prioridade. Por que que em determinado momento a gente verifica que o gado leiteiro holandês cresce muito mais nos pastos ruins, não pode ser criado a solta, etc. e tal, e se importam os zebus da Índia e depois o Banco do Brasil passa a financiar zebu, como se zebu fosse feito de ouro? Milhares de contos num zebu quando um professor ganha uma miséria? Todas são necessidades, e então, examinando as necessidades, o Governo está sendo forçado a procurar os melhores elementos no setor, onde ele existir, no país ou fora do país. Há pessoas que fazem pessoalmente, o caso do Pelúcio é um. Se você chegar a ele pessoalmente e disser que tem um fulano de tal que precisa vir ao Brasil por isso, aquilo ou aquilo outro, ele vai, pessoalmente, conseguir pela FINEP ou por quem quer que seja, trazer esse homem. Mas de um modo geral, um ministro não sabe fazer isso, não pode fazer isso, porque não tem essa organização. Hoje, através do Conselho de Pesquisa, teórica mente é possível e deve ser possível.

S.S. – E na prática é bastante.

O.L. – Então, essa turma toda moderna já não é mais individualista, é a instituição que faz. Esses apanhados já são muito impessoais, completamente impessoais e muito bem feitos. Eu ainda não estou habituado, não sei como se faz.

S.S. – Bem, mas eu acho que essa é uma questão difícil, né? Quer dizer, quanto do individualismo deve permanecer?

O.L. – Não. O poder criativo do indivíduo, este tem sempre que ser aproveitado. Pode-se dizer, ainda que uma centelha, é a centelha mesmo. A Engenharia-Genética mostra, todo código genético, o sujeito vem, de repente o negócio está mal, esse não pode deixar de ser aproveitado, mas se aproveitava muito mal no passado. Me recordo dos

meus colegas mais, aparentemente mais, notáveis, que mais podiam produzir, nunca deram, nada, porque esbarravam em qualquer obstáculo na vida.

M.B. – Professor, voltando um pouquinho lá na Missão Abbink-Bulhões. Como é que foram chamadas as pessoas para participar dela, o sr. tem idéia?

O.L. – Não tenho idéia, nem no meu caso, também não sei.

M.B. – O sr. não sabe, não?

O.L. – Não sei se alguém me sugeriu, devem ter sugerido. Sempre nessas coisas tem alguém, não me meto nisso. Eu me recordo, por exemplo, quando Juarez foi ministro. Juarez foi meu colega de turma, depois ele largou a Escola de Engenharia, foi para a Escola Militar, depois voltou para terminar o curso na Engenharia. Foi meu aluno, depois era meu ministro. Eu me recordo que, uma ocasião, o ministro me chamou e pediu para eu dar uns palpites para ele de uns nomes para Diretor Geral da Produção Mineral. Sugeriu o Fleury da Rocha, que foi diretor da Escola de Minas de Ouro Preto e, na hora de fazer o decreto, eu não sabia até o nome completo dele. Uns indicam por ser melhor, outros indicam por ser mais amigo. É muito difícil, né?

M.B. – Agora, como é que o sr. vê a participação do sr. neste tipo de atividade, que seria uma atividade mais política e que, às vezes, é vista pelos cientistas...

O.L. – Não minha filha. Sou político aparentemente, mas eu sou apolítico, sou contrário à política, eu detesto política.

M.B. – Sim, sim, mas eu digo o seguinte: às vezes os cientistas acham que estão um pouco sujando as mãos quando fazem esse tipo de coisa. Quer dizer, como é que o sr. se vê em relação a esse tipo de problema ou como é que o sr. vê a opinião desses cientistas?

O.L. – Eu, de modo geral, apanho de todos os lados.

S.S. – O sr. apanha de todos os lados?

M.B. – O sr. apanha de todos os lados?

O.L. – Sempre apanhei sistematicamente. O cientista acha que deve fazer só ciência isolada, não deve fazer política.

M.B. – Pois, é o que o sr. acha, então, que seria mais enriquecedor?

S.S. – Por que o sr. apanha de todos os lados?

M.B. – É.

O.L. – É muito simples. É porque eu sempre quero... É minha idéia que o pensamento do Brasil... Em primeiro lugar, acho que gente no caso de botar a mão política tem que ser o melhor e não o que é mais antigo; tem que ser o melhor do país e não porque é carioca, tem que ser o melhor estrangeiro de outro país, porque aqui no Brasil não tem, então sempre procurando uma coisa dessas que interfere num interesse qualquer. Se o ministro faz uma besteira qualquer, eu sou muito amigo dele e digo que não é uma besteira. Nunca pude me esquecer quando o Juscelino foi eleito Governador de Minas. Eu fui almoçar lá com ele e com um grupo da Manesmann, da qual eu era diretor, e com esse comandante Paquet que ele chamaria depois. Então, na vista do Paquet, eu fui de uma indiscrição, eu disse assim: “Mas Juscelino, você escolheu o pior secretariado possível”. Está gravando?

S.S. – Posso desgravar.

N.X. – Professor, voltando um pouquinho atrás...

O.L. – Um segundinho.